NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: «DELFIM E SERAFIM» POR NATÁLIA NUNES

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 983 ANO 49.º PREÇO 1$50

CAMPEONATO MUNDIAL DE BERLINDE — Alunos de várias escolas inglesas seguem com grande emoção uma jogada de Alan Smith no campeonato mundial de berlinde efectuado em Tinsley Green (Sussex). A equipa Toucan Terribles, a que Smith pertence, foi a vencedora da modalidade pela décima quarta vez consecutiva

CONVENÇÕES DE TRABALHO PLURIDISTRITAIS

—esquema anunciado pelo dr. Silva Pinto

SANTARÉM, 2 — O próximo estudo da coordenação da actividade das delegações do Instituto Nacional do Trabalho, para evitar a celebração de convenções colectivas de âmbito reduzido, antes fazendo beneficiar delas vários distritos, foi hoje anunciado em Santarém pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto.

Aquele membro do Governo, que veio a esta cidade em visita de trabalho, era aguardado na delegação do I.N.T.P., pelos srs. D. Bernardo Mesquitela, governador civil do distrito; João Azevedo, presidente da Câmara Municipal; comandante da P.S.P., delegado e subdelegado do I.N.T.P. e presidente da Caixa de Previdência do distrito.

Na sessão de trabalho que se seguiu á visita ás instalações participaram também os srs. dr. Almeida Lima, chefe dos serviços da Acção Social, Luís Morales e Levy Vermelho, director do Serviço Nacional de Emprego e adjunto do mesmo organismo para a zona sul, e ainda os

(Continua na página central)

O SATURNO 5 que transportará a nave espacial Apolo 13, cujo lançamento está previsto para o próximo dia 11

O problema dos núcleos populacionais que sofrem carências globais de nutrição

apontado pelo secretário da Saúde nas Jornadas Internacionais de Pediatria

«Neste momento em que se procura rever a estrutura dos nossos serviços de cobertura médico-sanitária em escala nacional, aproveitando a experiência própria e a dos outros países, nos domínios da protecção materno-infantil, da educação sanitária e da saúde pública em geral, em convergência com o aperfeiçoamento dos dispositivos de assistência médica e de investigação aplicada, todos os problemas da saúde infantil e da nutrição precisam de ser tidos em linha de conta» — afirmou o secretário de Estado da Saúde e Assistência, prof. Gonçalves Ferreira, na sessão inaugural, esta manhã efectuada, na aula magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, das VIII Jornadas Internacionais de Pediatria, organizadas pela Sociedade Portuguesa de Pediatria e em que participam cerca de 130 clínicos portugueses e estrangeiros. O tema escolhido foi a «Malnutrição».

Ladeavam o prof. Gonçalves Ferreira, o presidente e a vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria, respectivamente dr. Armando Henrique Tavares e dr.ª D. Maria de Lourdes Levy, e o prof. Jean Sénécal, do Centro Hospitalar e Universitário de Rennes (França).

Em primeiro lugar, usou da palavra o dr. Armando Tavares que, a dada altura, disse:

— *Procurando contribuir para o estudo de quanto respeita á saude da criança e para a difusão dos progressos da Medicina infantil, nos seus 21 anos de vida, a Sociedade Portuguesa de Pediatria tem desenvolvido intensa actividade, que só pode ser compreendida pelo entusiasmo dos seus membros. Se a saude física e mental das crianças constitui uma riqueza inigualável no património das nações, se aos pais e aos médicos, muito especialmente, aos puericultores e aos pediatras compete uma vigilancia activa na protecção dessa saude, pertence ao Estado não descurar um só pormenor na orientação e no desenvolvimento dessa riqueza.*

Referindo-se ao tema escolhido para as jornadas, a (Malnutrição), o dr. Armando Tavares classificou-o como «um assunto que tanto tem preocupado e continua a preocupar os diversas centros pediátricos.

O presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria, que disse que o objecto das sessões seriam, principalmente, as perturbações nutritivas

(Continua na 15.ª página)

EUA: menos interesse pelo espaço

BOSTON, 2 — (R.) — Frank Borman, o comandante do voo da Apolo 8 em redor da Lua, afirmou, a noite passada, que o interesse americano no espaço estava a diminuir, agora que o homem conseguira efectuar um desembarque lunar.

Disse, ainda, que era agora mais difícil convencer as pessoas de que o que a N. A. S. A. estava a oferecer era importante.

Declarou, ainda, a jornalistas, após pronunciar uma conferência nesta cidade: «O que estamos a procurar a seguir é um veículo espacial que possa ser usado várias vezes, que seguirá da Terra para uma órbita e regressará para uma série de 100 voos.

«Pretendemos uma grande estação espacial em órbita, um laboratório permanente no espaço e novas explorações não tripuladas dos planetas próximos.»

UM MINISTRO COMO REFÉM DOS ASSALTANTES JAPONESES ?

SEUL, 2 — (R.) — Os assaltantes do avião comercial japonês, que se encontra há três dias retido no aeroporto local com cerca de uma centena de passageiros a bordo, anunciaram que estão dispostos a libertar todos os passageiros levando em troca como refém um ministro japonês, desde que ele consiga provar a sua identidade.

O vice-ministro japonês dos Transportes, Shinjiro Yamamoto revelou aos jornalistas ter-se oferecido aos assaltantes como refém em troca da libertação dos passageiros.

Um dos assaltantes do avião indicou os nomes de dois deputados socialistas japoneses, os quais serão aceites como fiadores idóneos da identidade do ministro japonês.

O presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria, dr. Armando Tavares, no uso da palavra, durante a sessão inaugural das VIII Jornadas Internacionais de Pediatria

HOJE 36 PÁGS.

VISADO PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

A 1.ª REGIÃO AÉREA

O comando da 1.ª Região Aérea tem nova sede, em edifício próprio construído em Monsanto e ontem inaugurado pelo ministro da Defesa Nacional, na presença de outras alta entidades militares e civis. Entre estas o secretário de Estado da Aeronáutica, e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes. No uso da palavra o secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento, salientou o significado da cerimónia. Foi em 1 de Abril de 1957, há 13 anos, que entrou em funcionamento o comando da 1.ª Região Aérea. Depois foi o ministro da Defesa Nacional quem se referiu aos trabalhos da Aeronáutica e, em particular, a certos momentos mais significativos da sua acção. Disse também não ser de esquecer que está em construção já o Pavilhão da Família Militar, continuando-se pois a trabalhar intensamente para a condigna instalação de diversos serviços militares.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. embaixador dr. Franco Nogueira, deputado por Lisboa, comodoro Gomes Ramos, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar; almirante Eugénio Ferreira de Almeida, eng.º Ferreira do Amaral, dr. Jorge de Melo, dr. Manuel Espírito Santo Silva, e João e Alberto Nogueira de Brito, com a sr.ª D. Maria Fernanda de Brito. Recebeu ainda estudantes da Madeira que vieram ao continente galardoados com o Prémio Almirante Américo Thomaz, instituído pela TAP para os melhores alunos das escolas primárias da Madeira.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Em Cabanas, concelho de Palmela, um automóvel conduzido pelo sr. Helder Lopes da Cruz Barreto, colheu o pequenito Gilberto de Jesus Reis, de 4 anos. O automobilista levou a criança ao Hospital de São Bernardo em Setubal. Veio depois para S. José, em Lisboa, mas ali chegou já morto.

O CICLO-MOTORISTA E O CAMIÃO

Em Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, o operário sr. Herculano Augusto Lopes, de 32 anos, morador em Santa Eulália. Ia atrás de um camião carregado de pedra, conduzido pelo sr. José Dias Navalho. Ao tentar a ultrapassagem, surgiu-lhe um tractor. Meteu-se entre os dois veículos, desequilibrou-se e caiu, sendo apanhado pelo rodado traseiro do camião. Era casado com a sr.ª D. Iracema de Jesus Pinto, professora primária em Santa Eulália. Ficam quatro filhinhos, o mais velho dos quais de 6 anos.

A UNIVERSIDADE DE LISBOA

O prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional, teve ontem nova reunião com o reitor, vice-reitores, directores das Faculdades e alguns professores e assistentes da Universidade de Lisboa. Tratadas em particular: medidas de urgência relativas ao aumento dos quadros de pessoal docente, técnico e administrativo das diversas escolas superiores, problemas de equipamento e instalações universitárias, e alguns aspectos relacionados com diplomas legais recentemente promulgados, nomeadamente os que se referem á instituição da carreira de investigador, á realização e coordenação da investigação científica, á atribuição de bolsas para preparação de doutoramentos e á elaboração das listas de universidades estrangeiras, cujo grau de doutor deve ser reconhecido.

A ARMA NA MALA

O mandarete do Hotel Internacional, no Porto, retirou as malas de um hóspede, depois de o automóvel parar á porta. Fernando Vieira de Azevedo, de 16 anos, pousou uma das malas á porta, com um pouco mais de força. Houve um tiro. Disparara-se uma pistola que ia na mala. E o Fernando Azevedo começou a gritar. Tinha uma bala na perna direita. No Hospital de Santo António foi-lhe depois extraída, sendo satisfatório o seu estado.

ESCULTORES ITALIANOS

No auditório da Fundação Calouste Gulbenkian foi iniciada a série de conferências dedicadas á exposição dos escultores italianos que ali se encontra neste momento. O primeiro conferencista foi o nosso prezado colaborador dr. José Augusto França. Tema versado: «Escultura Italiana e Escultura Ocidental». Recordou o papel privilegiado da escultura italiana dentro da cultura greco-romana renovada no Renascimento e alterada nos seus valores no Barroco, épocas que tiveram uma representação italiana determinante.

MELHORIA DO ESTADO DO TEMPO A PARTIR DO DIA 10

Segundo o boletim especial para a agricultura, do Serviço Meteorológico Nacional, o tempo em Portugal continental estará, de hoje até ao dia 9, sob a influência de massas de ar marítimo transportadas na circulação de depressões, com superfícies frontais associadas, que se deslocarão do Atlântico para a Europa; de 10 a 15 de Abril, um anticiclone centrado entre os Açores e a Península Ibérica provocará uma melhoria do estado do tempo, sobretudo nas regiões a sul do sistema montanhoso Lousã-Estrela.

É a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 15: *até 9* — Céu muito nublado ou encoberto alternando com boas abertas; períodos de chuva e aguaceiros; vento fraco a moderado, por vezes forte, nas terras altas, do quadrante oeste; temperatura média do ar superior aos valores normais na época; *de 10 a 15 de Abril* — A norte do sistema montanhoso Lousã-Estrela, períodos de céu muito nublado e possibilidade de aguaceiros dispersos; a sul do mesmo sistema céu pouco nublado ou limpo; em todo o território, vento fraco a moderado do quadrante noroeste; temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

FÁBRICA DE AÇUCAR DE BETERRABA EM ARAZEDE (Montemor-o-Velho)

A propósito de uma notícia que recentemente publicámos sobre a industrialização do açúcar de beterraba no Vale do Mondego, escreve-nos a Sociedade Cooperadora de Agricultura, Indústria e Comércio, S. A. R. L. (Agrinco), a informar que a instalação da referida fábrica está programada para a freguesia de Arazede, concelho de Montemor-o-Velho.

Visitas guiadas à exposição de bronzes italianos

Realiza-se amanhã, a partir das 11 horas, a primeira de uma série de visitas guiadas por escultores portugueses á exposição de Pequenos Bronzes de escultores italianos contemporâneos, patente na Fundação Gulbenkian. A visita é guiada pelo escultor António Duarte.

A inscrição para estas visitas poderá ser feita na Recepção da Fundação Gulbenkian, na Avenida de Berna, até á véspera do dia em que cada uma delas se realizar, não podendo, porém, ser ultrapassado o número de 30 participantes em cada uma destas visitas guiadas.

BFB 70/1

Tribuna livre

A SOCIEDADE DE CONSUMO

pelo prof. Naief Sáfady

Uma política de distorções informativas apoiada em atitudes pseudofilosofantes, tem levantado a tese de que vivemos numa sociedade contestadora. A base dessa sociedade derivaria da ideia de que estamos contra tudo, sem que nós próprios nos ofereçamos outra alternativa que não a de ser contra. *Nessa hipotética sociedade contestadora, a própria* contestação *passou a ser, também,* objecto *de consumo, tradutível em determinados produtos e subprodutos que rodam o mercado com razoável franquia de vendas.*

O que caracterizaria essa sociedade contestadora, do ponto de vista económico? Precisamente o facto de que ela pretende opor-se ao mecanismo do consumo. Portanto, a sociedade contestadora é contra *a sociedade de consumo. Pergunta-se agora: a sociedade de consumo constituiu-se em defeito? Ou é apenas o elemento fundamental da sociedade industrial? Pode-se conceber uma sociedade industrial que não seja obrigatòriamente uma sociedade de consumo, pelo menos no sistema capitalista?*

Não se trata aqui de defender esse ou aquele tipo de estrutura social. Trata-se apenas de obedecer aos factos irreversíveis que constituem o próprio cerne da sociedade industrial.

Ora, essa sociedade industrial apoia-se bàsicamente na produção, que compreende: 1, a indústria de base; 2, a indústria dos bens de consumo individual; 3, a infra-estrutura de serviços. Esses três elementos no processo do desenvolvimento, actuam conjunta, harmónica e compactamente, com o fito de se evitar distorções, que, normalmente, acabam por interferir num sistema inflacionário, com prejuízos evidentes para o trabalhador e para o homem da classe média.

Os países, de qualquer dimensão ou potencial económico, vivem cada vez mais uma política económica de características nitidamente supranacionais. Paralelamente, o consumo também assume nítida feição supranacional. Quando a economia nacional se encontra num processo de industrialização incipiente, a tendência do consumidor é ambígua: de um lado, reputa o produto nacional uma boa porcaria, e, de outro lamenta aos quatro ventos que tudo que tem de consumir é importado.

Em contrapartida, quando a

(Continua na 15.ª página)

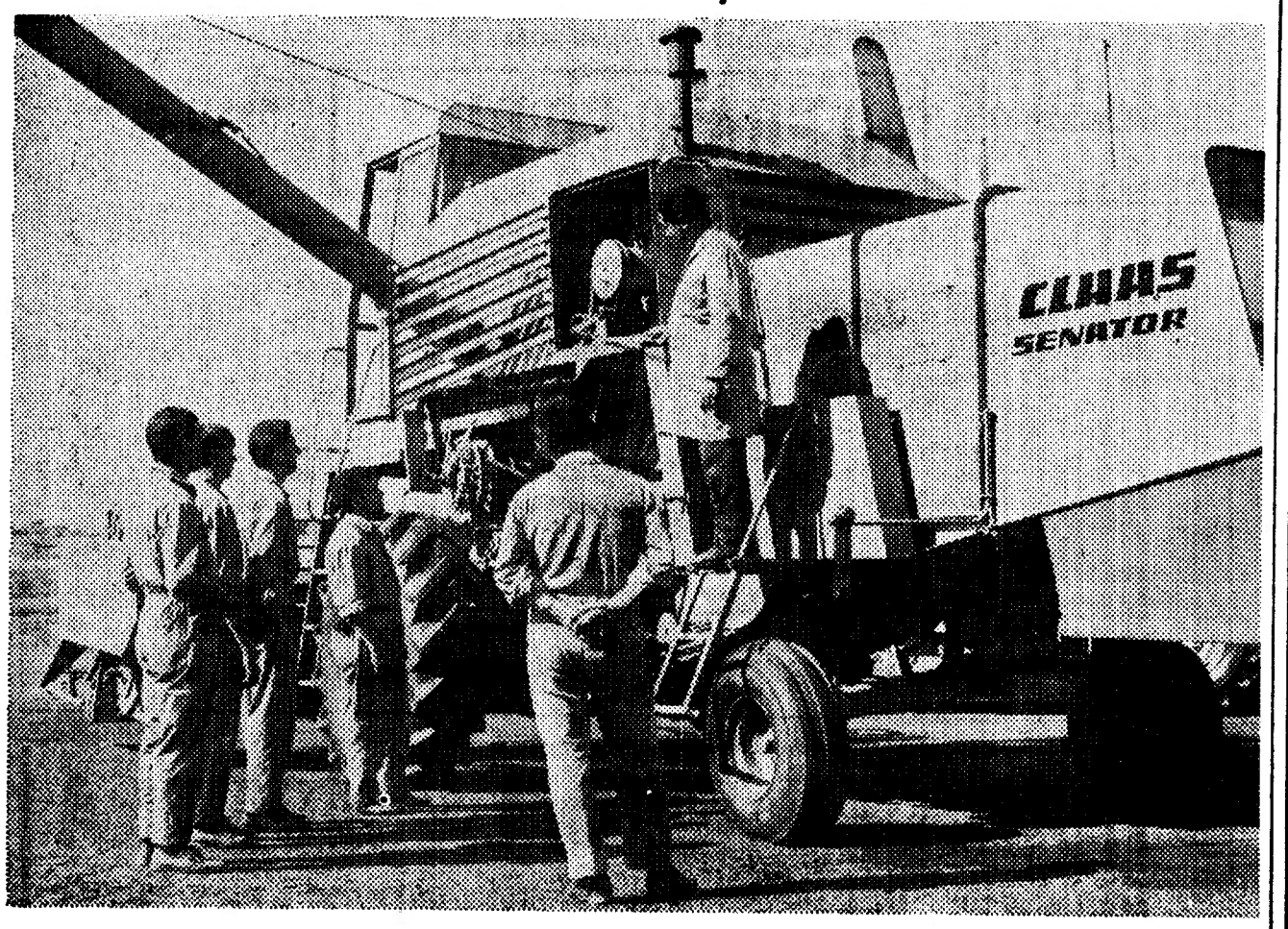
RESTAURANTE
HOTEL D. FUAS
Ó LACERDA
Sempre marisco vivo no seu viveiro dentro do Salão
Único no País
Tel. 46351 NAZARÉ

COLABORAMOS CONSIGO

damos-lhe o perfeito conhecimento da sua ceifeira-debulhadora

Os nossos Cursos de Ensino e Treino proporcionam-lhe a prática necessária para o melhor rendimento

Para que a sua Ceifeira-Debulhadora dê o melhor rendimento, necessário se torna conhecê-la a fundo, saber manobrá-la de modo a obter dela tudo o que as suas capacidades oferecem. É por isso, Senhor Lavrador, que organizamos, Cursos de Ensino e Treino, gratuitos, destinados à preparação dos futuros manobradores. Inscreva-se desde já.



SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras

CLAAS '70

Nota do dia

O SER E O PARECER

TODA A GENTE SABE o que é «tirar uma licença». É ir à Câmara Municipal e requerer, preencher uns papéis, pagar umas taxas. E agora quando é que está pronta? Os interessados faziam a pergunta mas a respeito da resposta não havia quem fosse capaz. O melhor seria passar por lá, daí a dias, daí a semanas, não se sabia bem quando, o melhor era aguardar, depois se via. Como não havia outro remédio, pelo menos outro remédio cuja tentativa parecesse na conta de confessável, pois que remédio, o paciente, queremos dizer o interessado resignava-se a esperar.

Resignava-se quando podia, é o caso. Quando podia e enquanto podia. As vezes até se fartar, porque havia mesmo quem se fartasse e desistisse, paciência. De um caso sabemos nós em que procurou uma importante empresa industrial transferir as suas instalações para outro local que lhe pareceu mais possível para a sua expansão e o seu futuro. Queria instalar equipamento novo que escolheu e comprou. Tinha já o terreno, a planta, o projecto, o estudo completo. Um técnico estrangeiro que havia de controlar e garantir a instalação veio não se sabe quantas vezes a Lisboa e todas as vezes se retirou porque o projecto não estava aprovado.

Mas então isto como é? O técnico estrangeiro não percebia, porque lá na terra dele, cos diabos, aquilo era uma formalidade. Mas por cá não. Era outra coisa, por quem é que nos tomam? Era preciso esperar, cumprir formalidades, esperar, aguardar a vistoria, esperar, faltam uns pareceres esperar, o engenheiro está doente ou o serviço é muito, que tivessem paciência. E da licença nada, com o tempo a passar e a paciência a esgotar-se, que é coisa que às vezes acontece, como aconteceu dessa vez. Não veio a licença e foi-se a paciência. A empresa interessada desistiu da licença, do técnico, do terreno e mais da obra.

Outro caso podemos citar. Era o de uma grande obra que era preciso acabar em prazo certo, por haver compromissos assumidos ao mais alto nível. Havia tudo, os estudos, os projectos, o material, o pessoal, a empreitada entregue. Mas a obra não andava porquê? O que é que os senhores querem, falta a licença. Enquanto não vier a licença não podemos andar. O «grande patrão» perdeu a cabeça, talvez melhor se dissesse que a conservou no seu lugar: que andassem para a frente sem licença nem nada, se viessem os fiscais que não parassem, se multassem que não pagassem, iria ele a tribunal responder pela «desobediência». Que é que aconteceu? Acabou-se a obra a tempo.

A estas e outras procura acudir o decreto-lei aprovado esta semana em Conselho de Ministros remodelando o regime de licenciamento de obras pelas câmaras municipais. A fiscalização prévia dos projectos é substituída pela responsabilidade dos técnicos que os subscrevem. Fixam-se prazos para as decisões camarárias, findos os quais os projectos se têm por aprovados. Quem indeferir as licenças deverá justificar o indeferimento. Quem aprovar os projectos deverá fundamentar a aprovação. Pequenas obras, como as de limpeza e conservação dos prédios, passam a ser dispensadas de licença. Aumentam-se as facilidades e, naturalmente, aumenta a responsabilidade.

Não sabemos ao certo quais os inconvenientes que venham a revelar-se com a aplicação do novo sistema. É perfeitamente admissível que a prática venha a evidenciar alguns. De qualquer modo, parece salutar que se ensaie um regime para substituir outro que tantas e tão justificadas razões de queixa suscitava, com demoras aparentemente absurdas, tudo parado à espera não sabe de quê, com todo o cortejo de prejuízos e até de suspeições daí resultantes. Porque aos serviços, como à mulher de César, não lhes basta ser honestos, precisam de parecer que o são.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

EMBAIXADA FILIPINA DE CULTURA E BOA VONTADE

FILIPINESCAS
DANCE COMPANY 1970

BALLET • FOLCLORE • HISTÓRIA • LENDA • TRADIÇÃO

com
RACHELLE GOQUINGCO
REYNALDO LIMCACO

E EMMANUEL BATULAN
ELOISA DEL ROSARIO — JOSE JAVIER
ELIZABETH DEL ROSARIO — FRANCISCO LUMEN
DEANNA GAERLAN — CONRADO PÁSCUAL
NORA HERRERA — ARMANDO JAVIER
TERESITA HERNANDEZ — RAUL ROSALES
RAMONA ENCARNACIÓN — PEDRO ABRAHAM
SONIA LACHICA — ROLANDO DIONISIO
CIELO CONDES — DOMINGO GARCIA
YVONE PINTOY — ROLANDO BALIÑGIT

Produção e Direcção de
LEONOR OROSA DE GOQUINGCO

MARIA DO ROSÁRIO BETTENCOURT

JIRINA'S COMBO
FORMA 5 COM VITOR E PAUL
FERRER TRINDADE e sua Orquestra
(M/21 anos)
Às 23 e 30 e à 1 e 30 no Wonder Bar

BIJOU DE VIENNE

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 (M/12 anos)
BOLA DE FOGO 500

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «A Aventura» («L'Avventura»)
REALIZAÇÃO — Michelangelo Antonioni, 1960 (Itália)
INTÉRPRETES — Gabriele Ferzetti, Monica Vitti, Lea Massari, Dominique Blanchar, Renzo Ricci, James Addams, etc.

«A Aventura» é um filme importante, como todos os filmes de Michelangelo Antonioni. E um filme importante é *sempre* um filme *a não perder*. «A Aventura» é, portanto, e para além de todas as limitações que hoje em dia se lhe possam apontar, um filme a não perder.

Posto isto, «L'Avventura» data de 1960. A obra de Michelangelo Antonioni assinala o início de um *ciclo* que se vai prolongar em «A Noite» («La Notte», 1961), «O Eclipse» («L'Eclisse», 1962) e «O Deserto Vermelho» («Deserto Rosso», 1964), um ciclo durante o qual Antonioni vai analisar alguns aspectos da burguesia italiana, referindo a crise de sentimentos que a caracteriza e que se torna particularmente visível a partir de meados dos anos 50, após o ressurgimento económico da Itália do pós-guerra e durante os primórdios daquilo a que se convencionou chamar o «milagre» italiano e também *il boom*.

Depois de «O Grito» («Il Grido», 1957), Antonioni (que se filiara até aí num cinema de raiz romanesca, ainda que denso, rigoroso), resolve explorar outros caminhos, trocando o meio operário do Vale do Pó pelos meios burgueses das grandes cidades. Esta mudança de direcção não representou, no entanto, uma ruptura no seu pensamento. Apenas um deslocar de preocupações que passaram a ser expressas segundo uma outra estruturação dramática. «A Aventura» lança as primeiras bases de um cinema intencionalmente lento, que se comparou já ao *nouveau roman* não sem razão, feito de silêncios e de quebras de movimento, um cinema de olhares e de objectos, um cinema que se queria profundamente *pessoal*. Não foi de estranhar, portanto, a reacção do público de Cannes (em 1960) ao receber a fita com apupos e gritos de raiva. Um crítico afirmaria nessa altura: *«Trata-se de uma obra de luxo composta para cinco mil espectadores em todo o mundo»*. Felizmente alguns críticos também se enganam e, hoje em dia, em obras muito mais herméticas e difíceis, Antonioni conta com sucessos comerciais verdadeiramente fabulosos (vide casos de «O Deserto Vermelho» ou «Blow-Up», por exemplo).

Regressemos, porém, a «Aventura». Antonioni, numa entrevista publicada na época da sua estreia, explicou o filme da seguinte forma: *«Superficialmente «L'Aventura pode parecer uma história de amor um pouco misteriosa. Durante uma excursão, uma rapariga desaparece. Isto cria um vazio que é seguidamente preenchido por outros acontecimentos; para o noivo e para a amiga da jovem, a sua procura torna-se numa espécie de itinerário sentimental, no fim do qual ambos se encontram numa situação nova e verdadeiramente imprevista.»*

Na verdade, «A Aventura» consegue, de início, criar um clima de filme policial que se vai desenvolver ao longo de toda a obra, mas de que o centro da acção se vai progressivamente afastando. História de um amor, «A Aventura» é, antes de tudo o mais, relato de uma degradação humana. Degradação que se irá reflectir na figura de Sandro, um arquitecto que lentamente vai cedendo perante novas ofertas que lhe calam os projectos dos seus 23 anos; na figura de um empregado de hotel, verdadeiro *robot* de eficiência e de desumanidade; no círculo de amigos que organizam a excursão até ás ilhas Líparis e na pintura dos quais Antonioni exerce uma crítica violenta e desa-

(Continua na 6.ª página)

UM FILME A NÃO PERDER

F. N. A. T.
Ópera para trabalhadores
COLISEU DOS RECREIOS
TEMPORADA POPULAR
DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho concede **descontos especiais aos seus beneficiários, aos sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos C. R. P.** para a ópera.

ERNANI, de G. Verdi
3.ª-FEIRA, DIA 7 DE ABRIL
Principais intérpretes: Antonieta Stella, Amedeo Zambon, G. Giacomo Guelfi, Agostino Ferrin

Os bilhetes encontram-se à venda a partir de 6.ª-feira, dia 3, na Sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, a partir das 9.45 horas.

— M/ 12 ANOS —

COLISEU
HOJE, às 21.30 h.
(Maiores de 12 anos)
O empolgante filme
CAPITÃO SINGRID
A maior aventura na selva africana
PREÇOS POPULARES

MARIA VITÓRIA
ADULTOS

• UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

• UMA REVISTA DE ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

• FOI UM ENORME ÊXITO A ESTREIA, ONTEM, DA SENSACIONAL REVISTA

• O PRATO DO DIA!...

• HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS

• UM GRANDE TRIUNFO DE PRODUTORES, AUTORES, COMPOSITORES, DIRECTORES DA MONTAGEM, FIGURINISTA, GUARDA-ROUPA E DE TODA A MAGNÍFICA COMPANHIA!

JOSÉ VIANA

AIDA BAPTISTA

BARROSO LOPES

• UMA REVISTA COM:
• GRAÇA ÀS CARRADAS!
• CRÍTICA DE OPORTUNIDADE!
• BELA MONTAGEM!
• LINDA MÚSICA!
• GUARDA-ROUPA DE BOM-GOSTO!
• FORMOSAS MULHERES!
• UM ÊXITO EXCEPCIONAL!

«A REVISTA ESCRITA PARA O SEU PALADAR!»

OCTÁVIO DE MATOS

• DOMINGO, 1.ª GRANDIOSA «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •

LUTECIA
SNACK-BAR
AMBIENTE ★ CONFORTO ★ GASTRONOMIA
PREÇOS NORMAIS
ABERTO ATÉ ÀS 2 DA MANHÃ
Av. Frei Miguel Contreiras — á Avenida de Roma
No mesmo edifício que o Cinema Vox e Teatro Maria Matos

BELA MONTRA
MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES
EM TODOS OS ESTILOS
RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 a 16
TELEFONES: 534457/59

O MESMO SABOR (COM ALGUMAS PITADAS NOVAS) NA REVISTA «PRATO DO DIA»

Nestes tempos em que tanto se fala de evolução, mal pareceria que o espectáculo de revista, que deveria pretender-se especialmente inconformista, audacioso e atrevido, não reivindicasse mais do que o direito, a obrigação de se renovar. Infelizmente, o impossível ás vezes acontece e a chamada revista á portuguesa teima em manter-se alheia ao movimento, teima em virar as costas ao mundo.

Este «Prato do Dia» ontem estreado no Maria Vitória é exemplo bastante eloquente de uma suficiência que acaba por se transformar em pobre auto-suficiência. E, no entanto, por ironia, é nesta mesma revista que vamos encontrar motivos que provam a sem-razão dos que defendem a todo o preço a existência de um espectáculo imutávelmente tradicionalista. Sempre que a pornografia, a falta de gosto, a tentação do fácil e do demagógico (ou seja, do fácil e demagógicamente estupidificante) cedem o lugar ao «prato» saboroso, inteligentemente servido, servido com limpeza, a revista sobe extraordinàriamente de nível e consegue interessar-nos, chega até a servir como exemplo. Sempre que a piada (geralmente sem graça) dá lugar ao humor; a falta de imaginação é substituída pelo «golpe de asa» (embora não estonteante); o mau gosto e a subserviência cedem a vez á coragem da crítica aberta, á coragem do original (ou quase) — sempre que houve, enfim, capacidade e talento para tentar romper um novo caminho, «Prato do Dia» fez-nos entrever o que poderia conseguir-se a partir de uma nova estruturação do espectáculo. Estruturação no que diz respeito ao poema e, sobretudo, no que diz respeito á música, parte essencial do espectáculo. Se já vislumbramos nesta revista alguma coisa de diferente e de mais saudável no que se refere a poema, em relação á música tudo continua na mesma, tudo continua por fazer.

O quadro mais ambicioso e o que mais prometia seria o da «Barca do Inferno», inspirado em Gil Vicente. Infelizmente, a ideia não foi resolvida ao mesmo nível e nesse quadro, afinal, só se aproveita o excelente trabalho de José Viana. Um quadro conseguido é o do «Banco para toda a gente» (em que Vítor Mendes caricatura muito bem uma personagem política nortenha), onde há uma alusão puramente mímica mas muito acerada á mistificação proposta pela publicidade bancária. Todavia, o melhor momento da revista, aquele que mais finamente demonstra a possibilidade de um humor português inteligente e subtil pertence a Aida Baptista, na «D. Perpétua Alegria», onde o humor negro se casa lindamente com a alusão política. Lembrarei, ainda, o quadro «O Inovador», com José Viana, que possui uma certa graça gráfica e de onde não está ausente uma acertada crítica a um estilo de analfabetismo.

As canções da francesa Sabrina, numa das quais há um momento coreográfico inspirado no famigerado «Hair», contrastam sensìvelmente com a má qualidade da música «portuguesa», incluindo as das canções bisadas que Anita Guerreiro canta á sua maneira. Os figurinos pelintras do quadro da «Rita Latosa», bem defendido por Dora Leal (o seu único trabalho digno de menção), e dois ou três arranjos de cena, em especial nas apoteoses, provam as possibilidades nesses capítulos de Juan Soutullo (dever-se-á a falta de meios materiais a pobreza e o mau gosto de outros quadros?) e dos outros colaboradores.

O resto é palha, quando não é outra coisa. Alguns *quiproquos* linguísticos bem achados não absolvem o texto da sem-graça e das obscenidades já assinaladas (como é que ainda se podem dar piadas ás sogras, á Vera Lagoa, ás baladas?).

Octávio de Matos consegue aguentar o «compère» graças á sua própria fragilidade. Barroso Lopes usa e abusa dos tiques do costume. José Viana distingue-se em todas as suas interpretações. Lamenta-se que o seu grande poder de comunicação seja por vezes utilizado no mau sentido do fácil, do subserviente. Penso que o público merece mais respeito — e que a melhor maneira de o respeitar será tentar explorar a sua perspicácia, não a sua involuntária ignorancia (ou capacidade de alienação).

CARLOS PORTO

FICHA TÉCNICA DO ESPECTÁCULO

Autores: Aníbal Nazaré-José Viana; Compositores: João Nobre-Carlos Dias; Figurinos: Juan Soutullo; Cenografia: Hernâni e Rui Martins. Com: José Viana, Aida Baptista, Barroso Lopes, Dora Leal, Mariano Franco, Vítor Mendes, Carlos Miguel, Octávio de Matos, Anita Guerreiro, Sabrina, Dina Maria, Cristina Cassola, etc.

DEPOIS DE AMANHÃ NO PAVILHÃO: FESTIVAL DA IMPRENSA

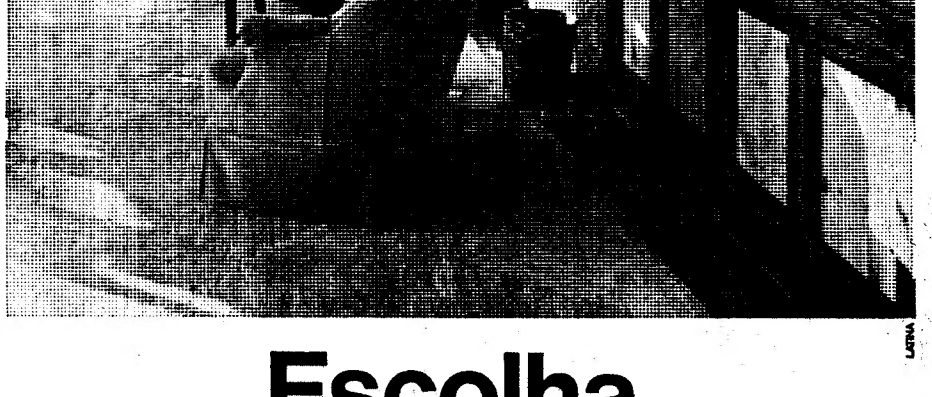
É já depois de amanhã que a Casa da Imprensa realiza, no cenário amplo do Pavilhão dos Desportos, a festa anual dos jornalistas para entrega dos «Prémios da Imprensa».

A decoração do Pavilhão dos Desportos (verdadeiramente atraente) é inédita este ano e foi possível graças á colaboração do produtor Vasco Morgado.

Recordamos os nomes em parada neste «show» invulgar: Ada de Castro, Adriano Correia de Oliveira, Alice Amaro, Ana Hortense, Antónia Tonicha, António Frazão, António Mourão, António Rocha, Esmeralda Amoedo, Eugénia Lima, Fernanda Damaso, Fernanda Guerra, Fernando Maurício, Fernando Ribeiro, Fernando Tordo, Florbela Queiroz, Florência Rodrigues, Francisco José, Francisco Martinho, Francisco Nicholson, Gabriel Cardoso, Helder Martins, Joaquim Cordeiro, José Afonso, Julia Babo, Lenita Gentil, Leónia Mendes, Mafalda Sofia, Manuel de

(Continua na pág. seguinte)

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o
BANCO DO ALENTEJO
Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas



Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

BRAUN
Lembre-se
que com a máquina de barbear Braun faz a barba para todo o dia.
● A única máquina que escanhôa em profundidade
À venda nas boas casas da especialidade
Representantes:
FRIAL — Av. Brasil, 40-A
Distribuidores no Norte:
ARNALDO TRINDADE & C.ª, LDA.
R. St.ª Catarina, 117—Porto

SE TEM AUTOMÓVEL
realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro, até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º Dt — Telef. 40049 563751
Aguardo sua visita telefonema

VÁ HOJE AO TEATRO!
MONUMENTAL • LAURA ALVES
T. 555133 (ADULTOS) I. 864756 (ADULTOS)
VASCO MORGADO apresenta
LAURA ALVES
na comédia francesa
POBRE MILIONÁRIA
com PAULO RENATO
RUI DE CARVALHO
HOJE, à noite, às 21.45 h
Domingos, à tarde, às 16 h
EM 5.º MÊS
FORJA DE ALVES REDOL
CARMEN DOLORES
JACINTO RAMOS
nos protagonistas
HOJE, À NOITE, às 21.45 h.
Sábados, à tarde, às 16 h.
Domingos, 2 «matinées»:
Às 16 e às 18 h.
À NOITE, às 22 h.
Aos sábados, às 16 h. e Domingos, às 15 e 30, PARAÍSO INFANTIL para maiores de 4 anos no TEATRO MONUMENTAL

teatro VARIEDADES
HOJE
As 21 45 h. (Adultos)
GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO
apresentam
Quando ela se despiu...
Encenação de Santos Carvalho
com CAMILO e FLORBELA, Maria Adelina, José Amaro, Carmen Mendes, Helena Cardinalli, Maria Alvim e Nelo Duarte
Farsa de Claude Magnier
Tradução de Marina Morais
✲ DUAS HORAS A RIR! ✲
Domingos, à tarde, às 16 h

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 4.ª página)

edada; ou, sobretudo, na gura de Claudia (Mónica itti), mulher que lentamen- vai fazendo do ócio forma e existência, até perder o ómínio dos próprios senti- entos (*«Há poucos dias, ao ensar que Anna poderia es- r morta, sentia-me morrer mbém. Agora já nem cho- . Do que tenho medo é ue ela esteja viva. Tudo se tá a transformar com de- asiada facilidade. Até a dor arece desaparecer»*). Tam- m em Anna que, perante derrota inevitável, preferiu suicídio.

Solidão e incomunicabili- ade no seio de uma socie- ade capitalista, ferozmente dustrializada, eis o tema «A Aventura». Um tema que se irá repetir em «A Noite», «O Eclipse» ou «O Deserto Vermelho». Agonia dos sentimentos num meio social habituado á cedência e ao disfarce, «A Aventura» reflecte, porém, um ou outro aspecto em que é visível o seu envelhecimento. A lentidão da sua escrita era ainda um elemento de estilo mal dominado por Antonioni, bem assim como um ou outro rebuscamento da imagem (enquadramentos e movimentos de camara) extremamente denunciado. São, por outro lado, evidentes a beleza de grande parte dos seus planos (nomeadamente na sequência das ilhas) e a intencionalidade da narrativa, profundamente estudada e minuciosamente cumprida.

LAURO ANTÓNIO

SARAU EM LEIRIA COM A TUNA ACADÉMICA

LEIRIA, 2 — A delegação local da Cruz Vermelha Portuguesa promove, amanhã, ás 21 e 45, um sarau, no Teatro José Lucio da Silva, com a Tuna Académica de Coimbra.

O FESTIVAL DA IMPRENSA

(Continuação da pág. anterior)

Almeida, Manuel Freire, Maria da Glória, Maria José Valério, Maria Valejo, Paulo Jorge, Rute, Teresa Silva Carvalho, Tino Costa, Tónia, Valério Silva e Xavier de Oliveira.

Convidados especiais: Artur Agostinho, Ary dos Santos, Augusto Cabrita, Beatriz Costa, Carlos Paredes, Hermínia Silva, Igrejas Caeiro, Io Apoloni, João Maria Tudela, Madalena Iglésias, Maria Leonor, Ouro Negro, Pedro Moutinho, Raul Solnado, Simone de Oliveira e Tony de Matos.

As atracções estrangeiras. Andreia, Gerard Sotto, Nadine Joel, Sabrina e o Ballet «Maxime» (com o cançonetista José).

Os agrupamentos: Chinchilas, Conjunto João Paulo-70 (com a cançonetista sul-africana Vickie), Os Três de Portugal, Simdicato, Quarteto 111, «The Beatniks», Trio Harmonia e o Conjunto Zé Pedro (com Fernando Rios).

Os guitarristas António Chaínho, António Pacheco, Carlos Duarte, José Maria Nóbrega, Jaime Santos e Martinho da Assunção.

Apresentação por Ângelo Granja, Carlos Cruz, Carlos Lacerda, Carvalho Ramos, Elsa, Fialho Gouveia, Glória de Matos, Gioconda Ferreira, Isabel Wolmar, João Martins, João Paulo Guerra, Jorge Dias, Laura Soveral, Luís Filipe Costa, Manuel Aragão, Maria Aurora, Maria José Baião, Marques Vidal, Mendes Martins, Numo Martins, Paulo Fernando, Raul Durão, Rui Pedro, Rui Romano e Ruy Castelar, com acompanhamento de orquestra dirigida pelo maestro-compositor Tavares Belo.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda na Agência A. B. E. P. e nas sucursais dos jornais «Diário de Notícias», «O Século», e «Diário Popular».

O espectáculo é para maiores de 6 anos.

Romance que encanta, apaixona e enternece

O DESTINO MARCA A HORA

Com TONY DE MATOS

MAIORES DE 12 ANOS

ODÉON

8.ª SEMANA

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

ADULTOS

o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE, ÀS 21 e ÀS 23 HORAS

IO APOLONI

é a excitante compradora de visons na comédia

O VISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

MELHOR FILME DO ANO!

PRÊMIO DA ACADEMIA INGLESA DE CINEMA

candidato a 5 oscars

PRODUÇÃO DE JEROME HELLMAN-JOHN SCHLESINGER

DUSTIN HOFFMAN

JON VOIGHT

"MIDNIGHT COWBOY"

O COWBOY DA MEIA-NOITE

PRÉMIO O. C. I. C.

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO PARK

ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.30

UM DOS MAIS IMPORTANTES FILMES DA ACTUALIDADE

SUGESTÃO: — PARA EVITAR INCONVENIENTES DE AGLOMERAÇÕES DA ÚLTIMA HORA, ACONSELHAMOS A AQUISIÇÃO DE BILHETES COM ANTECEDÊNCIA.

BRENDA VACCARO JOHN McGIVER RUTH WHITE SYLVIA MILES BARNARD HUGHES

ARGUMENTO WALDO SALT DA NOVELA DE: JAMES LEO HERLIHY PRODUTOR JEROME HELLMAN REALIZAD. JOHN SCHLESINGER

MÚSICA JOHN BARRY "EVERYBODY'S TALKIN'" POR NILSSON COR DE LUXE

ADULTOS

SOGO United Artists

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

8.ª SEMANA DE ÊXITO

INCOMPARÁVEL DA DIVERTIDISSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS

Sábados e Domingos também ás 16 h.

(Maiores de 17 anos)

Produção de IGREJAS CAEIRO

Domingo, às 11 h. da manhã «CONCERTO EM DIÁLOGO DA J. M. P.»

ABC

T. 366745

JOSÉ MIGUEL apresenta a revista

PEGA DE CARAS

com IVONE, TONI, NICOLAU, F. BAPTISTA, Óscar Acurcio, Linda Silva, Clarisse Belo e Maria Eva, á frente de um grande elenco.

DOMINGO «MATINÉE»

CAPITÓLIO

Telef. 320379

às 21.45 horas

(M. 17 ANOS)

A CELESTINA

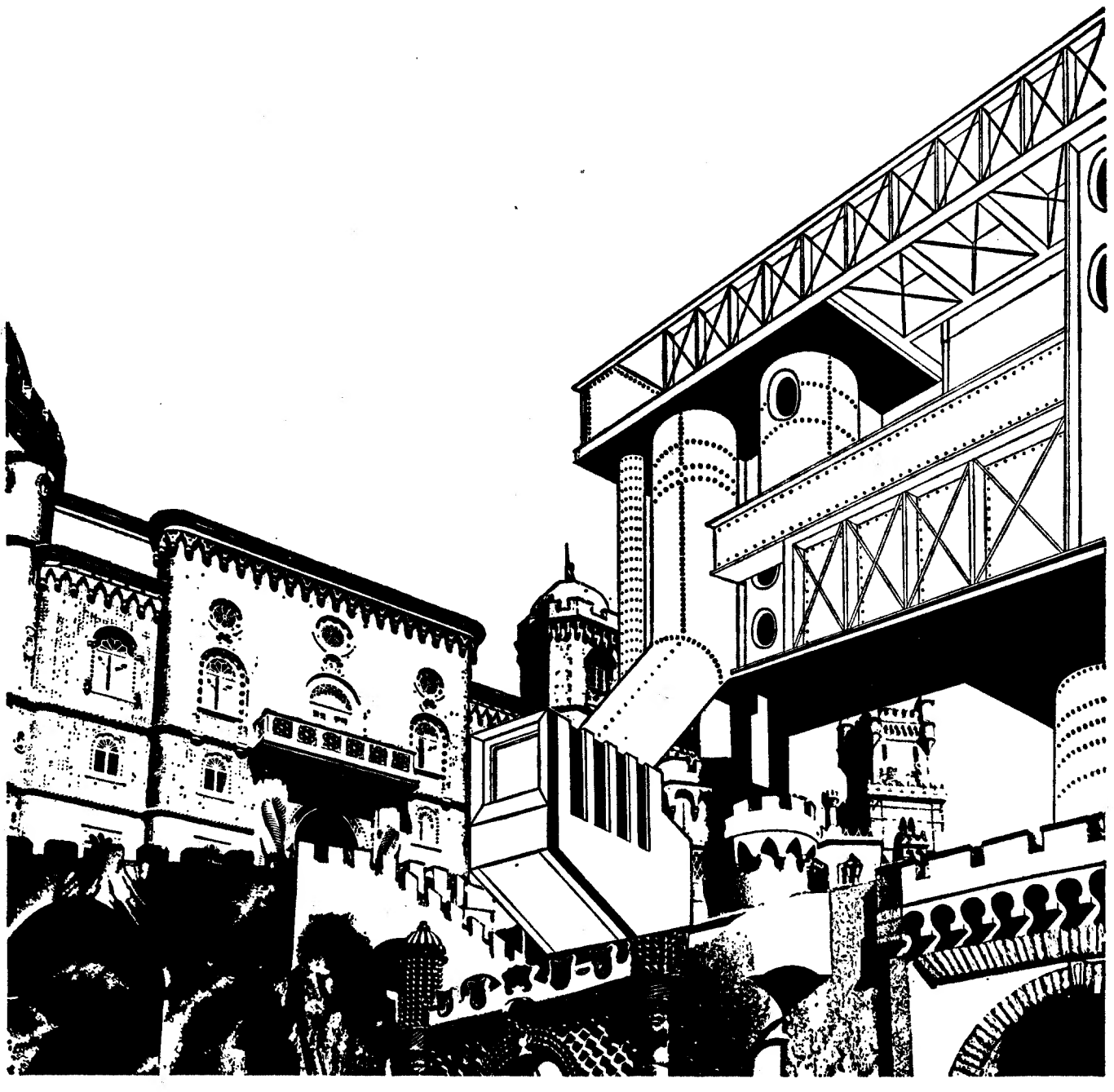
versão de A. CASONA

trad. de David Mourão-Ferreira

com AMÉLIA REY COLAÇO

Sábado e Domingo — Tarde, ás 16 horas

REVALORIZAÇÃO RÁPIDA E REVALORIZAÇÃO PROGRESSIVA



As aplicações de capital podem ter uma revalorização rápida ou progressiva. Quer isto dizer que enquanto umas têm uma valorização constante, superando imediatamente as flutuações do mercado monetário, as outras só possibilitam uma valorização a médio ou longo prazo, tempo em que, simultâneamente, decorre uma desvalorização real.

Este caso é ainda mais evidente, quando se consideram aplicações de capital aparentemente semelhantes que só se distinguem pelo tipo de valorização que têm. A reprodução ou multiplicação do capital é acelerada no primeiro caso enquanto que o segundo representa o que vulgarmente se chama um empate de capital, inconveniente para a pequena ou média poupança que não tem vantagem em estar imobilizada, sujeita aos efeitos normais da inflação.

2

ECOS

SURGIU nos Estados Unidos, criada e aperfeiçoada por uma equipa de técnicos do Instituto Stanford da Califórnia, uma nova máquina de leitura para os cegos. Chama-se «Optacon» e permite aos invisuais lerem com os dedos. Decifra os textos impressos normalmente e faz vibrar pequenos pauzinhos que o cego toca. É possível deste modo lerem-se sessenta palavras por minuto. É menos rápida do que a leitura **braille**, mas nem todos os textos estão transcritos em **braille**, enquanto o «Optacon» permite ler seja o que for: livros, jornais, notas de banco, cartas dactilografadas. Só existem ainda seis protótipos do «Optacon», que custaram dois mil dólares cada um. Mas pensa-se utilizar os métodos de fabricação em massa dos circuitos electrónicos para colocar o aparelho ao alcance de todos. Esperamos vê-lo em breve no nosso País, através da Assistência Social.

★

É na sensibilidade que reside a raiz da estética. O que é belo é primeiramente sensível, apela para os sentidos; é um objecto de prazer, objecto de pulsões não sublimadas. Todavia, o Belo parece situar-se — adverte um filósofo americano — a meio caminho entre os fins sublimados e os fins não sublimados. «A beleza não é um carácter essencial, orgânico», do objecto (...) — a sua presença pode mesmo desencorajar a pulsão não sublimada! —; em contrapartida, um teorema matemático pode dizer-se «belo», mas só em sentido figurado e altamente abstracto.» Conclui o pensador em questão que as diversas conotações da palavra «beleza» convergem na noção de Forma. E para ela a Forma é a negação e o domínio da desordem, da violência, do sofrimento, mesmo quando precisamente mostra a desordem, a violência ou o sofrimento.

★

NÃO podem deixar de recordar com saudade e veneração a figura de Jérôme Carcopino os que leram a sua «Vida quotidiana de Roma no apogeu do Império» e essa «Basília Pitagórica» relacionada com outro dos seus livros mais aliciantes: «Virgílio e o mistério da IV Écloga». A personalidade fascinadora de César, as obscuridades e os clarões da vida religiosa em Roma, os segredos sobre a correspondência de Cícero — tudo isso nos surge na obra de Carcopino, que foi, segundo declarações públicas de Fellini, um dos inspiradores do «Satiricon». Artista e historiador, erudito e clarividente nas suas análises, Jérôme Carcopino realizou — como «último romano» (definição que dele dá Pierre Grimal no «Figaro Littéraire») — um tipo de humanista algo desprendido do presente na sua paixão pelo «facto latino» mas que, de todo a maneira, é para desejar que deixe semente numa cultura de mais ampla e actualizada perspectiva.

★

WILLIAM MORRIS, grande e por demais ignorado escritor do séc. XIX, autor das «Histórias de lado nenhum», precursor da ficção premonitória, fazia dizer aos homens do futuro: «Agora finalmente produzimos não já para o lucro mas para a satisfação das necessidades, para a felicidade, para a vida.» Será que chegaremos ainda em nossa vida a esse belo mundo imaginário?

★

A tarefa fundamental dos planificadores da sociedade do futuro consiste em oferecer a cada homem a possibilidade real de se tornar efectivamente um homem, ou seja, um criador, segundo a teoria de um pensador contemporâneo germano-americano. Ser criador refere-se neste caso a todos os níveis da existência social: o da economia, o da política, o da cultura.

Empregados de escritório e caix do distrito de Aveiro (três m pretendem um novo contrato colo

Em Julho de 1963 — há, portanto, cerca de sete anos — os empregados de escritório e caixeiros do distrito de Aveiro, tiveram o seu último contrato colectivo de trabalho. A vida, entretanto, aumentou.

Dentro dos próximos quatro meses, e poderá ser até em menos se os Grémios assim o entenderem, os profissionais de escritório daquele distrito deverão ter um novo regulamento de trabalho que, sem ser trancendente, já se aproximará, no entanto, das realidades económicas do nosso tempo.

Os novos dirigentes sindicais daquelas actividades não perderam tempo e, logo que entraram para os comandos do organismo, pensaram que a sua maior tarefa seria a elaboração de um novo contrato colectivo de trabalho e el-lo que recigido pelo assistente corporativo daquele Sindicato sr. dr. Mário Cáceres, já deu entrada nos quatro grémios do Comércio Distritais (Aveiro, que engloba os concelhos de Vagos, Ílhavo, Oliveira do Bai Estarre lhada, Alberga veira Cambr Feira; -Arouc João d a esses ta. Tê pro solicita trito u mais q

Três escritór estar seu ve ser ne Grémio tar um que o ou não ultima de log ciações um e negocia de 60 se tem uma pl faça e então de Co fazer daquele intervi e pala mais d pregad perança venha tais ca

O no vo de t ção do dizagen lho

CONVENÇÕES COLECTIVAS

(Continuação da 1.ª página)

I.N.T.P. do distrito e Setubal.

O r. Silva Pinto referiu-se, no seu discurso, ao significado do encontro, e acentuou:

— Considero muito importante a colaboração estreita entre os sectores integrados no esquema clássico do I. N. T. P. e os chamados serviços modernos de natureza predominantemente técnica. Atrevo-me a supor que já se terão dado, nos ultimos dois meses, passos decisivos nesse sentido, designadamente no que ao S. N. L. concerne. Penso mesmo ter-se criado ambiente propício e aclarado suficientemente os ideias para se poder fixar em breve por via legal os termos dessa colaboração definindo as matérias em que recíprocamente se deverão ouvir as delegações do I.N.T.P. e os serviços centrais e regionais do S. N. E. Temos seguidamente de nos debruçar sobre a articulação I.N.T.P. — Divisões de Contratação Colectiva e de Salários do F. D. M. O., fixando o momento propício em que o Fundo deverá intervir nas negociações colectivas de trabalho como elemento de apoio técnico a quem negoceia e orienta os respectivos trabalhos, na certeza de que tal momento não é — como até agora tem sido — no termo dessas negociações. De facto, qualquer parecer, por melhor elaborado que esteja — e as considerações aduzidas pelo Fundo são geralmente pertinentes e do maior interesse — não pode ser devidamente apreciado e recebido em fase tão adiantada do processo, aparecendo antes como extemporânea causa de retardamento da desejada homologação.

Em seguida, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência afirmou:

— Em breve nos ocuparemos também nestas reuniões da articulação entre serviços centrais e regionais do I. N. T. P., em ordem a aumentar o poder de decisão das delegações, descentralizando regionalmente a competência do Instituto, e a coordenar acções de forma a evitar, designadamente, a celebração de convenções colectivas de âmbito reduzido, promovidas e negociadas sem conhecimento, muitas vezes, de outras delegações que teriam com proveito beneficiado da iniciativa para os respectivos distritos. Próximo despacho poderá vir trazer nessa matéria acentuado progresso com vista a tornar mais ágil a intervenção do Ministério, como o exigem as altas finalidades sociais a que este se destina e o aconselha o ritmo dinâmico da vida moderna.

Após o almoço, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência reuniu-se na sede da delegação da F. N. A. T. com os presidentes dos Grémios do Comércio e da Lavoura e dos Sindicatos do distrito.

Às 21 e 30, o dr. Silva Pinto dirige-se a Setúbal, onde, nas instalações da Caixa de Previdência, terá uma reunião de trabalho com os dirigentes dos organismos corporativos da lavoura do distrito, participando também nos trabalhos o sr. dr. Nogueira de Brito, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

Em três linhas

O sr. Abílio Guerra Junqueiro Gomes dos Santos, tesoureiro da Fazenda Pública, foi transferido de Castro Daire para Penafiel.

///

A câmara Municipal de Coimbra foi autorizada a contrair um empréstimo na Caixa Geral, de 15 mil contos para abastecimento de água e instalação de esgotos

///

Está aberto concurso de provas públicas para o provimento de lugares de professores do 1.º, 5.º e 6.º grupos da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

///

Uma portaria do Ministério das Finanças sujeita á prévia autorização da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros toda e qualquer acção publicitária tendente á captação de capitais para aplicação em investimentos imobiliários, em que, conjunta ou separadamente, sejam anunciadas garantias de qualquer natureza, valores ou taxas de rendimento ou de valorização de capital, esquemas especiais de pagamento ou ainda através da venda de títulos com quaisquer características.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES
EM AVIÃO A JACTO

ÁFRICA — O MUNDO EM NOVA DIMENSÃO
A mais original viagem do ano.
África do Sul - Moçambique - Rodésia - Angola.
Partida 31/5 - 29 dias.

JAPÃO — A nossa tradicional viagem "O SONHO DO JAPÃO" integrada na EXPO'70
Partida 24/5 - 24 dias.
Grécia - Tailândia - Formosa - Japão - Hong-Kong - Macau - Pérsia

abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. Sota, 2
abreu É QUALIDADE abreu É MELHOR

ESTES TRÊS VOLUMES ENCADERNADOS
COURO VERDADEIRO
OFERTA LIMITADA A UMA SÓ REMESSA POR LAR

PARA ENCADERNAÇÕES DE LUXO SÓ O COURO

TÍTULOS E MOTIVOS EM OURO E PÚRPURA PRENSADOS A QUENTE AO BALANCÉ - INÚMERAS ILUSTRAÇÕES EXTRA-TEXTO - PAPEL "PLUMA" DE LUXO

SOMENTE POR 147$50 OS TRÊS

PORQUÊ ESTA OFERTA ANORMAL
OBTER 3 LIVROS ENCADERNADOS EM COURO VERDADEIRO, PROFUSAMENTE ILUSTRADOS, NESTAS CONDIÇÕES, SEM OBRIGAÇÃO ALGUMA DE COMPRA POSTERIOR, É TALVEZ UMA COISA NUNCA VISTA. TRATE DE APROVEITAR. AO OFERECER ESTE VERDADEIRO PRESENTE, OS AMIGOS DO LIVRO, EMPRESA LIGADA À MAIS FORTE ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE AMADORES DO LIVRO, ESPERAM CHAMAR A SUA ATENÇÃO, NÃO SÓ PARA O VALOR LITERÁRIO DAS EDIÇÕES, COMO TAMBEM PARA A SUA ALTA QUALIDADE E APRESENTAÇÃO. V. SERÁ MANTIDO, DE FUTURO, AO CORRENTE DAS NOSSAS ACTIVIDADES, MAS NÃO CONTRAIRÁ QUALQUER OBRIGAÇÃO AO APROVEITAR ESTA OFERTA ÚNICA NA HISTÓRIA DO LIVRO. DADO O IMENSO INTERESSE QUE IRÁ SUSCITAR ESTA NOSSA OFERTA, VAMOS RECEBER UMA AVALANCHE DE PEDIDOS, OS PRIMEIROS A RESPONDEREM-NOS SERÃO, EVIDENTEMENTE, OS PRIMEIROS A SER ATENDIDOS.

AMIGOS DO LIVRO
PARIS
BRUXELAS
GENEBRA
LISBOA
MADRID
MILAO
MONTREAL

1º VOL. OS GRANDES ENIGMAS DA GUERRA SECRETA
Os episódios mais decisivos e mais estranhos da guerra na sombra: Estará o chefe da Abwher a soldo da Inglaterra? Terá a Mafia ganho a guerra na Sicília? O inimaginável caso Cfoero. A verdade sobre o caso King Kong.

2º VOL. MAO TSÉ-TUNG
A longa marcha até ao Poder, plena de peripécias, de dramas, de aventuras sangrentas ou gloriosas... Os primeiros tempos em Pequim, a luta clandestina, a proclamação da República Popular da China, a ruptura com Moscovo...: A bomba atómica chinesa. Mao Tsé-tung em breve chefe de um bilião de chineses? A proclamação do seu herdeiro.

3º VOL. A AMÉRICA FACE AOS GANGS
V. descobrirá Chicago dos anos vinte e trinta, a proibição, a actividade dos "gangs", Sindicatos do Crime, políticos corruptos... Al Capone, Jim Colosimo, Dillinger, são os personagens desta história verdadeira de banditismo, mais apaixonante que o melhor romance policial.

CUPÃO-ENCOMENDA a enviar a Amigos do Livro - Editores, Lda. - Rua Azedo Gneco, 56 - Lisboa - 3
Queiram enviar-me à cobrança os 3 volumes encadernados em couro. Liquidarei 147$50 mais 9$00 de portes e embalagem.
Se as obras não me agradarem serei reembolsado do preço - 147$50 - devendo fazer a sua devolução dentro de 8 dias.
NOME:.....
ENDEREÇO:.....
ASSINATURA:..... D.L.-H

MAIS APAIXONANTES que o melhor romance policial, visto serem compostos por episódios verdadeiros.

PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 293

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
Telef. 32 45 64

Pasta Me

aixeiros
s mil)
olectivo

do Bairro, Anadia, Águeda, Estarreja, Murtosa, Mealhada, Sever do Vouga e Albergaria - a - Velha, Oliveira de Azeméis-Vale de Cambra; Espinho-Vila da Feira; Castelo de Paiva-Arouca e o de Ovar-S. João da Madeira). Caberá a esses Grémios a resposta. Têm trinta dias para se pronunicarem, podendo solicitar ao UNTP do distrito uma prorrogação de mais quinze dias.

Três mil empregados de escritório e caixeiros vão estar agora suspensos do seu veredicto que poderá ser negativo. Isto é, os Grémios poderão apresentar uma contra proposta que o Sindicato aceitará ou não. A acontecer esta última hipótese, estão desde logo, abertas as negociações para se encontrar um entendimento. Essas negociações não irão além de 60 dias. Se ao fim desse tempo não se encontrar uma plataforma que satisfaça empregados e patrões então será a Corporação do Comércio que tentará fazer luz sobre o negociar daquele contrato, em que intervieram, com sugestões e palavras encorajantes, mais de um milhar de empregados Todos estão esperançados em que não venha a ser preciso trilhar mais caminhos

O novo contrato colectivo de trabalho prevê redução do período de aprendizagem; horário de trabalho em que a «semana inglesa» já seja regulamentada oficialmente; pensão de sobrevivência; 13. mês; complemento do subsídio de doença; diuturnidades; faltas; o mínimo de 15 dias de férias em vez dos seis dias do anterior contrato; subsídios de férias. Por outro lado o novo contrato traz uma maior responsabilidade profissional para os empregados, através da concretização dos seus deveres para com a entidade patronal.

A nova regulamentação dos empregados de escritório e caixeiros do distrito de Aveiro passará a abranger ,por alargamento de âmbito, os empregados de escritório e correlativos ao serviço de entidades patronais daquele distrito, cuja actvidade não esteja ainda abrangida por convenção específica.

Este é o Palácio do Manteigueiro, na Rua da Horta Seca, cuja venda publica foi anunciada pela Mobil Oil. O edifício parece reunir condições para vir a ser um anexo do Instituto Comercial de Lisboa, o qual propôs ao Ministério da Educação a sua compra por cerca de vinte mil contos, prevendo que se gastariam apenas mais cinco mil em pequenos arranjos. A Mobil parece interessada na transacção — pelo que o Ministério tem a palavra

TURISTAS AMERICANOS VÍTIMAS DE ESPECULAÇÃO EM RESTAURANTES TÍPICOS

Dois casos de especulação ocorridos com cidadãos americanos em casas típicas («Solar do Minho» e «Lar Português») levaram a Embaixada dos E. U. A. a pedir a intervenção da Inspecção-Geral das Actividades Económicas.

Segundo informação recebida da I. G. A. E., no «Solar do Minho» foi apresentada (e paga) uma conta de 7 717$50 referente a comidas e bebidas, da qual constava uma parcela de 5 200$00 de «whisky», além da cobrança de 100 dólares por um «coração» e um par de brincos de filigrana metálica. Perante a fiscalização da I. G. A. E., a proprietária do «Solar do Minho» reconheceu «ter havido engano» relativamente á importância cobrada pelo «whisky», prontificando-se a devolver 180 dólares (5 040$00) e a aceitar a devolução do «coração» e dos brincos de filigrana, restituindo aos clientes o valor cobrado (100 dólares).

Os queixosos concordaram e foram, na presença da fiscalização, reembolsados daquelas importâncias, das quais deram, em auto, quitação. Entretanto, o respectivo processo vai ser remetido ao competente tribunal.

Mais de 6 contos por aperitivos depois de jantar

O outro caso ocorreu no restaurante típico «Lar Português», e refere-se, segundo a informação da I. G. A. E., á cobrança de uma conta, de comidas e bebidas, num total de 6 198$50, que os clientes. um casal americano, consideraram fictícia e exagerada, porquanto comeram apenas dois pequenos bocados de aperitivos e beberam dois copos de vinho e quatro cervejas, além de oito copos de vinho oferecidos aos músicos, e da conta que lhes foi apresentada consta: pão e manteiga, 4 doses de presunto, 3 lagostas, 2 bifes do lombo, queijo, 2 chouriços assados, 24 cálices de vinho da Madeira, 4 garrafas de «whisky», 3 pratos de gambas, 4 cervejas, 23 cafés e aperitivos.

Os clientes, que momentos antes haviam jantado no Hotel Ritz, recusaram-se a pagar a conta, pela apresentação da qual verificaram ainda que, tendo indicado ao motorista do táxi que os transportou que desejavam ir ao restaurante «Lisboa á Noite», foram enganosamente levados para o «Lar Português».

A informação da I. G. A. E. diz, ainda, que *parece serem frequentes estes desvios de clientes de umas casas para outras, devido a serem diferentes as comissões dadas pelas casas típicas aos motoristas que ali conduzam os turistas (comissões que vão de 5$00 a 25$00 por pessoa).*

O processo deste segundo caso, em instrução na I. G. A. E., será oportunamente enviado ao poder judicial.

A modernização da agricultura é factor indispensável do progresso económico

— afirmou o eng.º Vasco Leónidas na condecoração de dois dirigentes da lavoura

«Posso, portanto, afirmar que a sua actividade teve em especial atenção o fomento da agricultura e as necessidades instantes da sua modernização, factor indispensável do progresso económico que tanto desejamos nesta hora particularmente grave...» — assim se referiu o eng.º Vasco Leónidas, secretários de Estado da Agricultura, á acção dos dois dirigentes da Lavoura hoje agraciados por aquele governante com a Ordem de Mérito Agrícola e Industrial.

O eng. Vasco Leónidas, depois de salientar que é na retaguadra que as condições necessárias á vitória nesta «guerra prolongada que nos foi imposta» se asseguram, afirmou:

— Os dois dirigentes de organizações da Lavoura hoje distinguidos têm dado sobejas provas de compreenderem bem o sentido dessa unidade e dessa coesão.

Em nome dos agraciados, srs. Filipe César Goes, presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Estremadura, e António Martins da Cunha e Melo, presidente do Conselho Geral da Federação dos Grémios da Lavoura da Estremadura, foram proferidas palavras de agradecimento pelo primeiro daqueles.

Bateram à enfermeira e vão a tribunal

Um murro no nariz de uma enfermeira foi meio caminho andado para o tribunal. em cujo banco dos réus se sentarão José Isidoro Malheiro (autor da agressão), de 24 anos, solteiro. empregado comercial, natural de Penamacor e residente na Cova da Piedade; João Isidoro Malheiro, de 26 anos, casado, empregado comercial, morador em Almada; e Domingos Isidoro Lopes Malheiro, de 18 anos. empregado comercial.

A agressão verificou-se na madrugada do passado dia 30, quando os três se apresentaram no serviço de urgência e foram inquiridos pela enfermeira sobre o que necessitavam. Os três homens puseram-se depois em fuga. A enfermeira sofreu grave lesão nasal e traumatismo craniano.

DR. MANUEL TELES

Partiu para Viena, onde vai presidir à assembleia geral ordinária da União Internaconal de Exibição Cinematográfica, o sr. dr. Manuel Teles (presidente da Corporação dos Espectáculos.

Acompanha-o o sr. Augusto de Lima Mayer, presidente da União de Grémios dos Espectáculos que, também participará na referida assembleia geral em representação daquele organismo.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

acabam de aparecer

Orlando Ribeiro
VARIAÇÕES SOBRE TEMAS DE CIÊNCIA
Alguns dos temas: *Pode haver Ciência em Portugal? Âmbito e variedades do conceito de Ciência. Ciência e Magia. Acerca da orientação do desenvolvimento científico em Portugal. David Lopes, Historiador. Celestino Costa e a cultura nacional. Rodrigues Lapa, Professor.* * 60$00

Joel Serrão
INICIAÇÃO AO FILOSOFAR
«... ponto de partida para uma reflexão que se pretende liberta de quaisquer compromissos, entre eles os programas liceais e as limitações de uma informação e formação universitárias que foi necessário quer esquecer quer reformar.» (do Prefácio) * 50$00

André Martinet
ELEMENTOS DE LINGUÍSTICA GERAL
2.ª edição, revista e aumentada
O Autor, um dos grandes teorizadores da linguística contemporânea, apresenta-nos nesta obra, resultado do seu ensino na Sorbonne, as suas frutuosas concepções da ciência da linguagem e da análise linguística. * 55$00

Livraria SÁ DA COSTA Editora

ABREU
EXCURSÕES
UMA ORGANIZAÇÃO COM 130 ANOS
LISBOA - Avenida Liberdade, 160
PORTO - Avenida dos Aliados, 207
COIMBRA - Rua da Sota, 2
Em autopullman de luxo
EUROPA MARAVILHOSA
ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, ÁUSTRIA, SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E INGLATERRA. Partidas todos os Sábados.
TULIPAS - ESPANHA, FRANÇA, BÉLGICA E HOLANDA. De 4 a 21/4.
PRIMAVERA - ESPANHA, FRANÇA, LUXEMBURGO, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E INGLATERRA. De 10/5 a 1/6.
ANDALUZIA - ESPANHA. De 16 a 25/5.

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VER MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Actualidade internacional

COMBATE SISTEMÁTICO À INFLAÇÃO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 2 — (A. N. I.) — O presidente Garrastazu Medici, na sua mensagem ao Congreso nacional sobre o estado da nação, prometeu reduzir a inflação a uma taxa anual de dez por cento e promover a expansão da economia á taxa de dez por cento ao ano, o que colocará o Brasil entre os países que mais crescem.

Já no discurso que proferira na comemoração do sexto aniversário da revolução de 31 de Março, o presidente afirmara que o Governo está suficientemente forte para «reprimir de maneira implacável» o terrorismo e acusará os que promovem a subversão de pretenderem a destruição da sociedade brasileira. Depois de afirmar que pelo combate sistemático á inflação o Governo procura alcançar uma relativa estabilidade dos preços, o presidente Garrastazu Medici informou que, para isso, se prevê um investimento bruto fixo anual, cuja taxa, em relação ao produto interno bruto, se eleva ao nível de 18 a 20 por cento

AUMENTO DAS EXPORTAÇÕES

Quanto ao comércio externo, o presidente declarou que os resultados foram expressivos: a exportação cresceu de 14 por cento em 1968 e de 20 por cento em 1969. As importações expandiram-se menos acentuadamente do que em 1968, embora tenham crescido, no global, em 6 por cento.

Com esse comportamento do comércio externo, registou-se um saldo de 300 milhões de dólares e a balança de pagamentos revelou um «superavit» da ordem de 561 milhões de dólares — o que elevou de maneira substancial as reservas brasileiras de divisas.

EVITAR A ELEVAÇÃO DE IMPOSTOS

Sublinhou o presidente da Republica a produção agrícola, que cresceu á taxa de 7 por cento, em virtude da elevação substancial das colheitas de café, de soja, de trigo, de cacau e de algodão.

Na mensagem presidencial, aponta-se um dos principais objectivos do Governo: evitar a elevação de impostos e a criação de novos ónus sobre o sector privado, dando-lhe condições necessárias para atingir uma expansão satisfatória e cooperar na estratégia do Governo, que prevê para o quadriénio de 1970-1973 um crescimento do produto interno bruto de 7 a 9 por cento.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

BEATRIZ DE SABOIA CASOU NO MÉXICO

CIUDAD JUAREZ (México), 2 — (F. P.) — Sem solenidade — mas com o consentimento da casa real — e unicamente na presença das testemunhas indispensáveis e de um único convidado, a princesa Maria Beatriz de Saboia, filha do ex-rei Humberto de Itália, desposou ontem, nesta cidade, o jovem milionário diplomata argentino Luis Corvalan Reyna Dillon.

A cerimónia teve lugar numa das «suites» de um grande hotel de Ciudad Juarez. O único convidado foi Bernardo Norzagaray, presidente do conselho municipal da cidade

Dez agentes dos serviços secretos foram encarregados de afastar os curiosos, incluindo-se no numero destes uns trinta jornalistas.

Luis Corvalan declarou aos jornalistas que «por motivos de carácter político não haveria entrevista» e anunciou seguidamente que «as fotografias do casamento serão publicadas em primeiro lugar na Itália». Acrescentou que a sua esposa e ele permanecerão no México provávelmente pelo menos um ano.

SOLUCIONADA A CRISE ENTRE O LÍBANO E OS PALESTINIANOS

BEIRUTE, 2 — (R.) — O primeiro-ministro libanês, Rashi Karami anunciou a noite passada nesta capital que o Gabinete ratificara todos os acordos estabelecidos em conferências recentes para solucionar a crise com os «comandos» palestinianos dentro das suas fronteiras.

A disputa, a seguir a recontros entre libaneses das direitas e guerrilheiros que causaram 30 mortos, foi solucionada nas conversações realizadas anteontem entre guerrilheiros e o Governo e representantes do Exército libanês, na presença do ministro líbio dos Negócios Estrangeiros, Saleh Bousseir.

Ambos os lados concordaram em seguir as directrizes estabelecidas pelo acordo do Cairo de 6 de Novembro, que conciliava a soberania libanesa com a presença de guerrilheiros operando contra Israel do Sul do Líbano.

O acordo do Cairo dizia que os guerrilheiros não deveriam ser estabelecidos em bases fixas e que não disparariam foguetões de solo libanês para evitar que Israel tivesse um pretexto para desencadear ataques de represália contra alvos no Líbano.

A CHINA LIBERTOU UMA SÚBDITA BRITÂNICA

HONG-KONG, 2 — (R.) — A China libertou hoje a senhora Constance Martin, uma subdita britanica, de 72 anos, detida em Xangai desde Outubro passado, segundo anunciou um informador governamental.

O informador disse que a senhora Martin atravessara esta manhã pouco depois das 11 horas locais (3 TMG) a fronteira para Hong-Kong.

Revelou ainda: «Encontrava-se emocionada e chorando, mas de excelente saúde».

A senhora Martin era aguardada no posto de travessia da fronteira, em Lowu, por funcionários do banco de Hong-Kong e Xangai, para o qual trabalhava na China.

De cabelos brancos, a senhora Martin passou a maior parte da vida na China. Nos últimos anos viveu sossegadamente em Xangai com 17 gatos e um velho criado chinês.

Fora presa por acusações não especificadas.

Foi detida quase ao mesmo tempo de outro britanico idoso, o negociante Bill McBain, de 79 anos, libertado em 14 de Fevereiro.

Com a libertação da senhora Martin apenas ficam, ainda, detidos na China, sete britanicos.

GREVE DOS MINEIROS ITALIANOS

ROMA, 2 — (R.) — Os mineiros italianos realizam hoje uma greve nacional, de 24 horas, como protesto contra o malogro de negociações para um novo contrato de trabalho, segundo anunciaram, a noite passada, os sindicatos.

Atenas: Pesadas condenações contra jornal independente

ATENAS, 2 — (F. P.) — O jornal independente ateniense «Ethnos», jornal popular de Atenas fundado em 1913, vai deixar de aparecer em consequência das pesadas condenações pronunciadas, ontem á noite, contra cinco dos seus responsáveis pelo tribunal militar de Atenas. Com efeito, o jornal foi deste modo decapitado.

Simultâneamente, um antigo ministro centrista, autor de um artigo que provocou o processo, Ioannis Zighdis, teve uma das penas mais graves (quatro anos e meio de prisão). O tribunal militar aplicou as penas mais pesadas previstas no código penal:

— Ioannis Kapsis, chefe de redacção, cinco anos de prisão.

— Constantin Kyriazis, director, quatro anos.

— Constantin Nikolopumos e Achille Kyriazis, co-directores, três anos cada um.

— Constantin Economidis, director da redacção (com 82 anos de idade), treze meses de prisão.

As multas elevam-se a um total de um milhão e duzentas mil dracmas, ou seja o equivalente a mais de 800 contos.

A acusação indicava que o jornal havia semeado «a inquietação e o medo no espirito dos cidadãos» ao publicar um artigo do antigo ministro centrista Zighdis que defendia a constituição «de um Governo de união nacional por motivo da gravidade dos acontecimentos em Chipre.»

Numerosos antigos ministros e o antigo primeiro-ministro Panayotis Canellopulos tinham vindo testemunhar a favor dos acusados detidos pela segurança há uma semana. Várias organizações internacionais designadamente o Instituto Internacional da Imprensa, de Zurique, e a Federação Internacional dos Jornalistas cuja sede é em Bruxelas, tinham afirmado a sua solidariedade com o jornal atingido por uma jurisdição de excepção, quando afinal havia sido promulgada uma lei da Imprensa no dia 1 de Janeiro deste ano pelo primeiro-ministro Georges Papadopulos.

O jornal «Ethnos» já tinha tido dificuldades com as autoridades quando publicou, no final do ano passado, o texto do relatório do Instituto Internacional da Imprensa com o título de «A Imprensa independente grega em perigo de morte.»

Protesto Cambodjano nas Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 2 — (R.) — O novo Governo cambodjano protestou a noite passada «muito enérgica e sèriamente» junto do Conselho de Segurança acerca de um ataque desencadeado anteontem por tropas norte-vietnamianas e do Vietcong contra um destacamento do Exército cambodjano.

Contudo, o Cambodja mantinha ainda um pedido para uma sessão do Conselho de 15 países para discutir o caso ou de qualquer outro envolvimento directo da O.N.U. na crise.

O encarregado de negócios cambodjano, Or Kosalak, conferenciou com o presidente do Conselho, Max Jakobson, da Finlândia, e entregou uma carta «para denunciar nos termos mais enérgicos a agressão norte-vietnamiana e do Vietcong».

SIRHAN SIRHAN REGRESSA AO «CORREDOR DA MORTE»

SAN QUENTIN (Califórnia), 2. — (R.) — Sirhan B. Sirhan, o assassino condenado do senador Robert Kennedy, regressou ontem á sua cela no «corredor da morte», após passar dois dias no hospital da Penitenciária.

Um informador da cadeia disse que o jovem imigrante jordano se constipara e fora tratado com um medicamento que lhe provocara tonturas. Médicos ordenaram que passasse um breve período ao hospital.

Antes do Natal, Sirhan recusou-se a comer durante duas semanas como protesto contra o seu isolamento no «corredor da morte». Funcionários da prisão deixaram, a partir de então, que o preso pudesse falar mais fácilmente com outros condenados.

TEATRO BRASILEIRO EM PORTUGAL

RIO DE JANEIRO, 2—(A. N. I.) — A companhia do teatro carioca princesa Isabel, que apresenta actualmente a peça «Odorico, o Bem Amado», de Alfredo Dias Gomes, com Procópio Ferreira no protagonista, anuncia a sua visita a Portugal em Dezembro, depois de uma digressão pelo Bra-

CONVERGINDO
ESFORÇOS
NO CAMINHO DO PROGRESSO!

Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Mousinho da Silveira, 26
PORTO
Av. dos Aliados, 58

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

EXIGÊNCIA DOS RAPTORES DO EMBAIXADOR

Libertação de todos os guerrilheiros presos

CIDADE DA GUATEMALA, 2 — (F. P. e R.) — As «F.A.R.» (Forças Armadas Rebeldes) exigem a libertação de todos os guerrilheiros actualmente presos na Guatemala, em troca da vida do embaixador da Alemanha Federal, o conde Karl von Spreti, informa um comunicado publicado ontem á noite.

O comunicado anuncia que o Governo reunir-se-á hoje para examinar as condições impostas para a libertação do embaixador. O numero dos guerrilheiros actualmente encarcerados é avaliado, oficialmente, entre 14 e 17. Figuram entre eles nomeadamente quatro rebeldes que, segundo a Polícia, admitiram ter participado nos recentes raptos do ministro dos Negócios Estrangeiros, Alberto Fuentes Mohr, e do adido da Embaixada norte-americana, Sean Holly.

O comunicado lacónico do serviço da Imprensa governamental não indica se os guerrilheiros fixaram um prazo para a libertação dos seus companheiros, nem o lugar e as condições de troca, no caso desta ser aceite.

Entretanto, segundo pensam os funcionários da Embaixada alemã nesta cidade, os raptores do embaixador teriam comprado já os remédios necessários para manter vivo o diplomata, que sofre do coração e precisa de tomar diàriamente certos comprimidos, pois, caso contrário, fica sujeito a uma crise.

Ontem, uma nota escrita pelo punho do embaixador e dirigida a seu filho foi deixada numa caixa de correio e nela von Spreti dizia: «Estou de boa saúde e espero ser libertado em breve».

NOVA TENTATIVA DE RAPTO

Entretanto, ontem verificou-se outra tentativa de rapto, em pleno dia numa rua do centro da cidade.

Três jovens armados tentaram apoderar-se do milionário Roberto Castello, magnata da pepsicola na Guatemala.

Empunhando as suas armas, os raptores obrigaram Castello a sair do seu automóvel e quando pretendiam transferi-lo para outro carro ele começou a gritar por socorro para atrair a atenção dos transeuntes.

Aproveitando a momentânea hesitação dos raptores, Castello começou a correr pela rua e os três homens em vez de o perseguirem ou dispararem contra ele meteram-se no carro e fugiram a toda a velocidade.

BRASIL: ESCRAVOS A 400 ESCUDOS

RECIFE (Brasil), 2 — (A. N. I.) — A Polícia anunciou hoje que descobrirá uma rede de tráfico de escravos, ao interceptar um camião que transportava cerca de trinta camponeses, na povoação de serra talhada, a 256 quilómetros do Recife.

O chefe da rede, Osorio Carlos Medeiros, teria declarado á Polícia que a sua carga humana seria «vendida» no interior do estado de Minas Gerais, ao preço de 80 novos cruzeiros por cabeça.

Estrangeiros expulsos de Espanha

PALMA DE MAIORCA, 2 — (F. P.) — Três americanos e cinco ingleses (incluindo duas raparigas) foram expulsos de Espanha por ordem da direcção geral da segurança, por esta considerar que não possuiam recursos capazes de assegurar a sua subsistência.

As oito pessoas que residiam em Palma de Maiorca partiram ontem à noite para Paris e Londres.

Ford à frente em preço
O Escort só custa 56.704$10. E é mais carro.
Não se contente com menos!

Porquê contentar-se com menos quando realmente pode ter um carro moderno, mais confortável, com 5 lugares e um porta-bagagens a sério, tudo por uma pequena diferença de preço?

O seu palmarés é a prova de quem sabe ganhar as mais duras provas internacionais: o Escort é campeão europeu de ralis.
O Escort tem novas características de segurança — coluna de direcção com dispositivo amortecedor e sistema de travões com 2 circuitos independentes.

Vá ao Concessionário Ford e peça uma demonstração. Com o Escort. O tal que torna os quilómetros mais pequenos e mais económicos. Ao seu dispor, também, Escort DeLuxe, Escort GT, Escort Estate Car, Escort Van.

Ford Escort
só é pequeno no preço

A FORD VENCEU O CAMPEONATO EUROPEU DE RALIS EM 1969 - CONSTRUTORES

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE - CPE -, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL

Sob a presidência do Sr. Prof. Eng.º Daniel Maria Vieira Barbosa, secretariado pelos Srs. Dr. António Alberto Monteiro e Eng.º Manuel Carneiro Geraldes, respectivamente, em representação da Caixa de Previdência do Distrito do Porto e da Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal — CHENOP, reuniu-se anteontem, pelas 15 horas, a assembleia geral ordinária da Companhia Portuguesa de Electricidade, C. P. E., S. A. R. L., para apreciar o Relatório e Contas do seu primeiro exercício.

Encontravam-se presentes muitos accionistas, entre os quais se destacavam diversas individualidades em representação do nosso meio bancário, de várias actividades ligadas aos sectores comercial e industrial e ainda em representação de instituições de previdência, como grandes accionistas da Sociedade.

Usou primeiro da palavra o presidente da Assembleia Geral, que se exprimiu do seguinte modo:

«As minhas primeiras palavras são naturalmente de cumprimentos para todos V. Ex.as, tanto para os que têm sobre si o pesado encargo da gestão desta importantíssima empresa, como para os que, dentro dela e nesta Assembleia, representam parte vultosíssima do seu capital accionista. E não esqueço aqueles que tão abnegadamente serviram as empresas fusionadas, gerindo-as, e que agora se encontram afastados dos seus corpos gerentes mercê da concentração levada a cargo.

A todos — sem excepção e sem distinções — testemunho o meu maior apreço, que envolve o mais sincero agradecimento pela honra que os Senhores Accionistas me conferiram, na Assembleia Geral de 22 de Dezembro findo, elegendo-me para a função delicadíssima que agora, e aqui, me encontro a desempenhar.

Não lhes esconderei, meus Senhores, o entusiasmo e a esperança com que acompanhei o movimento que levou à criação da C.P.E.; entusiasmo, por ver que, finalmente, se encontrava a coragem indispensável para entrarmos no caminho da defesa da dimensão conveniente para as organizações empresariais dos nossos dias, que, pela prestação dos serviços que lhes compete, condicionam de forma poderosíssima o desenvolvimento da economia nacional. Esperança, por sentir que a C. P. E. pode vir a ser, pelo seu exemplo, um primeiro grande passo no caminho que se nos impõe seguir para uma mais rápida e eficiente promoção económico-social do País.

Não serão fáceis, decerto, os primeiros passos nesta nova concepção da nossa política industrial; e a C.P.E., como pioneira dela, tem sobre si uma responsabilidade enorme pelos resultados efectivos que se «obriga» a apresentar aos portugueses em geral.

Grande tarefa, portanto — grande e nada invejável — cabe assim àqueles que têm sobre si o encargo de a conduzir e ampliar ao Serviço da Nação; grande espírito de compreensão — e talvez até de algum sacrifício — se terá de reconhecer àqueles que que lhe confiaram as suas economias para a criar, manter e fazer progredir.

Será — estou convencido — do perfeito entendimento entre todos que resultará o trabalho proveitoso que o País espera da C. P. E.

E será também aqui, nas Assembleias Gerais, que esse encontro se materializará para além do simples formalismo duma disposição estatutária que se nos impõe cumprir.

Compreendem V. Ex.as que, pensando assim, se aviva no meu espírito o sentido da responsabilidade que V. Ex.as me conferiram; responsabilidade à qual sou, até, particularmente sensível pelo facto de, sendo um nortenho, presidir à Assembleia Geral duma empresa que aqui tem a sua sede, facto tanto mais significativo quanto é certo que se trata da mais importante empresa do País.

Desejaria, portanto, saber e poder corresponder à honrosa missão que me conferiram; para tanto venho com o espírito mais aberto, no fito de procurar que, sem prejuízo dos princípios que não podem deixar de nortear uma sessão como esta, cada Senhor Accionista se sinta em sua casa para opinar de acordo com o que a sua consciência lhe impuser; e que aqueles a quem caiba esclarecer no que for devido o façam na plena liberdade de obrigações e de direitos que as funções que exercem lhes conferem.

A V. Ex.as queria pedir um favor: o de, através das suas intervenções, certamente dominadas de modo exclusivo pelos interesses reais da empresa e por uma análise inteiramente objectiva dos problemas a debater, converterem esta Assembleia em algo de verdadeiramente construtivo na vida de uma Companhia de tanto interesse para a economia nacional e que é, afinal de todos nós.

E dito isto, renovo a V. Ex.as os meus cumprimentos e dou início aos trabalhos.»

Falou, em seguida, o Senhor Dr. António Amaral, presidente interino do Conselho Fiscal, que, depois de se referir à destacada categoria e prestígio das individualidades que presidiram às Assembleias Gerais das cinco Empresas fusionadas, distinguindo o Senhor Dr. José Luís Sapateiro pela excepcional elevação e brilho com que dirigiu as últimas assembleias da Hidro Eléctrica do Douro, saudou o Senhor Prof. Eng.º Daniel Vieira Barbosa, rendendo-lhe homenagens de apreço, admiração e respeito e afirmando o prazer e a honra de ver individualidade de tão notável categoria intelectual e de tão elevado prestígio a ocupar o lugar cimeiro dos Corpos Gerente da Companhia Portuguesa de Electricidade.

Seguidamente falou o Senhor Engenheiro José Albino Machado Vaz, presidente do conselho de administração que, dirigindo-se aos accionistas, disse:

«As minhas primeiras palavras são de saudação à Mesa da nossa Assembleia, especialmente dirigidas ao seu presidente, já por direito próprio, já por direito do cargo.

O Senhor Professor Daniel Barbosa é pela primeira vez presidente da Assembleia da nossa Companhia mas de há muito que acompanha a actividade do sector eléctrico nacional, quer como antigo ministro da Economia, quer como professor dos mais distintos, quer como Governador do Banco de Fomento, onde tantas vezes e sob tantas formas as antigas empresas da rede primária recorreram para financiar os seus programas de actividade.

É natural por isso que desta nova forma de colaboração no trabalho comum, novas vantagens advenham para a actividade nacional de produzir e transportar energia no continente português.

Em nome do Conselho de Administração apresento as mais cordiais saudações.

E antes de me dirigir aos Senhores Accionistas, eu peço que me permitam dirigir desde já dois agradecimentos:

O primeiro endereçado ao Conselho Fiscal da Companhia pela valiosa colaboração prestada ao Conselho de Administração, e pelo interesse que lhe mereceram a marcha dos negócios e organização da Companhia.

O segundo dirigido a todo o pessoal da Empresa, pela profícua acção desenvolvida nas suas tarefas e pelo espírito de compreensão manifestada na colaboração que lhe tem sido pedida para reestruturar a nossa Empresa.»

E continuando, acrescentou:

«É esta a primeira assembleia a que V. Ex.as são convocados para apreciarem a gerência da nova Companhia resultante da fusão das 5 empresas que anteriormente constituíam a Rede Eléctrica Primária.

Quase por assim dizer não houve em 1969 gerência da nova Companhia salvo os últimos dias do ano e poderá parecer um paradoxo estarmos aqui reunidos a apreciar uma coisa que afinal não existiu.

Não é bem assim, e a nossa assembleia de hoje tem toda a razão de ser.

Em primeiro lugar porque pràticamente todos os que nela tomam parte foram accionistas das Empresas fusionadas e podem portanto invocar o direito de conhecerem como se processou a administração anterior, processo que originou os resultados agora apresentados em conjunto para as 5 Empresas.

Em segundo lugar porque o Conselho de Administração é constituído por membros que quase todos eles participaram activamente na gestão das antigas Empresas.

Dadas estas realidades a nossa assembleia de hoje tem toda a razão de ser e legalmente obrigação de se realizar.

Postas estas primeiras palavras explicativas, parece-me de algum interesse acrescentar:

Ao iniciar a vida da nova Companhia que V. Ex.as vão acompanhar, julgo que não está ainda bem definido no vosso espírito a mudança que na realidade se operou.

A nova dimensão material da Empresa introduz-lhe automàticamente novas características de que só a experiência, prática e o seu exercício futuro nos vão dar a exacta e bem caracterizada medida.

Assim, o facto de passarmos a ser o maior investidor público, obriga-nos a olhar para o serviço financeiro da Empresa sob mais ângulos dos que os que habitualmente preenchiam as preocupações das administrações separadas.

Cada uma delas procurava apenas as melhores condições que satisfaziam no tempo e na dimensão os seus requisitos próprios deixando como aspecto secundário e a ser coordenado para outrem, as necessidades das restantes empresas na mesma matéria.

O que se diz no aspecto financeiro pode dizer-se em muitos outros.

As novas preocupações globais serão assim mais completas e mais coordenadas o que certamente há-de produzir benéficos efeitos para a economia nacional o que tanto vale dizer para a nossa Companhia.

Sim, porque daqui em diante temos de ter presente que a escala das nossas actividades confere-lhe dimensão nacional e não apenas empresarial.»

E sublinhou:

«Certamente esta dimensão não nos leva a imitar o dizer de um dirigente da General Motors ao afirmar que aquilo que era bom para ela o era para os Estados Unidos, mas não se pode olvidar que sendo a nossa Companhia a encarregada, em regime de quase monopólio, de abastecer o País com energia eléctrica, todas as acções dizendo respeito a esta missão adquiriram uma grande importância, função da extensão e do desenvolvimento e localização do progresso no continente.

Estas realidades só penetraram sensìvelmente no nosso espírito a par e passo com a sua prática, a sua presença e influência na gestão que vai seguir-se.

Não deixa de se realçar que o mesmo raciocínio é válido para todos ou quase todos os aspectos da gerência, desde os técnicos aos humanos, o que obriga desde o início a rever a organização tradicional, a rever as regras de gestão usuais, a rever a utilização dos equipamentos, dos materiais e de mão-de-obra que a nossa Companhia integrou para o desempenho da sua missão.

E estas revisões têm um carácter singular, nunca ficarão concluídas, nunca podem ser imutáveis, pois só pelo dinamismo de uma acção global, em que todas as parcelas constituintes participem, nos pode livrar do maior perigo que a Companhia tem de enfrentar: a tendência para a estagnação, para a ineficiência que se traduz por uma propensão constante de burocratização isenta de iniciativas e responsabilidades e ao contrário cheia de conformismos e de deixar correr.

Que nos primeiros passos da Gerência da Companhia estão patentes tais preocupações, mostram-no as imediatas medidas da organização que pretenderam, como se diz no relatório, encontrar um equilíbrio entre a concentração das grandes decisões e a descentralização das acções, e procurar uma constante actualização e adaptação dessa organização ao meio ambiente, às características tão movediças da época que atravessamos, às novas metas a alcançar, às aspirações humanas e legítimas de todos aqueles que participam na tarefa.

Tudo isto exigirá redobrados cuidados da gerência e se deles resultar o acerto que se espera, pode ter-se a esperança de ver melhorar índices de gestão que garantam estar a cumprir-se uma das tarefas essenciais: abastecer o País com energia eléctrica ao menor custo, poupando homens, máquinas e materiais e combatendo por todos os meios a subida de preço inevitável pela contínua e indominável tendência da subida de custo de todos os factores intervenientes.»

Seguidamente afirmou:

«Refere o relatório uma outra imediata e grande preocupação: o estudo do Caderno de Encargos da nova concessão a outorgar à nova Companhia.

É certamente uma lei fundamental na qual se definirão os direitos e os deveres da Companhia perante o Estado e vice-versa e dele ocorrerá o acautelar dos interesses dos accionistas no que eles comportam de justo e de legítimo.

A vossa Administração está dedicando ao assunto a melhor das suas atenções e está convencida que da colaboração que prestará ao seu estudo pelas entidades governamentais, resultará uma solução equilibrada que atenderá a todos os interesses em jogo.»

E dirigindo-se à Assembleia, disse:

«Não lhes vou falar, meus Senhores, nos aspectos fundamentais da nossa vida traduzidos em kWh que se produzem, que se transportam, se utilizam, se vendem ou se trocam com outros vindos do estrangeiro.

É assunto muito interessante para técnicos e contabilistas, mas um pouco enfadonho para aqueles a quem só os resultados podem verdadeiramente interessar.

Não devo, todavia, deixar de referir que as características hidrológicas do ano foram boas traduzindo-se numa forte produção hidráulica e uma fraca produção térmica.

Como o encarecimento da produção não tem qualquer contrapartida no preço de venda de energia, segue-se que um ano de resultados satisfatórios há-de geralmente coincidir com um ano relativamente húmido.

Outro factor extraordinàriamente influente nos resultados é o da evolução do consumo.

No ano que findou, e sobretudo pelo verificado nos dois últimos dos seus meses, a evolução do consumo, embora não tenha atingido os melhores valores já registados na história dos últimos anos, ficou acima do valor médio internacional indicando que em 7 ou 8 anos ele tornará a dobrar.

Este facto tão singelamente referido indica um programa de acção preocupante pela sua extensão e pela rapidez de execução que exige, pois significa que é preciso nos próximos 7 a 8 anos pôr em funcionamento centrais de todos os tipos, capazes de produzirem tanta energia como a produzida em 1969, cujas centrais começaram a ser construídas 25 anos atrás.

É, assim, necessário triplicar o ritmo médio de instalação de centrais dos últimos 25 anos e quase significará triplicar o ritmo de aplicação de capitais que nele se verificou, ritmo que já hoje oferece algumas dificuldades no seu nível actual de quase 1,5 milhões de contos, por ano, inferior certamente ao que vai ser necessário, caso se mantenha a evolução previsível dos consumos.

Sobre a marcha dos trabalhos em curso, o relatório dá as indicações pormenorizadas por onde V. Ex.as podem fazer ideia completa do seu caminhar.

Vale todavia a pena pôr em relevo que talvez no fim do ano corrente entre em serviço o primeiro grupo da central do Carrapatelo no rio Douro e dessa data em diante, até 1975, entrarão em serviço em cada ano pelo menos um novo grupo hidráulico de grande potência além de dois grupos térmicos de maior potência ainda.

Realiza-se assim uma nova etapa de aproveitamento dos recursos nacionais, valorizando-os, no sentido de através deles ser tanto quanto possível assegurar o abastecimento fundamental ao País de energia eléctrica.

Não vou referir qualquer obra do transporte e entrega de energia, mas é óbvio que será este um departamento em actividade proporcional à da evolução dos consumos e à da sua localização relativamente aos pontos de produção.

Isto significa muita actividade a desenvolver e grandes investimentos a realizar.

Se alguém se desse ao trabalho de comparar o primeiro relatório da nossa Companhia com relatórios anteriores encontraria um capítulo que, se não é inteiramente novo nestes documentos, é pelo menos novidade o relevo que se pretendeu dar-lhe: INVESTIGAÇÃO — LABORATÓRIO CENTRAL E CENTROS DE CÁLCULO

Ao pôr-se um certo acento tónico nestas questões, quis-se chamar para elas a atenção e indicar que terão no futuro um desenvolvimento apropriado a melhorar a acção da Companhia em múltiplos campos da sua actividade.

É um novo caminho que começa a percorrer-se e que a dimensão actual da Companhia permite adoptar sem perigo de ver a sua exploração desproporcionadamente sobrecarregada ao mesmo tempo que pode colher destas directrizes os mais rendosos frutos.

Sobre o que o relatório refere no capítulo de Investimentos e Meios Financeiros, pouco se pode acrescentar a não ser chamar a atenção para a referência à falta de programa para o financiamento próximo dos trabalhos em curso, no que diz respeito à qualidade e quantidade dos recursos a utilizar e o seu escalonamento no tempo.

É uma omissão inexorável da falta de tempo para o tanto que houve a organizar e atender mas que será em futuro breve colmatada tal lacuna».

Para terminar, fez uma breve análise ao capítulo do Relatório que se refere a Balanço e Resultados.

«Julga-se que os comentários do relatório são claros e suficientes para que cada um fique com ideia precisa do estado financeiro e económico da vossa Companhia.

Não permitiram as receitas ir mais longe, isto é propor dividendo mais elevado e aumentar mais as subvenções para Investimentos e Amortizações Financeiras.

Se em comparação com

(Continua na 23.ª página)

CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA IMPRENSA NACIONAL

Na sala da Biblioteca da Imprensa Nacional, e na presença dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, tomou posse, esta manhã, do lugar de chefe dos Serviços Administrativos, o dr. Alberto Manuel Nunes de Matos Gomes, licenciado em Economia pela Universidade do Porto.

Ao acto presidiu o dr. Higino Borges de Meneses, presidente do Conselho de Administração da Imprensa Nacional.

Usando da palavra, disse o dr. Borges de Meneses «*que mercê da recente transformação da Imprensa Nacional em empresa pública, e de deliberação tomada pelo Conselho de Administração foram os mesmos Serviços sensìvelmente alterados na sua estrutura, bem podendo dizer-se que diminuiram em extensão mas aumentaram em profundidade e complexidade*».

O empossado, no final, agradeceu e prometeu toda a colaboração possível á Imprensa Nacional.

NOVA REUNIÃO DE TRABALHO SOBRE RELAÇÕES AERONÁUTICAS LUSO-BRASILEIRAS

Prosseguindo o estudo de determinados problemas que em matéria de aeronáutica civil interessam a Portugal e ao Brasil, no âmbito do acordo aéreo existente entre os dois países, encontra-se de novo entre nós a delegação da Aeronáutica Civil do Brasil chefiada pelo brigadeiro Edívio Caldas Santos, presidente da comissão brasileira de Estudos Relativos á Navegação Aérea Internacional.

Esta missão esteve em Lisboa em princípios do mês findo, onde teve encontros com uma delegação portuguesa chefiada pelo eng.º Vitor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil.

Durante o intervalo das negociações os delegados brasileiros visitaram diversos países da Europa.

Esta manhã, os componentes das duas delegações tiveram uma reunião de trabalho.

XXIX CONGRESSO LUSO-ESPANHOL PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

«Depois da segunda Guerra Mundial começa a acentuar-se um movimento de transformação da herança social que se torna mais nítido ainda com a emigração em massa» — disse o prof. Jorge Dias no colóquio 2 (Herança Social) que tem estado a decorrer no Centro de Estudos de Antropologia Cultural integrado no XXIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

«A família e a sociedade portuguesa perante a industrialização» pelo prof. Pereira Neto bem como a «Persistência e evolução da habitação tradicional», pelo prof. Veiga de Oliveira foram, entre outras, comunições, que no âmbito deste colóquio aprofundavam o seu tema central «Herança social peninsular perante o desenvolvimento técnico e industrial».

Os outros colóquios distribuem-se pela Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical e pelo Jardim Museu Agrícola do Ultramar e encerram os seus trabalhos no próximo sábado.

MUITO FERIDOS NAS CABEÇAS

Ismael Armando da Silva, de 36 anos, «barman», residente em Paris, e Maria Manuela Morgado, de 31 anos, moradora na Rua Vítor Cordon, 31, cave, encontram-se na sala de observações do Hospital de São José muito feridos na cabeça, em consequência de o carro que o «barman» conduzia se ter despistado na Avenida António Augusto de Aguiar e ter embatido num poste daquela artéria, esta madrugada.

Os pagadores do jogo poderão ser sindicalizados?

O comportamento da Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Banca foi o alvo da atenção de cerca de 50% dos associados daquele organismo, que esta tarde se reuniram na sede sindical com mais de cem presenças.

Uma das propostas que motivaram a assembleia extraordinária partiu da Direcção e visa uma alteração de estatutos, no sentido de poderem ser integrados no Sindicato os chefes de partida, responsáveis máximas nas salas de jogo

Um vasto grupo de sócios contesta esta proposta, com o argumento de que os chefes de partida são representantes directos das empresas e não empregados, pelo que não devem pertencer ao Sindicato.

Actualmente, os estatutos não prevêem a sindicalização dos chefes de partida.

O presidente da Direcção, Alberto Silva, exerceu as funções de chefe de partida no Casino da Figueira da Foz, motivo por que sócios contestam a legalidade do seu lugar.

O mesmo dirigente teve de defender-se, na assembleia, de várias acusações

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Obrig. Tesouro 5%	—	—	512$
Externo 1.ª Série	—	—	523$
Externo 1.ª Série C	—	—	620$
Externo 3.ª Série	1.480$	—	—
Externo 3.ª Série C	—	1.005$	1.010$
Caminhos de Ferro 3.ª Série	—	640$	—
Consolidado 2 1/2%	700$	700$	710$
Consolidado 3%	—	760$	—
Consolidado 3 1/2%	—	810$	820$
Centenários 4%	—	160$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	920$
C P 4 1/2% 65	—	—	900$
C P 5 1/2% 67	—	990$	—
C U F 6%	1.010$	1.010$	—
C U F 6% 68	1.005$	1.006$	1.010$
Gás Electr. 4% 48	—	825$	—
Gás Electr. 4 1/2% 51	—	860$	—
Gás Electr. 5% 52	—	890$	—
Gás Electr. 5% 58	—	—	890$
Gás Electr. 5% 59	880$	—	880$
Gás Electr. 5% 62	940$	910$	—
Gás Electr. 5% 63	—	940$	—
Gás Electr. 5% 65	—	915$	—
Gás Electr. 5% 67	1.022$	1.020$	—
H. A. Alentejo 5%	—	810$	—
H. E. Cávado 5%	815$	815$	—
H. E. Cávado 6%	—	1.003$	1.005$
H. E. Douro 5%	—	810$	815$
H. E. Douro 6%	—	1.005$	—
H. E. Norte Port. 5%	—	850$	900$
H. E. S. Estrela 6%	1.008$	1.000$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	825$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.010$	—
Metropolitano 4%	—	850$	—
Metropolitano 5,3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	850$
Nac. Electr. 5%	—	810$	815$
Nitratos 5%	—	810$	—
Nitratos 5% 60	—	—	820$
Petroquímicos 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	940$	950$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	815$	825$
Siderurgia 5% 4.ª	—	815$	825$
Sonete 5%	—	—	850$
T. A. P. 4%	—	940$	—
Termoeléctr. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	84$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	810$
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.380$	2.380$	2.385$
Alentejo	1.105$	1.100$	1.105$
Angola	3.970$	3.950$	3.990$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.400$	5.600$
E. Santo	—	—	23.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas & P.	—	—	22.000$
Fomento Nacional	—	—	2.680$
Intl. & Açores p.	—	7.150$	7.350$
P. Atlântico p.	—	—	—
L. & Açores n.	5.850$	5.840$	5.890$
Portugal n.	—	3.300$	3.370$
Portugal o.	4.350$	4.300$	4.380$
Totta Aliança	—	6.350$	6.500$
Ultramarino n.	3.550$	3.520$	3.600$
Ultramarino p.	3.880$	3.850$	3.900$
Seguros			
Alentejo	184$	180$	184$
Douro	—	1.250$	—
Mundial	—	875$	895$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	50.000$	—
Ultramarino	—	19.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	860$	900$
Ag. Casseaue	—	760$	785$
Ag. Incorrati	—	—	—
Ag. Nevas	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Borar	—	—	200$
Buzi	—	—	—
Cabinda	245$	247$	246$

Ultramarinos	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.840$	2.835$	2.860$
M. E. Revué	720$	700$	750$
Ilh. do Príncipe	—	850$	—
Moçambique	206$	205$	207$
Sonete n.	455$	450$	460$
Sonete p.	468$	467$	469$
Zambézia	87$	87$5	88$
Angolano	—	—	—
Diversos			
[illegible]	—	7.400$	—
Cim. Leiria	—	—	—
Cim. Tejo	—	6.500$	7.000$
Cat. Navegação	—	1.420$	1.470$
C. U. F.	—	1.400$	1.500$
Fotto Aliança	—	—	700$
Nac. Navegação	4.620$	4.600$	4.650$
Petroquímicos	1.950$	—	1.970$
Port. e Colónias	1.500$	1.490$	1.510$
Port. Celulose	4.550$	4.500$	4.570$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	750$	748$	750$
Sacor	—	4.700$	4.800$
Siderurgia Nac.	—	—	2.270$
Soca	3.400$	3.350$	3.420$
Tabacos de Portugal	—	1.800$	1.900$
Tabaqueiro	—	—	7.500$
U. F. Azoto	840$	835$	840$
Água, Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	—	440$
Águas Lisboa 34	—	—	445$
Águas Lisboa 36	—	400$	430$
Comp. Port. de Electric.	1.288$	1.285$	1.289$
Electr. Beiras	—	1.720$	1.770$
Gás Electr.	441$	440$5	441$
H. E. Alto Alentejo	207$	206$	207$
H. E. Norte Portugal	—	310$	320$
H. E. S. Estrela	—	—	—
U. E. P.	204$	200$	204$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. D. E.	—	210$2	216$5
F. I. Atlântico	—	129$7	133$6

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	25/3/70	1/4/70	2/4/70
GERAL	163,5	160,3	159,7
METROPOL.	152,8	149,9	149,4
ULTRAM.	242,0	236,9	235,1

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dólares de 1 e 2	28$00	28$50
— Dólares de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá:		
— Dólares de 1 e 2	25$90	26$40
— Dólares de 5 a 100	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$06	$09
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	4$80	6$80
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,35	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$50	6$80
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouros		
Inglaterra—Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Prémios Científicos e Literários da Academia das Ciências

A Academia das Ciências de Lisboa abriu de novo concurso para a atribuição dos seus prémios científicos e literários relativos ao ano em curso.

De acordo com o regulamento, poderão concorrer todos os autores portugueses que não sejam académicos efectivos daquela instituição cultural, os quais devem entregar, juntamente com cinco exemplares da obra, inédita ou impressa, um requerimento dirigido ao presidente da Academia em que declarem não ter a obra sido premiada em qualquer outro concurso.

São os seguintes os prémios instituídos por aquela Academia, cujo regulamento foi publicado, em edital, no «Diário do Governo».

1) Prémio Ricardo Malheiros, no valor de 5000$00, destinado a obra impressa dos géneros romance, novela ou conto, publicada durante o ano de 1970;

2) Prémio Artur Malheiros, no valor de 15 000$00, destinado a obra inédita sobre ciências políticas, jurídicas e sociais;

3) Prémio Ramos Paz, no valor de 8000$00, destinado a obra inédita sobre qualquer aspecto da literatura brasileira ou das relações literárias luso-brasileiras;

4) Prémio António Louragoiti, no valor de 12 000$00, destinado a obra impressa de interesse luso-brasileiro nos domínios da literatura, da filologia e da história, publicada durante o biénio de 1969-1970;

5) Prémio Abílio Lopes do Rego, dois prémios, um no valor de 50 000$00 e outro no valor de 30 000$00, destinados a obras impressas publicadas durante o ano de 1970, ou inéditas, sobre administração ultramarina, abrangendo qualquer tema da ciência de colonização, qualquer problema concreto que diga directamente respeito á administração ultramarina portuguesa, ou qualquer estudo de ciências humanas de interesse directo e imediato para a administração ultramarina portuguesa.

O prazo de entrega das obras termina um ano após a publicação do edital no «Diário do Governo».

PROFESSOR BRASILEIRO NO L. N. E. C.

No anfiteatro do L.N.E.C., o prof. Jayme Mason, da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro, profere esta tarde, ás 18 horas, a primeira de uma série de duas lições sobre «Cálculo e Projecto de Grandes Cúpulas». A segunda lição está programada para amanhã, á mesma hora.

PREVENÇÃO E SEGURANÇA

Está a despertar muito interesse, não só nos meios nacionais mas, também, nos internacionais, a realização em Lisboa, de 20 a 24 deste mês, da I Semana Luso-Hispano-Brasileira de Prevenção e Segurança.

Ultrapassa já o numero de 400 pessoas inscritas, entre espanhóis, brasileiros e portugueses. Também estão inscritos conferencistas e observadores dos seguintes países: Suíça, França, Inglaterra, Suécia, Bélgica, Alemanha, América do Norte, México e Colômbia.

Ao Cento de Prevenção e Segurança chegaram, até agora, 80 comunicações, esperando-se ainda que este numero aumente.

Estas comunicações serão apreciadas e discutidas nos quatro dias da «I Semana» e formarão a base para as conclusões finais.

CONFERÊNCIA DO PROF. LAGOA HENRIQUES

Dedicada á «Exposição de Escultores Italianos Contemporâneos — Pequenos Bronzes», patente ao público na Galeria das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, realiza-se hoje ás 18 e 30, conforme estava anunciado, a conferência do prof. Lagoa Henriques, da Escola Superior de Belas-Artes, que versará o tema «Escultura íntima». A entrada é livre.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

COMUNICADO

A firma **BENJAMIM BARRAL, LDA., importadora e representante exclusiva para Portugal e Províncias Ultramarinas das BOQUILHAS BOFIL,** informa todos os seus Ex.mos Clientes e o publico em geral que mantém a representação das mesmas boquilhas, continuando a atender como sempre, todos os pedidos pelo telefone 76 91 81 ou para a Rua Oliveira Martins, 13, 3.º, D.to — LISBOA

JORNADAS DE PEDIATRIA

(Continuação da 1.ª página)

por carência alimentar, referiu-se á presença dos srs. prof. Matsamiotis, da Grécia; dr. E. M. de Mayer, da Organização Mundial de Saude; e dos pediatras brasileiros drs. Dorina Barbieri, Martim de Campos e Eduardo Marcondes; bem como dos médicos angolanos drs. Jacques Pena e D. Maria de Lourdes Ferreira

As nações ricas deviam ajudar as mais pobres

Falou, em seguida, o prof. Jean Sénécal, que começou por declarar ser a organização das jornadas uma afirmação da vitalidade da pediatria portuguesa, recordando o congresso efectuado, há oito anos, em Lisboa, que teve como impulsionador o prof. Salazar de Sousa. Afirmou, depois, que trazia aos participantes nas jornadas os cumprimentos dos pediatras franceses e classificou de muito actual o tema escolhido, a «Malnutrição», afirmando que o mesmo constituia grave problema em muitos países, nomeadamente os subdesenvolvidos, afectando milhares de crianças, muitas das quais morriam em consequência disso.

Após afirmar que as nações ricas deviam ajudar as mais pobres, o prof. Jean Sénécal disse que a produção e repartição das riquesas alimentares representariam o primeiro passo para a resolução do problema. Falando sobre os países em vias de desenvolvimento e os métodos de planeamento neles adoptados, para obviar á malnutrição o clínico francês apontou que, nesse domínio, devido ao estabelecimento de um regime de prioridades, tinham surgido dados de grande utilidade. E acrescentou que não bastava nutrir uma criança, sendo necessário, também, educá-la, formá-la profissionalmente.

Depois de acentuar que o problema da malnutrição era extensivo a todos os países da Europa, o prof. Jean Sénécal falou, nomeadamente, do alcoolismo, dizendo ser necessário encorajá-lo, pois isso consistia no encorajamento das relações mãe-filho, essenciais para a formação da personalidade da criança.

Palavras do secretário de Estado da Saúde

No uso da palavra, o secretário de Estado da Saúde começou por afirmar que o Ministério da Saúde acompanharia, com o maior interesse e certamente grande proveito, a marcha das Jornadas e ficava atento ao significado médico-social das comunicações e às recomendações que uma importante reunião cientifica como aquela, ao debruçar-se sobre o problema da malnutrição infantil, ia por certo fazer e pôr em evidência.

Mais adiante, o prof. Gonçalves Ferreira disse: «*No campo especial da nutrição, além dos casos de carácter individual ou familiar, dependentes de condições sociais precárias e ainda das de natureza hereditária, sobre que temos grande falta de informação concreta, há ainda que considerar, atentamente, os núcleos importantes de população que sofrem de carências globais remediáveis, de que é exemplo a falta de iodo alimentar*».

O secretário de Estado da Saúde terminou por referir que as Jornadas tinham êxito assegurado, pelo interesse do tema escolhido e pela categoria dos participantes.

Terminada a sessão inaugural, começaram as reuniões cientificas. Durante a manhã, apresentaram comunicações os srs. prof. J Janz «O conceito e malnutrição calorico-proteica», prof. Jean Lénécal «Aspectos sociológicos da malnutrição», dr. Moreira Braga «A influência da educação sanitária na prevenção da malnutrição na criança», dr E. de Mayer «Prevenção da malnutrição» e drs. Ramos de Almeida, E. Albuquerque e F. Costa Campos «Nutrição fetal e suas repercussões no recém-nascido e no desenvolvimento do lactante estudo de 52 casos.»

A tarde falaram os srs. dr. Martins de Campos, do Brasil «Comportamento das taxas de aminoácidos livres no soro sanguíneo e urina de crianças, nas fases de serena desnutrição e no período de recuperação», prof. Mário Cordeiro, de Lisboa «Carência em piridoxina na malnutrição» dr. Jacques Pena, de Luanda («Casos de diabetes pancreática com Kwashiorkor na Amnese»), dr. Dorina Barbieri, do Brasil «A mucosa jejunal na malnutrição», e dr. Edurado Marcondes, também do Brasil «Desenvolvimento neuro-psicomotor na desnutrição Enfase nas alterações pneumoencefalográficas».

Cerca das 18 e 30, o presidente do Município ofereceu na Casa do Leão do Castelo de S. Jorge, uma recepção em honra dos participantes nas VIII Jornadas Internacionais de Pediatria, que terminam amanhã.

«SEXO E SOCIEDADE» — tema de uma sessão no Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica

No prosseguimento das actividades culturais do Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica, realiza-se amanhã, pelas 21 e 30, na sua sede, Av Miguel Bombarda, 96-1.º-Dto., mais uma sessão. Esta, subordinada ao tema: «Sexo e Sociedade», é orientada pelo médico psiquiatra dr. Afonso de Albuquerque.

NO SINDICATO DOS PROFESSORES VAI SER DEBATIDO O CONTRATO COLECTIVO

Nas salas da biblioteca do Sindicato Nacional dos Professores, á Rua Filipe da Mata, 36-1.º, realiza-se amanhã ás 21 e 30, uma assembleia geral para debater problemas relacionados com o contrato colectivo de trabalho, actualmente em discussão com o Grémio dos Proprietários de Estabelecimentos do Ensino Particular.

A assembleia pronunciar-se-á ainda sobre uma proposta de direcção para alteração dos Estatutos.

Necrologia

FALECIMENTOS

Maria Emília de Menezes Braz Garrido

Faleceu a sr.ª D. Maria Emília de Menezes Braz Garrido, de 71 anos, natural de Lisboa, viúva, mãe da sr.ª D. Maria de Lourdes Braz Garrido Narciso, sogra do sr. José de Matos Craveiro Narciso, avó da sr.ª D. Maria José Garrido Narciso e do sr. José Aurélio Garrido Narciso, e irmã da sr.ª D. Carmen de Menezes Braz Barbosa. O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da Igreja dos Anjos para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 9 e 30, no referido templo. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Salgado.

FUNERAIS

José Lucas Trindade

COVILHÃ, 2 — Da igreja de Nossa Senhora da Conceição saiu, com grande acompanhamento, para o cemitério local o funeral do sr. José Lucas Trindade, de 65 anos, viuvo natural e residente nesta cidade, onde era muito estimado. Era irmão do sr. Francisco Xavier, e das sr.as D. Hortense da Graça e D. Conceição Trisdade e tio dos srs. Armando Trindade, Francisco Alves Trindade, Américo Baptista Trindade, D. Natalina Baptista Trindade, D. Luísa Alves Trindade e D. Maria Helena.

António Brito

COVILHÃ, 2 — Realizou-se, para o cemitério local e teve largo acompanhamento o funeral do sr. António Brito, de 56 anos, natural desta cidade, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Andrade e pai do sr. Domingos Andrade Brito e das sr.as D. Deolinda, D. Maria e e D. Luísa Andrade de Brito.

Em AZEITÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Augusto Sacramento & Filhos, Lda.

A SOCIEDADE DE CONSUMO

(Continuação da 3.ª página)

indústria nacional é auto-suficiente, quantitativa e qualitativamete, o consumo de produtos importados traduz, ao mesmo tempo, requinte e refinamento apenas ao alcance de uns tantos privilegiados É o caso da reacção do consumidor norte-americano diante de todos os produtos que traduzam o «continental way of life», por oposição ao tão decantado «american way of life».

Essas reacções aos estimulos para o consumidor traduzem-se através de matizes psicológicos muito objectivos, que a qualquer perito em dinâmica de grupos parecem suficientemente normais e previsiveis.

A contestação da sociedade de consumo define-se numa atitude meramente emocional e infantil. Do ponto de vista psicológico, é extremamente dificil estabelecer-se a distinção entre o consumo de essencial e o de supérfluo. Essencial é tudo que está dentro de minhas posses: supérfluo, o contrário.

Todavia, deve-se entender que o consumo é a reciproca imediata do processo de industrialização. Mesmo desprezando-se os vaticinios ás vezes alarmantes dos técnicos do Hudson Institute, a inexistência de consumo reflecte ausência de complexo industrial, consequentemente, ausência de empregos renda per capita irrisória, subdesenvolvimento económico, enfim.

Se um país consegue harmonizar seu processo de produção de bens e serviços, significa que o maior numero de criaturas consegue trabalhar. E quem trabalha, na sociedade industrial, automàticamente consome. Donde, quem não trabalha... contesta.

NAIEF SAFADY

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

A PROCISSÃO DOS TABULEIROS EM TOMAR

TOMAR, 2 — Foi marcada para o dia 5 de Julho a tradicional procissão dos tabuleiros. Os cortejos parciais das diferentes freguesias do concelho realizar-se-ão no dia 4 daquele mês.

CONFORTO DO LAR, LDA.

APRESENTA O MAIOR E MELHOR SORTIDO DE TECIDOS PARA ESTOFOS, DECORAÇÕES, CORTINADOS, NAPAS E PERGAMOIDES

VELUDOS EM ALGODÃO, LÃ, NYLON E ACRÍLICO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas
RUA D. DUARTE, N.º 2, 2.º — T. 860730 — LISBOA
(Junto ao Hotel Mundial, á Praça da Figueira)
FILIAL — Rua Formosa, 317, 1.º — Telefone 30074 — PORTO

Maria Emília de Menezes Braz Garrido

FALECEU

Maria de Lourdes Bráz Garrido Narciso, José de Matos Craveiro Narciso, Maria José Garrido Narciso, José Aurélio Garrido Narciso, Carmen de Menezes Braz Barbosa, e mais familia participam o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã e parente e que o funeral se realiza amanhã dia 3 ás 12 horas, da Igreja dos Anjos para jazigo de família no cemitério dos Prazeres. Sendo celebrada missa de corpo presente às 9,30 horas no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO

HERMANO LOPES MARTINS

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

ALBERTO MARTINS, LDA., participa que amanhã, dia 3, ás 12 horas, na Igreja da Sé em Lisboa, será celebrada missa pelo eterno descanso da alma do Seu Saudoso Sócio, agradecendo a todos que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Aproveita a oportunidade para testemunhar o seu reconhecimento a todos quantos lhe manifestaram o seu pesar pela perda do Seu Sócio.

— AGÊNCIA MAGNO —
Telef. 534167

Ordem dos Médicos

SECÇÃO REGIONAL DE LISBOA
EDITAL

João Viana Barreto, Presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos.

Faço saber, nos termos do art.º 109.º do Regulamento Disciplinar da Ordem dos Médicos, que por acórdão do Conselho Disciplinar Regional de Lisboa, de 17 de Dezembro de 1969, proferido no processo n.º 116, instaurado mediante participação do Conselho Regional de Lisboa, foi aplicada ao arguido, Dr. Josias Ferreira Gil ou Josias Gyll médico com consultório em Cascais e Lisboa, a pena de cinco mil escudos de multa, com publicidade.

Lisboa, 1 de Abril de 1970

a) *João Viana Barreto*

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Limpeza interior de serviços hospitalares — Conc. Público n.º 48/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados em que o horário será das 9 ás 12,30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 31 de Março de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Manuel Brioso Pina de Jesus

Ordem dos Médicos

SECÇÃO REGIONAL DE LISBOA

Avisam-se os médicos inscritos nesta Secção Regional que nos termos do art.º 24.º do Regulamento das Assembleias Regionais, marquei para o *dia 4 do corrente*, pelas 21 horas, na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa (Hospital de Santa Maria) a continuação dos Trabalhos da Assembleia Regional Ordinária, cuja primeira sessão teve lugar no dia 21 do mês findo.

Lisboa, 1 de Abril de 1970

O Vice-Presidente da Assembleia Regional

a) *António Telo Nunes da Costa*

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O MISTERIOSO DESAPARECIMENTO DO CADÁVER DE UMA CRIANÇA

• TERIA SIDO LEVADO PELOS RESPONSÁVEIS DA MORTE DE OUTRA CRIANÇA QUE SUCUMBIRA A MAUS TRATOS?

PORTO, 2 — Impressionou a opinião publica o caso, tornado publico, ontem, em Sobrado (Valongo), do desaparecimento do cadáver de uma menina de onze meses que fora sepultada na segunda-feira no cemitério daquela freguesia.

Foi o coveiro, sr. Vitorino da Silva Ribeiro, ali exercendo essas funções há cerca de dois meses, quem deu conta do sucedido, quando, ao passar próximo do coval n.º 10 da 6.ª secção, viu a terra remexida e o caixão á vista. Apressou-se a comunicar o facto ao presidente da Junta de Freguesia, sr. Julião Francisco André, o qual imediatamente se foi certificar do estranho caso. Quando o coveiro se propunha enterrar, de novo, o pequeno caixão, ao pegar nele, achou-o demasiadamente leve e, por isso, o abriu, verificando ambos, com surpresa, que estava vazio. E logo o presidente da Junta foi ao posto da G.N.R. dar conhecimento do sucedido. O comandante daquele posto comunicou-o á Polícia Judiciária desta cidade, que para ali enviou alguns agentes.

Começaram os investigadores por ouvir os pais da malograda criança, Maria José de Oliveira Dias. Aqueles, o sr. Adelino Dias e a sr.ª Constança Moreira, residentes no Alto da Vila, daquele concelho, mas, de momento as investigações pouco adiantaram, não se descortinando as razões do desaparecimento do pequeno cadáver, que causou espanto e indignação, avolumando-se o mistério.

Uma ideia que pode ser uma pista

A meio da manhã, de hoje, o nosso solícito correspondente em Valongo, sr. Fernando Queirós teve uma ideia que pode muito bem conduzir á solução do estranho caso. No ultimo sábado, faleceu, na freguesia de Campo, junto á do Sobrado uma menina de 15 meses, de nome Maria José Moreira Martins, cujo funeral foi embargado por acusações da vizinhaça, segundo as quais a criança morrera devido aos maus tratos de sua madrasta. O pequeno cadáver foi, na segunda-feira seguinte, colocado na capela mortuária de Valongo, para no dia imediato, isto é, terça-feira, seguir para o Porto onde seria autopsiado. Não foi conduzido na segunda-feira dado que os serviços camarários estavam encerrados por motivo das festividades da Páscoa.

Entretanto, nesse mesmo dia, ou seja na segunda-feira, realizava-se, ás 18 horas, para o cemitério de Sobrado o funeral da menina de onze meses, Maria José Moreira Dias, cujo cadáver desapareceu.

O sr. Fernando Queirós, ainda naquele dia, á noite, dado ao que se dizia sobre o embargo do funeral da outra menina, resolveu, já muito tarde, ir á freguesia de Campo ouvir o pai e a madrasta da pequenita. Muito próximo da meia-noite, bateu á porta daqueles e acabou por certificar-se de que não estava alguém em casa. Voltou lá no dia seguinte e foi recebido pelo pai da pobre menina com certa hostilidade, declarando-lhe que nada diria sobre o assunto.

Investigações em curso

Perante o enigmático desaparecimento do corpo de uma pequenita sensivelmente da mesma idade e dada a coincidência de nessa ocasião a primeira dessas crianças falecidas ter de ser autopsiada, o sr Fernando Queirós lembrou-se se não teriam sido o pai e a madrasta da primeira que, assaltando, de madrugada, o cemitério de Sobrado, trariam o cadáver da outra menina para o colocarem no caixão que continha o corpo da sua filha, o qual, na capela mortuária de Valongo, aguardava a altura de ser trasladado para o Necrotério no Porto.

Esta hipótese surgiu ao nosso estimado correspondente por não ter encontrado, á hora tardia a que os procurou, o pai e a madrasta da primeira das infelizes crianças. E, esta manhã, foi ao posto da G. N. R. Ali aceite a sua versão foi esta transmitida, telefónicamente, para a Polícia Judiciária, de onde informaram que estariam lá da parte da tarde para tratar do assunto.

A ser autêntica esta pista, a dificuldade para a sua certificação é fácil, pois basta ir ao cemitério do Campo e abrir o coval onde, ontem, á tarde, foi enterrado o cadáver daquela que se julga ser a pequenita Maria José Moreira Martins e que veio do Porto depois de autopsiada.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de Nordeste e o céu estava pouco nublado nas regiões do Norte e muito nublado ou encoberto nas regiões do Centro e Sul

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 19°,5; mínima: Penhas do Saúde, —2°,5

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 11°; Penhas Douradas, 1°; Coimbra, 10°; Portalegre, 8°; Lisboa, 8°; Faro 14°; Funchal 17°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°,5 na água do mar: 13°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Nas regiões do Norte, céu pouco nublado, vento moderado, por vezes forte, de Leste; nas regiões do Centro e Sul, céu geralmente muito nublado, vento fraco ou moderado de Nordeste, aguaceiros ou períodos de chuva a sul do Tejo. Melhoria do estado do tempo a partir da noite de hoje, nas regiões do Centro, estendendo-se gradualmente ás regiões do Sul.

Amanhã

Nascer às 7 e 20
Ocaso às 20 e 1

Dia 6 Dia 13 Dia 21 Dia 28

MARÉS.

PREIA-MAR: **Hoje** — 0 e 52 (3,6 m); 18 e 42 (3,6 m). **Dia 3** — 1 e 56 (3,9 m); 14 e 30 (3,8 m). **Dia 4** — 2 e 42 (4,1 m); 15 e 14 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 7 e 10 (1,2 m); 19 e 30 (1,3 m). **Dia 3** — 8 e 02 (1,0 m); 20 e 49 (1,0 m). **Dia 4** —

Prémios da Imprensa Regional

Sob a presidência do director-geral da Informação, dr. Clemente Rogeiro, reuniram-se os juris dos Prémios Melhor Colaboração e Ferreira Gomes, instituídos pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e destinados à Imprensa Regional.

O Prémio Melhor Colaboração foi atribuído a Fausto de Almeida, autor do artigo «É essencial e urgente a criação de um Instituto Comercial em Coimbra», publicado no jornal «A Voz da Figueira».

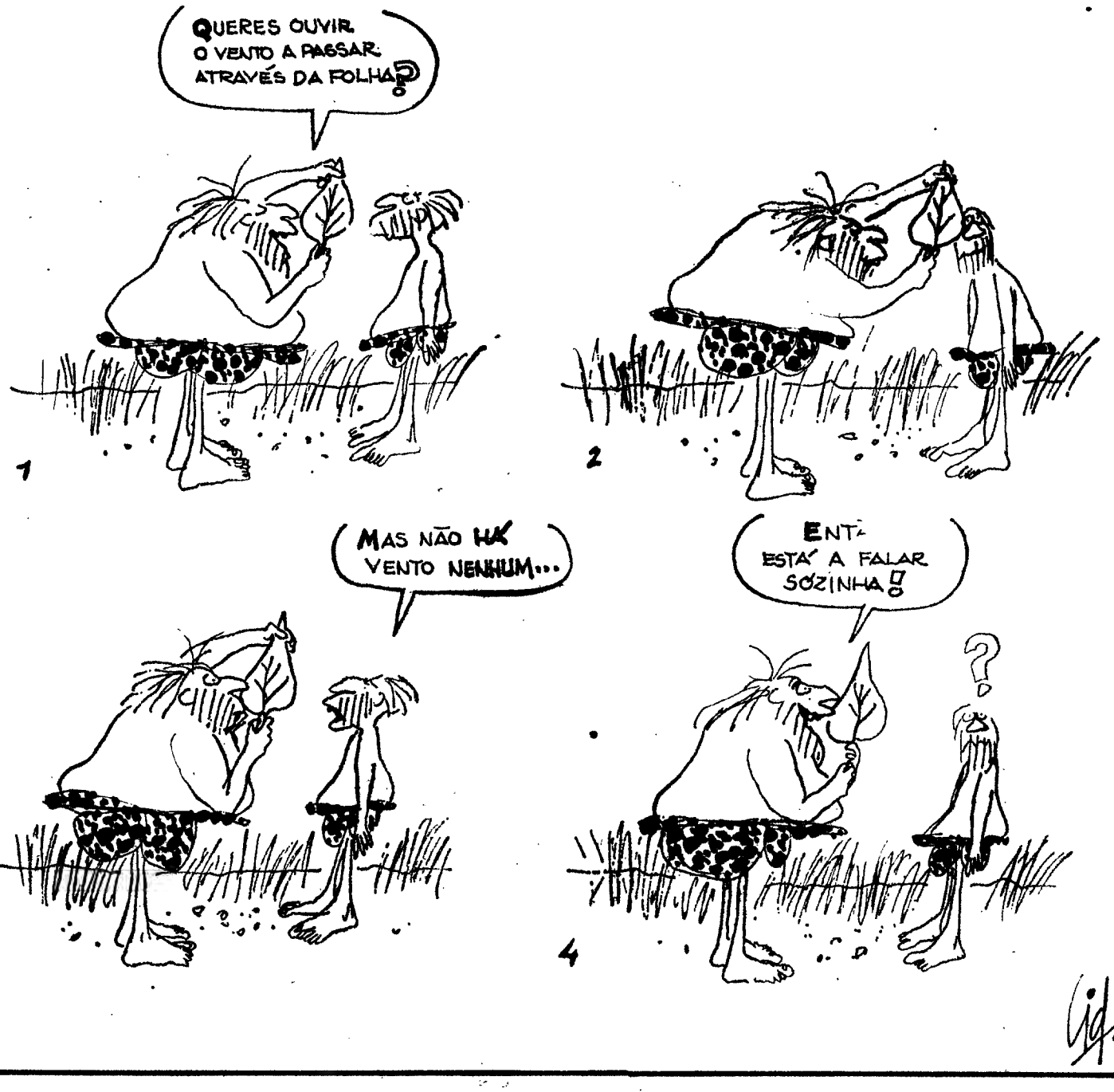
Por sua vez, o Prémio Ferreira Gomes foi atribuido ao jornal «Mar Alto», da Figueira da Foz.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

novo horário para
Madrid
a partir de 1 de Abril...
além do habitual horário
com partidas diárias
ÀS 18 HORAS
...agora voamos às terças-quintas sextas-sábados e domingos com partida às 08.45H
IBERIA
o romantismo de Espanha em cada avião
RUA ROSA ARAÚJO Nº2A (Esquina da AV. DA LIBERDADE) TELS. 56 20 16 - 7 - 8 - 9

SE É DO NORTE
(E DO SUL TAMBÉM!)
VÁ AO
VI RALLYE ÀS ANTAS
COM O motor
QUE SAIU HOJE
UM SUPLEMENTO ESPECIAL
SOBRE A PROVA DO F. C. PORTO
NESTE NÚMERO:
• O A. C. P. LEVANTOU UM INQUÉRITO AO SINTRENSE POR ESTE CLUBE NOS DAR O SEU APOIO! (Avelãs Coelho)
• ESMAGADORA VITÓRIA DATSUN NO RALLYE SAFARI (Serviço Especial)
• DISSIDÊNCIAS NA COMISSÃO DESPORTIVA NACIONAL?
• O QUE IMPORTA NAS PRESSÕES (Bandeira de Lima)
• OS JORNALISTAS DE AUTOMÓVEIS ESCOLHERAM OS MELHORES DE 1969
• O RALLYE «CHAMA VIVA» (F. N. A. T.)
• VÍTOR NÉVOA FALA DO I CIRCUITO DE LISBOA EM KARTING
• MOTONÁUTICA: O G. P. DA PÁSCOA
• GUIAR... E GUIAR BEM (Baptista dos Santos)
• E AINDA
O AUSTIN MAXI EM «MOTOR-ENSAIO»
(por Philippe Toussaint, do serviço de reportagem no estrangeiro)

koko



2.º caderno

Aumentaram os preços dos transportes colectivos em Viseu

VISEU, 2 — Entraram ontem em vigor as novas taxas dos transportes colectivos. Um escudo para uma ou duas zonas e 1$50 para três ou quatro. Talvez não pareça mal a elevação para três ou quatro zonas. Mas está, seguramente, desproporcionada de todo, a taxa de uma ou duas zonas. Alguém mete-se no autocarro em Santa Cristina e paga 1$00, mas se for até Vildemoinhos ou até Abraveses paga só mais $50.

Ora, a menos que se haja tido em vista suprimir os pequenos percursos, dificultando-se a vida no autocarro dentro da cidade, salta à vista o contra-senso ou como queiram chamar ao esclarecimento da primeira zona.

Merece aplausos contudo a deliberação de se manterem sem aumento de taxas, os percursos Via Liceu e Via Ciclo Preparatório.

Casas para pobres na Torreira serão construídas pelas dádivas e pelo esforço de beneméritos

MURTOSA, 2 — Quem quer que visite a Torreira, praia tão apregoada pelas suas belezas naturais, fica impressionado com o espectáculo que oferecem os palheiros onde vivem, em promiscuidade confrangedora, muitas famílias pobres, que vivem das artes de pesca na ria e no mar. E torna-se absolutamente necessário acabar com estas tristes habitações.

Sabemos que nem tudo se pode esperar das Câmaras Municipais, pois lutam com dificuldades financeiras, mas muito podem fazer, ajudando, auxiliando quem a tal obra se queira abalançar.

Felizmente há quem viva e sinta este problema. Assim é que, há meses, os apaixonados amigos da Torreira e da Murtosa e dos pobres, o sr. António da Cruz Barbosa e sua esposa, sr.ª D. Maria do Carmo Pinto da Cruz Barbosa, resolveram construir um bairro de casas para pobres na freguesia da Torreira, de começo com 12 habitações, mas com o propósito da sua ampliação. Natural deste concelho, aquele benemérito casal tem proporcionado avultados e inúmeros benefícios aos desprotegidos desta terra, salientando-se a doação à Misericórdia, juntamente com a sr.ª D. Germana Marques Pinto de Ruella Ramos e o sr. dr. João Ruella Ramos, de um edifício na Torreira para instalação da Colónia de Férias da Creche José Maria Barbosa e que já funcionou no ano findo.

Aguardam aqueles devotados amigos da Torreira que lhes seja cedido pela Câmara Municipal o terreno necessário para tal fim, com todo o apoio e colaboração do Município, exaltando, assim, esse gesto tão louvável. Falta apenas, que seja fixado o local na praia da Torreira onde será implantado aquele bairro de casas para pobres. Há problemas que exigem rapidez na solução e este é um deles. Espera-se que o técnico urbanista da Câmara Municipal o resolva com urgência, pois todos desejamos que os pobres da Torreira saiam daquelas habitações impróprias e sejam alojados em casas condignas e asseadas, que não nos envergonhem.

Todos devemos trabalhar pelo progresso e desenvolvimento da praia e da terra que nos viu nascer, aproveitando tudo que nos possa dignificar e engrandecer.

LAR DOS VELHOS DE PONTE DE SOR

PONTE DE SOR, 2 — Em comemoração das festas solenes do centenário da Sociedade Recreativa Pontessorense, a sr.ª D. Margarida Vaz Monteiro Camossa Saldanha acaba de doar a sua residência nesta vila e todos os seus amplos anexos e quinta, para ser instalado o Lar dos Velhos de Ponte de Sor.

Para acorrer a parte da sua manutenção, entregou também um magnífico edifício de três andares, acabado de reconstruir e onde está instalada a Pensão da Ponte, e, ainda um olival.

A obra deverá, porém, por vontade da doadora, ser de todos e que todos devem tomar a sua quota-parte no erguer e manutenção de tão grandiosa obra de bem fazer.

O edifício, apesar de bem conservado, necessita de ser adaptado ao fim em vista e para tanto é preciso dinheiro, assim como para o seu regular funcionamento, pelo que necessário se torna que todos os Pontessorenses, na medida das suas possibilidades, concorram para o empreendimento, dando amparo e agasalho a quantos deles necessitam.

ora diga-nos...

— Acha que o tabaco prejudica a saúde?

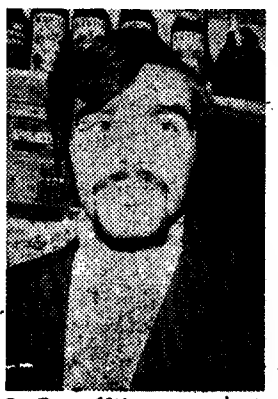
Mesmo nos países onde se fazem campanhas contra o fumo, os cigarros continuam a vender-se...

● *O sr. Fernando Moreira, bancário, respondeu-nos:*

— Bem, não fará muito mal, mas, em certos casos, não se deve fumar... Olhe, um cigarro de vez em quando, para entreter... O ideal talvez seja, mesmo, pôr o tabaco de parte: que quem fuma deixe de fumar, e quem não fuma não adquira o hábito!

● *O sr. José Júlio Tavares Caldeira, vendedor, disse-nos:*

— Acho que o tabaco prejudica muito a saúde e acredito que possa provocar o cancro no pulmão. Eu fumo porque tenho o vício e não consigo refrear. Bem, se o médico me obrigasse, talvez... Tinha mesmo de ser!



● *Por último, ouvimos o sr. Tomás Manuel Góis, pintor da construção civil:*

— Tenho a certeza disso, pois o médico afirmou que o tabaco me prejudicava o sistema nervoso. Olhe, basta ter força de vontade e perde-se logo o vício. Dantes, eu fumava dois maços de cigarros por dia e, agora, um chega-me para toda a semana. E só fumo cigarros com filtro! Sabe, fiz mal em não ter posto o tabaco de parte por completo, numa ocasião em que estive quatro anos sem fumar.

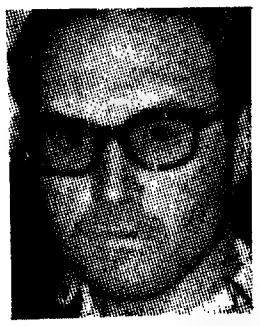
DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOVOS COMANDOS DA SELECÇÃO

JOSÉ PEDROTO

ARMANDO FERREIRA

JOSÉ AUGUSTO



FERNANDO PEDROSA

São estes homens que passam a coadjuvar o novo seleccionador (Gomes da Silva) na tarefa de tentar reabilitar o futebol nacional ùltimamente mais «infeliz» que o normal... Trata-se de José Maria Pedroto (o técnico do Vitória de Setúbal que passa a exercer as funções de treinador do «onze» português), Armando Ferreira (o dirigente sportinguista que terá a seu cargo as equipas de «esperanças») e José Augusto (que «funcionará» como treinador de campo). Depois, teremos Fernando Pedrosa, ex-presidente do Vitória de Setúbal, que será presidente da Comissão de Selecção e coordenador-geral das turmas representativas do nosso futebol. Uma aragem de esperança, sem dúvida, a procurar remediar (a curto ou a longo prazo?) os deficiências e os erros que arrastaram Portugal para o lugar em que estava, na craveira futebolística europeia, antes do «Mundial» de Londres.

A CRISE DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO

Ninguém acredita, claro, que o Futebol Clube do Porto irá continuar na próxima época a obter os ùltimos resultados futebolísticos que relegaram a equipa para a sua pior crise de sempre. Ninguém acredita, também, que as causas dessa crise (inumeras) se manterão sem serem combatidas: para que o clube passe a ocupar o seu lugar no cômputo do futebol nacional. E ninguém acredita que a direcção do clube possa nesta altura resolver a situação. Poderá (sim) e tem mesmo de o fazer para a época que vem, embora haja necessidade de começar a trabalhar para isso imediatamente.

Uma direcção dedica-se a fundo ao pelouro do futebol durante três meses (os que antecedem a nova época e os primeiros já dentro dela) e depois a sua atenção terá de se espraiar por outros pelouros. O departamento de futebol, após aquele período, fica completo e entregue aos seus «responsáveis». Não se podem fazer mais aquisições e há que «viver» com o material existente.

Baseados nisto, acreditamos que o referendo do próximo sábado, posto pela direcção á massa associativa (para esta afirmar se pretende ou não que a direcção se mantenha no seu posto) será favorável aos actuais dirigentes.

Mas estes terão de pensar madura e inteligentemente na tarefa difícil que se avizinha, e não cair em erros que vêm de longe e, sobretudo, não se agarrarem ás infelicidades que atingiram a equipa, infelicidades que realmente existiram — doença do treinador Schwartz, lesões em série (vários jogadores com internamentos hospitalares) falta de guarda-redes e escassez de treinos por deveres militares, por exemplo.

O clube tem de gastar dinheiro na compra de elementos base. Pelo menos dois «pontas-de-lança», um defesa-central e um guarda-redes realmente bom.

O aproveitamento de juniores é difícil, pela quase brusca transição de categoria. Eles acabam por andar anos e anos a «moer» nas categorias superiores á espera de se tornarem capazes de ganhar lugar no primeiro grupo, encontrando muitos factores contra. Há os efectivos indiscutíveis e há, a certa altura, a descrença do candidato que sabe não poder substituir fulano ou sicrano que são efectivos. E, entretanto, quer ir ganhando dinheiro: que faz falta ao clube, não se trasformando naquele rendimento que se esperava e, muitas vezes, passeando cá fora os ares de vedetismo que não possui.

O clube, durante anos, gasta com estes juniores promovidos, «rios» de dinheiro. Acontece que muitos deles estudam e quando mostram qualidades e «esperanças», mudam-se para colectividades distantes, onde podem prosseguir os seus estudos.

O F. C. Porto, práticamente, só tem no seu «haver» jogadores ex-juniores, escolhidos de diversas épocas transactas. Para já, poucos dão garantias seguras e absolutas dum valor sem contestação, não deixando também lugar para novas aquisições. Isto tem sido o erro dos ultimos anos.

Mas quer isto dizer que se acabe com o cuidado posto nas categorias juniores? De maneira nenhuma. O clube deve prosseguir nesse trabalho se possível mais intensa e eficazmente, mas só passar a seniores os futebolistas que mostrem categoria, valor e possibilidades absolutas para actuarem de imediato no primeiro grupo.

Terão de emprestá-los a outros clubes sem pretensões tão elevadas como o F. C. do Porto, onde as próprias circunstancias e dificuldades os obriga a tornarem-se homens-jogadores mais depressa e quando aí mostrarem isso mesmo, voltarem ao seu clube de origem.

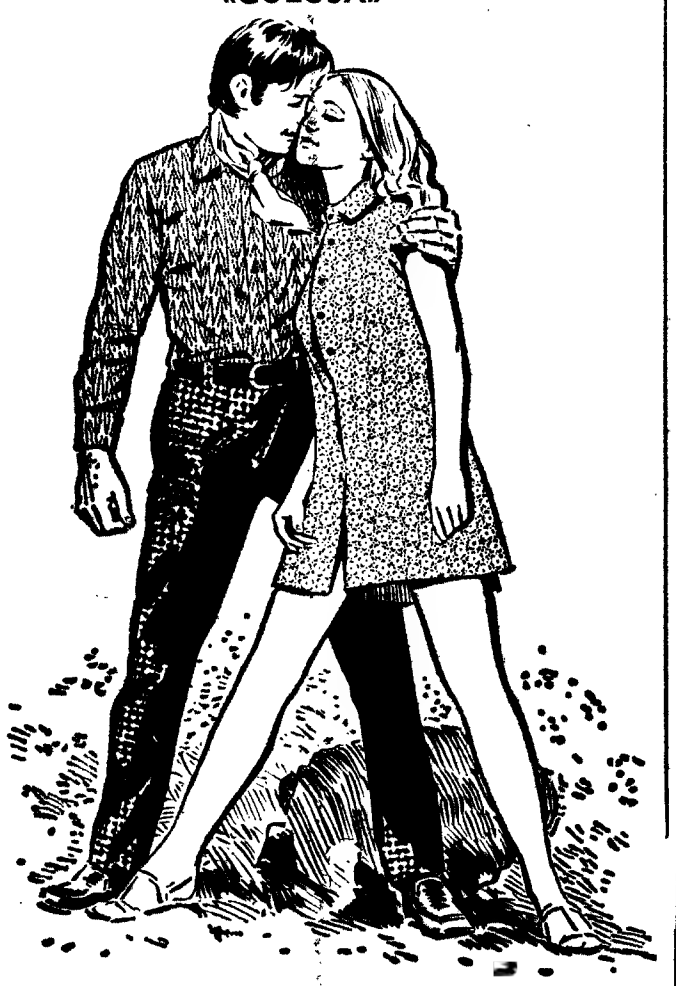
Entretanto, o F. C. Porto tem de procurar jogadores já feitos se quiser manter-se onde deve e lhe compete, pelo seu valor, poder e categoria.

Esta, a nossa opinião.

ANTÓNIO AUGUSTO

VISTA UMA CAMISA

«GULOSA»



■ ANDARÁ EXCITADO PELO SUCESSO DE UMA ADMIRAÇÃO GERAL.

«GULOSA»

APARECE EM BREVE, O RESTO É CONSIGO

ADÃO, CAMISEIROS

LISBOA

VOLEIBOL

VITÓRIA DO BENFICA (3-0) SOBRE O CDUL

Prosseguiu ontem no Estádio Universitário o campeonato regional de voleibol, em seniores, com o encontro Benfica-C. D. U. L.

Os «encarnados» venceram por 3-0 (15/0, 15/11 e 15/7), tendo, sob a direcção de Alfredo Silva e Fernando Rudolfo, as equipas apresentado:

BENFICA — Artur Monteiro, João Nogueira, Carlos Filgueiredo, António Neves, José Barreiros e Moisés Nobre.

C. D. U. L. — Pedro Roriz, Moniz Pereira, Mena Reis, Rui Andrade, Valério Capaz e Nuno Pinto.

Vitória fácil e justa do Benfica num encontro em que as duas equipas não apresentaram o seu melhor.

É certo que a ausência de Vítor Carvalho, nos vencedores, teve influência no melhor rendimento da equipa, mas a falta de Barão Pinto, nos universitários, foi muito mais notória, principalmente no poder atacante da turma vencida, o que justifica, em certa medida, a expressão da primeira partida (15/0).

O Benfica sentiu que dificilmente perderia o encontro e abrandou, beneficiando assim o adversário que conseguiu atenuar nas duas últimas partidas a diferença que o separava do maior poder dos vencedores.

Para o campeonato de reservas, o Benfica venceu também o C. D. U. L. por 3-0 (15/7, 15/9 e 15/6).

O EVERTON É CAMPEÃO DE INGLATERRA

LIVERPOOL (Inglaterra), 2 — (A. N. I.) — O Everton, ao vencer o West Bromwich Albion por 2-0, no Goodison Park, assegurou o título de campeão da Liga Inglesa de Futebol de 1969/70.

O Everton tem agora 63 ponto, com 40 jogos, e já não pode ser superado: o mais próximo adversário é o Leeds, campeão do ano passado, com 54 pontos em 38 jogos. O campeonato tem 42 jornadas.

O Everton ganhou o último campeonato em 1962/63.

TÉNIS

Torneio de Abertura

Nos «courts» do Internacional, ao Campo Grande, disputaram-se ontem quatro encontros do Torneio de Abertura, cujos resultados foram os seguintes:

Virgílio Coutinho venceu Ávila de Melo, por 6-1, 6-1; Jorge Sarmento venceu Pais Ramalho, por 6-0, 6-1; Nobre de Oliveira venceu Luís Filipe, por 6-1, 6-4; e Nuno Bivar venceu José Roquette, por 6-1, 6-1.

TAÇA TEJO (RESERVAS)

SPORTING, 3 BARREIRENSE, 2

No Estádio José Alvalade defrontaram-se ontem as «reservas» do Sporting e do Barreirense, em jogo a contar para a «Taça Tejo», tendo os «leões» saído vencedores por 3-2.

Sob a arbitragem de Marques Ribeiro, as equipas alinharam:

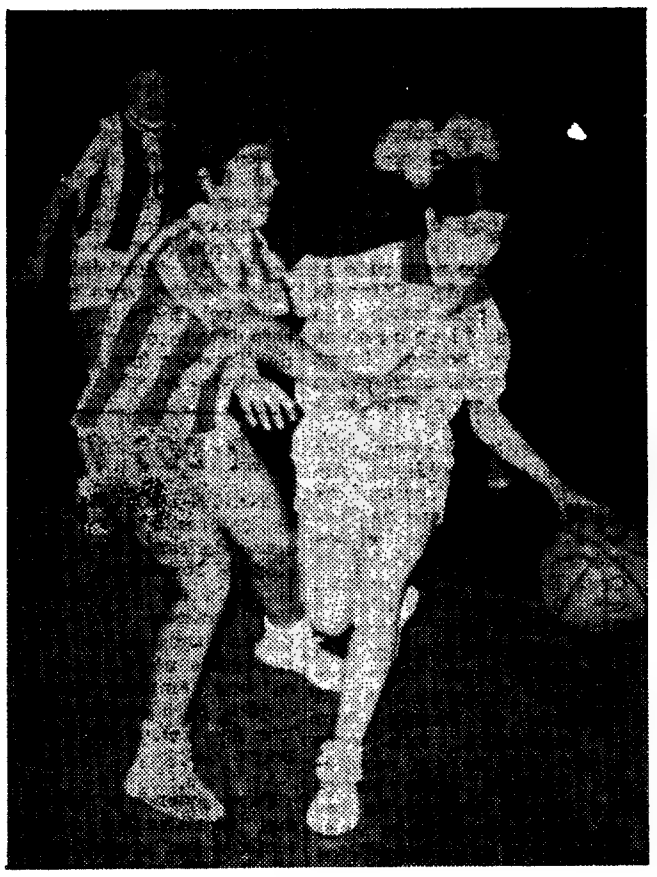
SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, A. Baptista e Manaca; Dani (Juvenal) e Pedras; José Morais, Chico, Ernesto e O. Duarte (Barrão)

BARREIRENSE — Azevedo; Júlio, Aleixo, Faneca e Chaves (Fernando e Picado); Casaca e Serra; Mira, J. Carlos, Bolota e Cepeda.

Marcaram: Pedras (21 m), J. Morais (29 m), J. Carlos (41 m), Bolota (57 m) e Manaca (82 m).

Depois deste encontro, a classificação ficou como segue:

	J	V	E	D	G	P
Belenenses	2	2	—	0	3-0	4
Sporting	3	2	—	1	4-3	4
Benfica	2	1	—	1	4-3	2
V. Setúbal	2	1	—	1	2-1	2
C. U. F.	2	—	1	1	1-3	1
Barreirense	3	—	1	2	4-8	1



O basquetebol feminino em acção: aqui, as equipas da C. U. F. e do Vitória de Setubal, no primeiro jogo da «poule» de desempate, da zona sul do campeonato da primeira divisão. As cufistas venceram por 50-29

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

UM «MONTE» DE FUTEBOLISTAS CASTIGADOS

Mão pesada da Federação

Na reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol resolveu aplicar vários castigos relacionados com dois jogos constantes da última jornada da Taça de Portugal.

O clube mais afectado foi o Sporting de Braga, que, depois dos encontros contra o Desportivo do Montijo, teve quatro jogadores castigados:

Cinco jogos a Alípio Vasconcelos S. Monteiro, por «agressão a um adversário, agravada por sucessão de faltas»; dois jogos a Mário Manuel Jardim Rodrigues, por «atitude inórrecta para com o árbitro, no que é reincidente»; um jogo a Alfredo Nunes Vitorino, por «atitude incorrecta para com o árbitro, agravado por sucessão de faltas» e repreensão por escrito a Albino Aguiar de Sousa, «só» por «atitude incorrecta para com o árbitro.»

Por sua vez, o montijense Fernando Torres Vieira Dias Maquejo também sofreu repreensão por escrito «apenas» por atitude incorrecta para com o árbitro.

Ainda em desafio da Taça de Portugal, disputado contra o Boavista, foram aplicados cinco jogos a António de Sousa Ferreira, do Varzim, por «agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas»

Em relação aos encontros efectuados no último domingo:

«Nacional» da II Divisão — Cinco jogos a António Eduardo Torres Ferreira, do Lusitano de Évora, por «agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas»; quatro jogos a Augusto Esteves Durand, do Luso F. C., por «atitude incorrecta para com o árbitro, no que é reincidente, agravado por sucessão de faltas; três jogos a João Alfredo Raminhos Janota, do Lusitano, por «atitude incorrecta para com o árbitro»; e a Mário Torres Fonseca, do G. D. Sesimbra, por «injurias para com o árbitro»; dois jogos a Vasco da Silva Almeida, da Sanjoanense, por «jogo violento» e repreensão por escrito a Joaquim Alexandre Pereira Coelho, do Sesimbra, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

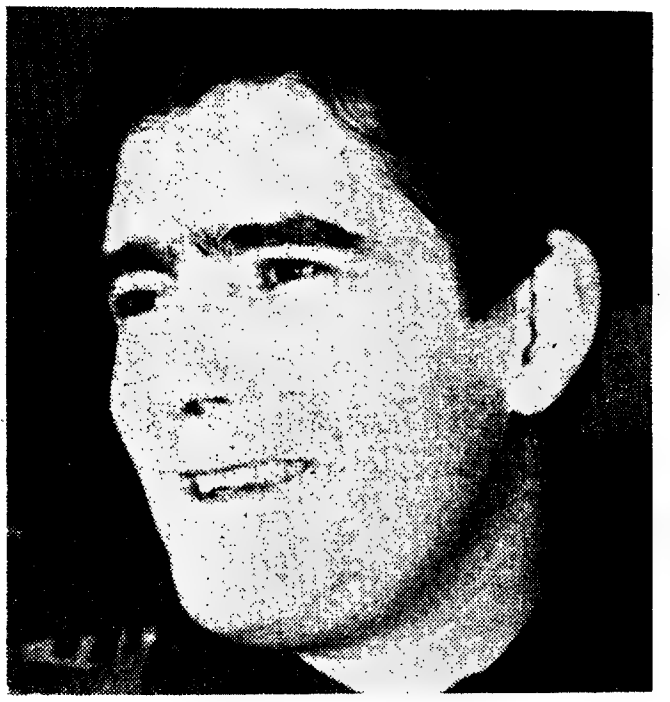
«Nacional» da III Divisão — Oito jogos a Vítor Alberto Espírito Santo, do S. C. Estrela, por «agressão a um adversário, no que é reincidente»; sete jogos a Jorge Manuel Nunes Albuquerque, do Penalva do Castelo, por «injúrias para com o árbitro, com acumulação de faltas e jogo perigoso sistemático»; cinco jogos a Emídio Carlos B. M. Almeida, do Lusitano F. C., por «injúrias para com um adversário, agravado por acumulação e sucessão de faltas» e a António Saltão Belo, da Naval 1.º de Maio, por «agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas»; três jogos a José Alberto Cunha, da Naval 1.º de Maio, por «atitude incorrecta para com o árbitro, no que é reincidente», e a António Filipe Matos Esteves, do S. Gonçalense, Orlando Maria Sousa e Silva, do Grandolense, e Ildefonso Raimundo de Brito, do Desportivo de Beja, todos por «agressão a um adversário»; dois jogos a Élio Amaral Mendes, do Gil Vicente, e a Vítor Manuel Santos Fernandes, da Naval 1.º de Maio, ambos por «atitude incorrecta para com o árbitro, no que são reincidentes», e a José Teixeira Ferreira, do Celoricense, por «ameaça de agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas»; um jogo a Fernando Henriques da Silva, do Vale-Cambrense, por «injúrias para com um adversário» e repreensão por escrito a Rui Luís Ribeiro Leite, do Sporting da Covilhã, por «atitude incorrecta para com o árbitro».

Taça Nacional de Juvenis — Dois jogos a José Alberto Martins Franco, do Ancora Praia; Manuel José Formiga G. Pólvora, do Sesimbra, e José Carrasco Perdigão, do Estrela da Amadora, todos por «agressão a um adversário» e a António Manuel Vieira B. Quita, do G. F. Valadares, por «tentativa de agressão a um adversário»; um jogo a Arminio Almeida Diogo, do Sesimbra, e a Aleino Diris Ferreira do Estrela da Amadora, ambos por «atitude incorrecta para com o árbitro.»

Taça do Norte (reservas) — Três jogos a Acácio Campos Queirós, do Penafiel, por «agressão a um adversário» e repreensão por escrito a Delmas Baptista Chaves Cruz da Académica de Coimbra, por «atitude incorrecta para com o árbitro.»

Treinadores — Repreensão por escrito a António Gaspar Duarte Mesquita, do G. D. Sesimbra, por «atitude incorrecta para com o árbitro.»

Clubes — Multa de 500$00 ao Clube Desportivo de Gouveia, por «comportamento incorrecto de uma parte do publico — arremesso de objectos a equipa de arbitragem»; multa de 250$00 ao Futebol Clube Tirsense, por «demora na entrada em campo, após o intervalo, no que é reincidente» e repreensão por escrito ao Sporting Clube de Espinho, por «demora na entrada em campo, após o intervalo.»



Nomeado seleccionador nacional de hóquei em patins, Vaz Guedes continuará ligado á modalidade que o notabilizou e á qual emprestou o seu esforço de muitos anos. Das suas qualidades e gosto incontroverso pelo desporto dos patins, muito haverá a esperar

Motonáutica

Grande Prémio de Montargil

Organizado pela Federação Portuguesa de Motonáutica, de colaboração com a Associação dos Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia, do Grupo Desportivo da Casa do Povo de Montargil e, ainda, com o apoio e patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, vai realizar-se, no próximo dia 26 deste mês, na Barragem de Montargil, o Grande Prémio de Motonáutica, no qual serão disputados valiosos prémios.

Por ser a primeira prova desportiva que se faz nesta linda barragem, a mesma está a despertar grande interesse e a ser aguardada com extraordinário entusiasmo, estando já uma comissão local a preparar um atraente programa para receber os concorrentes, as entidades oficiais convidadas para assistirem às provas e o grande número de visitantes que se esperam naquele dia em Montargil.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Receber bem é um dos orgulhos do povo português

Quando Você se senta num dos nossos jactos sentimos o mesmo prazer e desejo de agradar que Você sente quando recebe em sua casa. A secular arte de bem receber do povo português está viva e presente em cada momento da sua viagem. Seja em Paris, Londres, Joanesburgo ou Nova Iorque ao entrar num avião da TAP-Você sente-se imediatamente em casa. Como sabe bem viajar na TAP.

Nas Rotas do Mundo a presença da TAP prestigia Portugal

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Consulte o seu agente de viagens. Ele é um perito.

CINEVOZ-03-TAP-69

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇAS EUROPEIAS DE FUTEBOL

Realizaram-se ontem vários jogos de futebol a contar para as diferentes taças europeias, dos quais damos a seguir breves relatos:

LEEDS (Inglaterra), 2 — (A. N. I.) — O Celtic, de Glasgow, veio vencer por 1-0 o Leeds United, na primeira «mão» das «meias-finais» da Taça dos Campeões Europeus.

Foi George Connly — que substituía o «internacional» John Hughes — o autor do golo da vitória, no primeiro minuto do jogo, aplaudido por 50 500 espectadores.

O Celtic já em 1966/67 chegou à final e ganhou a taça, em Lisboa, onde venceu o Inter de Milão por 2-1.

Arbitrou o encontro o francês G. Kitabdjian e as equipas alinharam:

LEEDS UNITED — Sprake; Reaney, Cooper, Bremner e Charlton; Madeley e Lorimer; Clarke, Jone, Giles e Gray.

CELTIC — Williams; Hay, Gemmell, Murdoch e McNeil; Brogan e Johnstone; Connoly, Wallacem, Lenox e Auld.

VARSÓVIA, 2 — (A. N. I.) — Terminou com um empate sem golos a primeira «mão» da «meia-final» da Taça dos Campeões Europeus, entre o Legia, de Varsóvia, e o Feijenoord, de Amesterdão.

O Legia teve maior domínio territorial, mas sem frutos. Prejudicou o encontro o estado do terreno: um lamaçal com poças de água, devido à forte chuva que tem caído.

Encheu-se o estádio do Legia (70 000 lugares) e as equipas alinharam:

LEGIA — Crotynski; Stachurski, Tadkowski, Deyna e Brychczy; Zimjewski e Pieszko; Blaut, Gadocha, Zygmunt e Trzaskowski.

FEIJENOORD — Treytel; Haak, Israel, Laseroms e Van Duimenbode; Hasil e Jansen; Hanegem, Very, Kindvall e Moulijn.

Arbitro: Francesco (Itália).

GELSENKIRCHEN (Alemanha), 2 — (A. N. I.) — O F. C. Schalke 04 venceu por 1-0 o Manchester City, na primeira «mão» da «meia-final» da Taça dos Vencedores das Taças.

O golo da vitória foi marcado por Reinhard Libuda, aos 76 minutos.

Com 35 500 espectadores no estádio — o «Gluenckauf-Kampfbahn» — as equipas formaram, sob a arbitragem do jugoslavo Gugulovic:

SCHALKE — Nigbur; Slomiany, Becher, Erdhoff e Fichtel; Van Haaren e Libuda; Neuser, Pohlschmidt, Wittkamp e Porkner.

MANCHESTER — Corrigan; Book, Pardoe, Doyle e Booth; Oakes e Jeffries; Bell, Summerbee, Lee e Young.

ROMA, 2 — (A. N. I.) — Terminou empatado a um golo a primeira «mão» da «meia-final» da Taça dos Vencedores das Taças, entre o Roma e o Gornik, da Polónia.

Arbitrou o búlgaro Getchirov e as equipas alinharam, perante 40 000 espectadores:

ROMA — Ginulfi; Spinosi, Bet, Salvori e Cappelli; Santarini e Cappellini; Cordova, Peiró, Capello e Landini.

GORNIK — Kostka; Kuchta, Oslizlo, Latocha e Gorgon; Szoltisik e Wilczer; Ole;, Banas, Lubansey e Deya

Os golos foram marcados por Banas (23 m), para o Gornik, e Salvori (53 m), para o Roma.

BRUXELAS, 2 — (A. N. I.) — O Inter de Milão venceu o Anderlecht por 1-0, na primeira «mão» das «meias-finais» da Taça das Feiras.

Boninsegna marcou o único golo, aos 48 minutos.

Ao Anderlecht faltou Paul Van Himst, que sofreu uma intoxicação alimentar.

Encheu-se o estádio do Anderlecht — 36 000 lugares — e as equipas alinharam:

ANDERLECHT — Trappeniers; Heylens, Maertens, Nordahl e Velkeneers; Peeters e Desanghere; Devrindt, Mulder, Bergholtz e Puis.

INTER — Vieri; Burgnich, Facchetti, Bedin e Landini; Cella e Suarez; Mazzola, Boninsegna, Bertini e Corso.

RÂGUEBI

Holanda - Portugal

Parte amanhã, às 18 e 15, do aeroporto da Portela, a equipa nacional de râguebi que vai disputar, em Helversun, no dia 5, pelas 14 e 30, o encontro Holanda-Portugal, a contar para a Taça das Nações de Râguebi Amador.

O vencedor da série Portugal-Holanda-Marrocos disputará a final com o vencedor da série Espanha-Polónia-Jugoslávia-Bulgária.

Deslocar-se-ão à Holanda 18 jogadores que sairão do grupo treinado pelo seleccionador nacional, eng.º Pinto de Magalhães, formado pelos jogadores Carlos Nobre, Gaspar Ramos, Silvestre, Mário Silva, Pedro Lince, Dídio Aguiar, Correia Pereira, Manuel Salgado, Tomas Mayer, Joaquim Pereira, Manuel Ponte, Francisco Lucena, Luís Penha e Costa, António Penha e Costa, Barros Costa, António Tavares, Mário Branco, Francisco Andrade, António Fernandes e Baeta e Vale.

O encontro Portugal-Marrocos realiza-se no dia 12, provàvelmente, no Barreiro.

HOJE À NOITE

ASSEMBLEIA — Do Sport Lisboa e Benfica, para apreciação e votação do relatório e contas, no Pavilhão da Luz, ás 20 e 30,

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da I Divisão: C. U. F.-Benfica, ás 22 horas, no Pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Campeonato do quadro 47 2, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21.

REMO — Posse dos novos corpos gerentes da Federação, ás 21 e 30, na sede.

TÉNIS DE MESA — Sorteio do Torneio Aberto da Amadora, na Federação, ás 22.

Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão: Lisgás-Benfica, Sporting - Belenenses, Centro Católico G. I. P. A. e Ávila-Paço de Arcos.

II divisão: Armadorense-Rodrigues Cordeiro, Combatentes-Atenecu, Intendente-Mirantense, e Amoreiras-Arte e Sport.

III Divisão: Acad. Amadora - Económicas, Atlético do Cacém-S. L. Águias, Estrela da Amadora-Desp. Operário e Recordação de Apolo - Arroios.

Promoção: Série A: Carregado-Lusitano Clube, Cimentos Tejo-Desp. da Graça, F. C. Lisboa-Bela Vista e Madre de Deus-Casa Pia. Série B: Fontainhas1Desp. do Carmo, Oeiras-Mercês, Tercena-Academia Verdi e Andorinha-Castelo. Todos os jogos se realizam, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

OS ANÓNIMOS

Após a «chicotada psicológica» que afastou Otto dos comandos encarnados, o comportamento da equipa da Luz tornou-se credor de uma atenção muito especial. Havia todo um interesse, perfeitamente justificável, em ver até que ponto o futebol benfiquista recuperaria algo das suas características ou, talvez mais vincadamente, em que medida a equipa, agora sob a orientação de José Augusto, entraria no caminho «normal» dos resultados positivos.

E, efectivamente, o «onze» benfiquista correspondeu substancialmente, não só à expectativa gerada em torno das suas actuações como, principalmente, aos anseios dos adeptos, desejosos, como é óbvio, de ver minimizada a perda do título através de vitórias que reafirmassem o prestígio futebolístico do grande clube.

Otto, mesmo ausente, continuou a ser citado, as mais das vezes para o estabelecimento de um confronto; para a síntese, inevitável, do «antes e depois». José Augusto, treinador até final da temporada em curso, foi referido das mais diferentes maneiras, mediante diversas considerações ao seu trabalho, aos seus processos, às suas iniciativas. Tudo perfeitamente normal, habitual, como ontem... e como sempre.

Evidentemente. Ninguém ignora que o «responsável» de qualquer equipa é sempre o homem em foco, aquele a quem são atribuídas as vitórias ou as derrotas, os méritos ou os erros. De certo modo, isso corresponde a uma tendência generalizada para a síntese, para o comodismo confortável do preto ou branco sem cambiantes nem mais profundas implicações. Aceita-se — como facto, evidentemente.

... E acontece, frequentemente, ficarem no anonimato homens cujo trabalho se reveste de importância fundamental para a consecussão dos objectivos em vista. Homens que, pela sua actividade diária, constituem autênticas pedras angulares numa tarefa indispensável.

Chegamos ao fim das breves linhas a que nos propúnhamos. Resta um nome e um trabalho: este, é o da preparação física dos jogadores do Benfica; aquele, o do técnico responsável por essa missão: professor Rui Silva.

CARLOS SOARES

TOTOBOLA: CONCURSO DE 19 DE ABRIL

Com o concurso n.º 33 (de 19 de Abril) o Totobola «despede-se» dos campeonatos nacionais da I e II Divisões, pois os jogos nele incluídos são da última jornada destas provas: Benfica-Varzim, Guimarães - Porto, Belenenses - Barreirense, Académica-U. Tomar, C. U. F.-Setubal, Boavista - Braga, Leixões - Sporting, Sanjoanense - Tirsense, A. Viseu - Espinho, T. Novas-B. Mar, Sintrense - Seixal, Tramagal-Farense e Montijo-Luso.

Ténis de Mesa

TAÇA DE PORTUGAL

Continuou ontem a prova de seniores da Taça de Portugal no distrito de Lisboa.

Dos dois encontros marcados apenas se realizou um, entre o Benfica e o Belenenses, que foi ganho pelos «encarnados» por 3-0.

O Benfica continua invicto e o Belenenses, não podendo evitar a segunda derrota, foi eliminado.

O outro encontro, entre o Sporting e o Mirantense, estava inexplicàvelmente marcado para a mesa do Intendente, visto que o sorteio do campeonato nacional de infantis, feito antes desta eliminatória da Taça de Portugal, marcava para aquela mesa dois jogos em que intervinham equipas da casa.

Desta maneira, o Sporting e o Mirantense não puderam jogar, ficando o encontro adiado.

Campeonato de Lisboa de infantis

Com os jogos correspondentes à 3.ª jornada prosseguiu ontem à noite o campeonato de Lisboa de infantis, por equipas.

Resultados: Recordação Apolo A-Centro Católico A, 1-5; Académica da Amadora-S. L. Águias, 1-5; Intendente A-Casa Pia B, 3-5; Estrela Amadora-Desportivo do Castelo, 5-2; Mirantense-Paço de Arcos A, 5-2; Desportivo de Arroios-Arte e Sport, 5-4; Intendente B- Paço de Arcos C, 0-5.

O BARREIRENSE EM FESTA

Com um encontro de basquetebol entre as categorias de seniores do Luso do Barreiro e do Carnide, disputado ontem, á noite, no recinto dos barreirenses, iniciou a popular colectividade da Outra Branda do Tejo o seu vasto programa comemorativo do cinquentenário.

O triunfo pertenceu á turma lisboeta, por 50-48 (com 32-16 ao intervalo) favorável ao Luso.

Arbitros: Ventura Costa e Nelson S. João. As equipas alinharam e marcaram: *Luso* — Cravinho (14), Albano (11), Pinguelro (2), Hélio (7), Rogério (7), Ramalho (4), Jorge (4), Higino, Lino, Baptista e Belchior. *Carnide* — Amaral (12), Ferreira (14), Costa (10), Gomes (4), Pinto (2), Rui (8), Brito, Carvalho, Canelas e Cruz.

Acontecimentos DE ONTEM

Torneio Nacional de Juvenis

Também em Alvalade, e a contar para o Torneio Nacional de Juvenis, o Sporting bateu o Cova da Piedade por 3-0.

Arbitro: Thomas Wharton, da Escócia.

Em Paço de Arcos encontra a sua solução

2 000 PROPRIEDADES PARA VENDA EM CONSTRUÇÃO

Apenas a 100 metros da praia e próximo da estação de caminho de ferro

J. Pimenta, S.A.R.L., oferece-lhe a possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

190 Contos rendem-lhe 1.187$50 mensais

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado, de grande duração, e as paredes interiores revestidas de papel lavável.

NA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA Pr. Marquês de Pombal, 15

– **Apartamentos Mobilados** em exposição, para habitação própria ou para rendimento (9,5% ao ano).

– **Artesanato e Mobiliário** em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar.

– **Materiais de Construção** do mais pequeno parafuso à maior banheira passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração, etc.

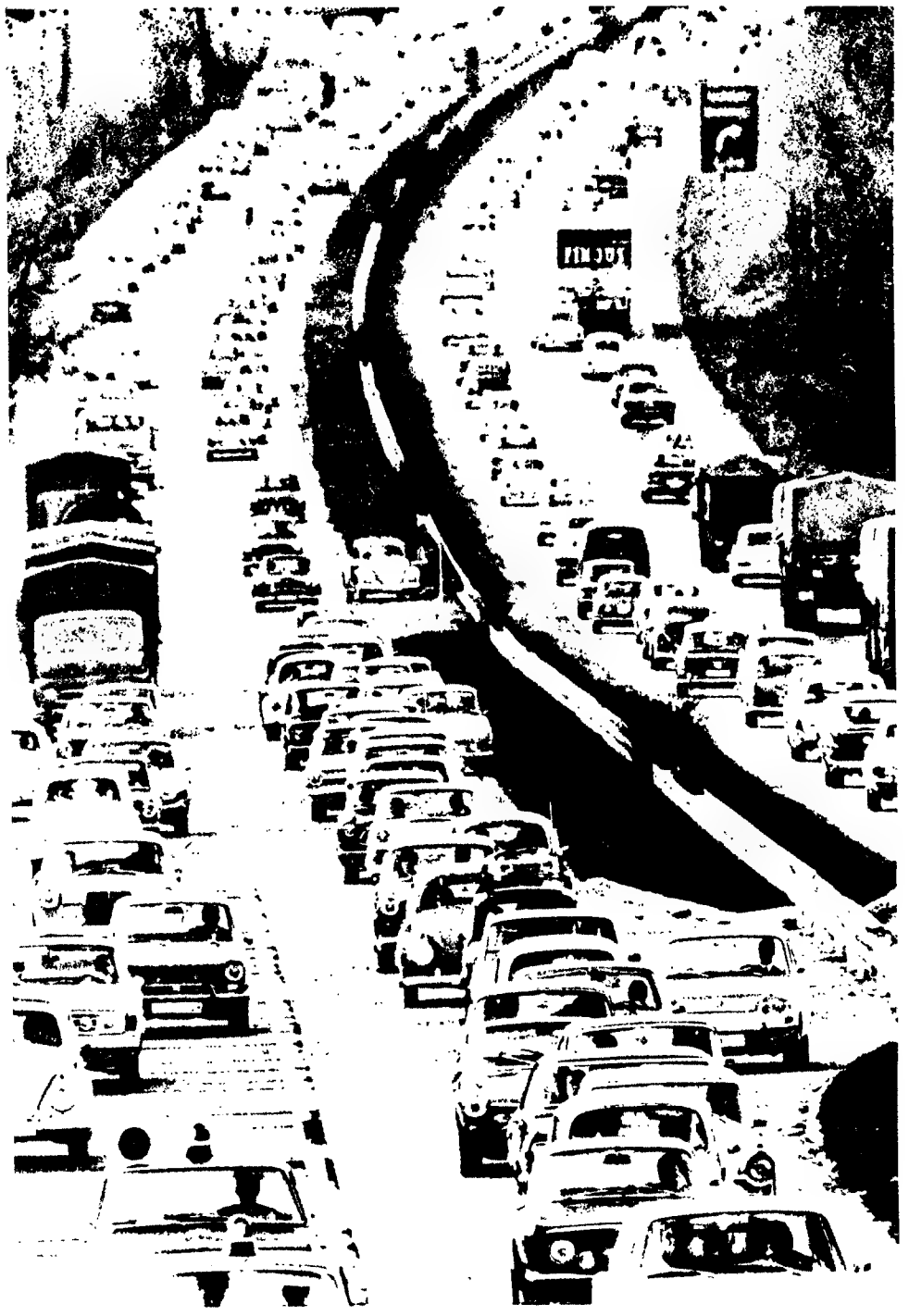
– **Azulejos** nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843 * QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-22 * AMADORA-REBOLEIRA — Telefone 933670 * PAÇO DE ARCOS (Espargal) — Telefone 2433511

O ALEMÃO, ESSE EUROPEU TRANQUILO — 2

— por JOAQUIM LETRIA



OS ESPECIALISTAS de Economia da Alemanha Ocidental admitem, sem disfarces, que o país tem necessidade de revalorizar a moeda, pelo menos de dez em dez anos.

Se exceptuarmos o sector agrícola, a última revalorização do marco não encontrou na Alemanha Federal qualquer reacção. Só dos agricultores se ouviram protestos. A atitude dos agricultores é, no fundo, o reflexo do seu apoio ao ex-chanceler Kiesinger e a Strauss, dois inimigos implacáveis da revalorização. Por outro lado, convém não esquecer que Strauss é bávaro e a Baviera é o mais agrícola de todos os Estados federais.

A ideia da necessidade periódica da revalorização monetária está perfeitamente encaixada na mentalidade do povo alemão. Esta tranquilidade, maturidade mesmo, na aceitação dos imperativos nacionais que os governantes estabelecem, não deixa, no entanto, de surpreender os observadores estrangeiros.

«É fantástico como este povo aceita e cumpre as determinantes dos Governos, encarando-as como um sacrifício necessário ao seu bem-estar futuro», dizia-me em Bonn um diplomata estrangeiro. «Se todos os povos fossem como este admirável povo alemão, governar não seria uma tarefa tão difícil.»

A propósito da fleuma com que as disposições económicas são aceites pela generalidade da população, Alain Vernay escreveu um dia que cada estivador, operário ou motorista alemão encara a austeridade económica e medidas deflacionárias com a mentalidade de um governador de banco emissor. Na realidade, as altas de custo de vida ou mesmo a subida de salários são compreendidas, amadurecidamente, pelos «banqueiros» que, de sobretudo de peles, ou de fato-«macaco» enchem as ruas de qualquer cidade alemã.

ECONOMIA: ALGEMA COM O OCIDENTE

A necessidade de exportar

A ALEMANHA FEDERAL deve ser o Estado europeu que, no momento, mais exporta. Basta dizer que a Volkswagen, por exemplo, exporta 75 por cento da sua produção.

Se, por um lado, esta situação de grande exportador é extremamente benéfica do ponto de vista de desenvolvimento, por outro traz riscos que não podem ser ignorados. Obrigada a exportar a todo o custo a fim de defender a sua crescente prosperidade económica, que de ano para ano se acentua, a Alemanha Federal encontra-se deste modo sujeita às flutuações dos acontecimentos internacionais, dos mercados mundiais e da conjuntura política de cada momento.

É, portanto, inevitável que isto se reflicta na sua política, quer dizer, na sua linha de conduta externa. Pode dizer-se que a diplomacia alemã é condicionada pelos imperativos do comércio nacional.

Esta sujeição aos mercados internacionais, esta dependência do estrangeiro, obriga por outro lado a Alemanha a sofrer os mesmos males que afligem os seus principais sócios, sobretudo os Estados Unidos.

Esta situação é, também, perfeitamente compreendida e aceite em Bonn, que procura minimizá-la o mais possível.

«Estamos condenados à cooperação internacional. Mais de 20 por cento do nosso produto nacional bruto destina-se à exportação. Esta percentagem não é mais do que 5,5 por cento nos Estados Unidos. As exportações ultrapassam mesmo largamente os cinquenta por cento nos sectores dinâmicos da nossa expansão. Mais de metade dos bens de equipamento, mais de um terço da produção química e da indústria automóvel» — afirmou recentemente o banqueiro H.-J. Abs, antigo presidente do Deutsche-Bank.

Uma razão para a abertura a Leste

«MENOS DEPENDENTE do Ocidente, em caso de abertura de mercados de Este, a Alemanha Federal poderia então mudar de tom», é o que observadores entendem como objectivo a longo prazo do estender de mão de Willy Brandt aos países do bloco socialista. Actualmente, o volume de trocas comerciais com o bloco de Leste representa menos de 5 por cento do total bruto do comércio externo da Alemanha Federal.

É evidente que uma vez que Willy Brandt ganhe pontos junto dos Governos de Leste — e isso não será difícil, apesar da oposição directa da República Democrática Alemã, se acreditarmos que será o Kremlin a decidir e que os dirigentes soviéticos não opõem grandes entraves — a República Federal terá conquistado a sua independência, se bem que isto seja um movimento que convém ser tratado com maior prudência.

Será bom recordar que a maior parte das empresas alemãs têm bases americanas. A Ford e a General Motors dominam 40 por cento do mercado automobilístico alemão-ocidental, a I. B. M. 90 por cento do mercado dos computadores e ordenadores e a fuga de cérebros para os Estados Unidos não cessou nunca, desde o fim da guerra. Segundo estatísticas norte-americanas, entre 1962 e 1966 (cinco anos, portanto), 3416 especialistas altamente qualificados da Alemanha Federal deixaram o seu país para se fixarem nos Estados Unidos. Acrescentemos a esta emigração alarmante a crise latente das Universidades e poderemos calcular que, de um momento para o outro, com uma remota deterioração das relações Bonn - Washington, a situação no território federal não teria nada de animador. Basta pensar no que aconteceria se as buscas científicas e técnicas actualmente feitas no E. U. A. para casas alemãs cessassem ou se as duas mil empresas norte-americanas ou com alvarás norte-americanos da R. F. A. deixassem de investir os seus lucros República Federal. É evidente que esta hipótese é tão remota que ela só pode ser posta num campo meramente teórico. Nunca um fazendeiro matou uma galinha que põe ovos de ouro; também dificilmente a Alemanha Federal voltaria a um nacionalismo que se vislumbrou nos fins do ano passado, quando Kiesinger disse «não» aos seus aliados empenhados na paridade monetária. A economia alemã está tão fortemente ligada ao sistema ocidental que a ruptura é inviável nos dois sentidos.

O alemão tranquilo espera pelo «metro». «Se todos os povos fosse como este, governar não seria uma tarefa tão difícil»

O ALEMÃO — EUROPEU TRANQUILO

Brandt: Maior prestígio e mais apoio

«ESTES PRIMEIROS MESES são fundamentais», disse-me um informador oficial do SPD (partido Social-Democrata), no seu gabinete atulhado de telegramas, telexes, relatórios e informações. «Se Willy Brandt aproveitar sem deslizes o prestígio que já conquistou nestes meses de Poder, o nosso Partido poderá estar no Poder tanto tempo como o CDU (Cristão Democrata)».

Os Cristãos Democratas estiveram no Poder durante os últimos vinte anos.

É indubitável que Brandt consolidou a sua posição. Também me disseram que é tradicional um político ver-se respeitado profundamente a partir do instante em que ascende à cadeira presidencial, mesmo que não tenha tido tempo para desenvolver qualquer linha de acção. De acordo com os meus informadores desde os tempos imperiais que o cargo de chanceler é alvo de um respeito e admiração que a maior parte das vezes se confundem com apoio.

O povo alemão está perfeitamente identificado com a nova linha política de Brandt, entendendo-a como uma necessidade para um maior desenvolvimento, prosperidade e poder económicos Politicamente, essa mão estendida sobre o arame farpado que divide as duas Alemanhas, não é, evidentemente, tão bem aceite, o que não é coerente com o conservadorismo da grande massa alemã.

É certo, porém, que o caso dos territórios para lá da linha Oder-Neisse não está ainda esquecido definitivamente, com muitos naturais daquela área agora polaca a reclamarem sua recuperação. Também é verdade que a grande maioria do povo alemão está indiferente quanto ao destino desses territórios, assim como uma «habituação» ao muro que divide Berlim e as barreiras que separam os dois territórios se verifica acentuadamente, desde o degelo da guerra fria e apesar de todo vivo o anticomunismo do alemão ocidental.

A grande maioria do povo alemão está indiferente quanto ao destino dos territórios para lá da linha Oder-Neisse

A ASSEMBLEIA GERAL DA COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE

(Continuação da 13.ª página)

grandes organismos estrangeiros ficamos aquém na percentagem de financiamento através de recursos próprios, no que diz respeito a dividendos atingimos valores perfeitamente honrosos para o tipo de sociedade de economia mista e quase sem acesso directo ao mercado de energia.

Por outro lado não se pode esquecer que a tarifa geral de venda de energia pela Companhia está fixa desde 1966, havendo neste lapso de tempo mudança sensível de custos de todos os factores económicos da conjuntura.

Não posso deixar de chamar a atenção para um aspecto que escaparia ao vosso exame por falta de o ele se referir o relatório, que em verdade está dispensado de o fazer.

A fusão das Empresas permitiu efectivamente manter o dividendo tradicional, mas o mesmo montante de receitas dividido na proporção usual entre as diversas Empresas, de forma alguma poderia autorizar a antiga empresa Hidro Eléctrica do Douro a propor um dividendo superior a 7 % se tanto, e algumas das restantes teriam de varrer grande parte das reservas acumuladas para preencher o mesmo desideratum.

Por outro lado a prudência da proposta do Conselho de Administração é mais que justificada neste primeiro ano em que é uma incógnita o resultado das negociações a entabular com o Banco Mundial e não haver reserva no Fundo de Apoio Térmico que ponha um pouco a coberto os resultados da exploração dum acidente meteorológico grave de uma dura e prolongada estiagem.

Chegou-se ao fim daquilo que me propus como que acrescentar para facilitar a melhor compreensão do relatório. A fusão das Empresas é obra dos homens e como tal não sendo obra perfeita ela comporta riscos e oportunidades como já escrevi algures.

Que todos os que cá trabalham se reúnam em comunhão de esforços para que os primeiros sejam afastados e as segundas aproveitadas, são os meus votos finais desta nossa primeira Assembleia».

O Senhor Dr. António Amaral, presidente interino do Conselho Fiscal, depois de agradecer e de retribuir ao Senhor Presidente do Conselho de Administração as palavras que dirigiu ao Conselho Fiscal, formulou votos das maiores felicidades aos Conselhos de Administração e de Gerência no desempenho da importantíssima missão em que estão investidos.

Terminou saudando todos os Senhores Accionistas e representantes de accionistas presentes na Assembleia.

Entrou-se depois na apreciação do Relatório e Contas, tendo usado da palavra diversos accionistas, concluindo pela aprovação, por unanimidade, do citado documento que, na sua clara expressão mostra que a Companhia Portuguesa de Electricidade se encontra numa fase de acentuado dinamismo, dirigindo-se a sua actividade no sentido de resolver os diversos problemas de cuja solução dependerá o equilíbrio entre a produção e o transporte de energia, tendo em atenção o seu acréscimo potencial verificado nos últimos anos.

Exposição fotográfica promovida pela Liga dos Combatentes

Integrada nas comemorações do «9 de Abril», é inaugurada na próxima segunda-feira, pelas 18 horas, no Palácio Foz, pelo ministro da Defesa Nacional e do Exército com a assistência do secretário de Estado da Informação e Turismo e muitas outras altas individualidades, a exposição de arte fotográfica promovida pela Liga dos Combatentes.

Da exposição fazem parte as fotografias sobre temas militares do Ultramar, que foram seleccionadas de entre as que foram admitidas ao concurso levado a efeito por aquele prestante organismo.

O V Salão de Antiguidades abre no dia 10

No V Salão de Antiguidades que, por iniciativa da Associação Industrial Portuguesa, decorre de 10 a 26 deste mês na Feira Internacional de Lisboa, figuram 55 expositores e 28 coleccionadores particulares. O certame, que será inaugurado pelo Presidente da República, assegura, deste modo, uma larga representação artística de grande projecção no País e além fronteiras.

Este ano, por decisão da comissão organizadora, e ao contrário do que se deliberara inicialmente, não se incluirá o «Mercado das Pechinchas», no intuito de valorizar o conteúdo da manifestação, restringindo-a a peças de reconhecido interesse. Nesta mesma perspectiva, preconizou-se igualmente que os expositores deverão apresentar apenas verdadeiras antiguidades, como tais reconhecidas e verificadas pela referida comissão.

Na Grã-Bretanha, França e Alemanha está prevista a realização de excursões de antiquários que se deslocarão a Portugal com o objectivo de contactarem com esta manifestação.

NOVOS HORÁRIOS DESDE 1 DE ABRIL

PORTO

DOM	SEX	SEG TER QUA QUI SEX SAB	DIARIO			dias de operação	DIARIO			SEG TER QUA QUI SEX SAB	SEG	SEX
SUN	FRI	MON TUE WED THU FRI SAT	DAILY			frequency	DAILY			MON TUE WED THU FRI SAT	MON	FRI
TP114 B 727 Y	TP110 B 727 Y	TP106 CARAV Y	TP108 CARAV B 727 Y	TP104 CARAV B 727 Y	TP100 CARAV B 727 Y	voo/flight avião/aircraft classe/class	TP101 CARAV B 727 Y	TP105 CARAV B 727 Y	TP109 CARAV B 727 Y	TP107 CARAV Y	TP119 B 727 Y	TP115 B 727 Y
5 JUL a 27SET 5 JUL to 27SEP	15MAI a 16OUT 15MAY to 16OCT										6 JUL a 28SET 6 JUL to 28SEP	15MAI a 16OUT 15MAY to 16OCT
18.10 S 18.50	15.00 S 15.40	17.35 S 18.15	20.00 S 20.40	14.25 S 15.05	07.30 S 08.10	d LISBOA (Portela) a a PORTO (Pedras Rubras) d	09.30 S 08.50	16.25 S 15.45	22.00 S 21.20	19.35 S 18.55	01.50 S 01.10	22.40 S 22.00

ALGARVE*

SEX	QUA	QUI SAB	TER SAB	SEG	TER QUA	DIARIO	dias de operação	DIARIO	TER QUA	SEG	QUA	QUA	SEX		SAB	DOM
FRI	WED	THU SAT	TUE SAT	MON	TER TUE	DAILY	frequency	DAILY	TUE WED	MON	WED	WED	FRI		SAT	SUN
TP543 B 727 FY	TP127 B 727 Y	TP123 B 727 Y	TP129 B 727 Y	TP121 CARAV Y	TP121 B 727 Y	TP125 CARAV B 727 Y	voo/flight avião/aircraft classe/class	TP124 CARAV B 727 Y	TP120 B 727 Y	TP120 CARAV Y	TP128 B 727 Y	TP126 B 727 Y	TP540 B 727 FY	TP122 B 727 Y	TP126 B 727 Y	TP126 B 727 Y
	1 JUL a 30SET 1 JUL to 30SEP				desde 1 JUL from 1 JUL				desde 1 JUL from 1 JUL			1 JUL a 30SET 1 JUL to 30SEP				
16.45 S 17.20	14.05 S 14.40	11.10 S 11.45	17.45 S 18.20	08.20 S 08.55		17.25 S 18.00	d LISBOA (Portela) a a FARO (Faro) d	19.05 S 18.30	10.00 S 09.25		02.15 S 01.40	22.50 S 22.15	08.45 S 08.10	18.25 S 17.50	20.50 S 20.15	19.40 S 19.05

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

* O horário do Algarve publicado ontem neste jornal que por lapso continha um erro, é anulado e substituído por este.

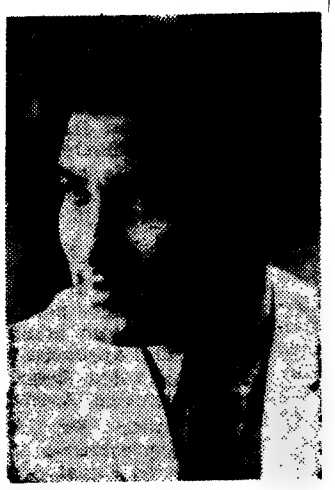
LISBOA DIA E NOITE

António Mourão:

programa intenso

António Mourão está perante um programa intenso: durante quatro dias (a partir do dia 20) actuará nos Açores e, em Setembro, desloca-se pela terceira vez aos Estados Unidos, onde está prevista uma permanência de dois meses. Entretanto, gravará dois programas de televisão, um com interpretações de fado e outro de trechos folclóricos.

No fim do mês corrente será publicado novo «long-play», gravado para a «Decca». Título: «Mourão canta folclore», onde estão incluídas canções recolhidas no Minho, no Ribatejo, Açores e Madeira. Outro «long-play» com interpretações de Fado está previsto para Agosto.



ANTÓNIO MOURÃO

gravações e viagens para muito breve

FERREIRA ROSA

CANTA HOMEM DE MELO

João Ferreira Rosa, nome em evidência na noite lisboeta (é proprietário da «Taberna do Embuçado», onde canta regularmente), prepara um novo disco (para a Philips), onde incluirá interpretações de poemas de Pedro Homem de Melo, em melodias tradicionais de fado.

BOCAGE: 43 anos

Exactamente: foi há 43 anos (completados ontem) que se inaugurou o Eden Teatro com a peça em verso «Bocage», de que é autor o poeta Frederico de Brito. A crítica do tempo dividiu-se: a peça provocara movimento de polémica. Havia quem confundisse os versos de Bocage e de Frederico de Brito. Mas o espectáculo alcançou êxito notável.

GRANDE RESTAURANTE

NO CAMPO GRANDE

O plano de remodelação do restaurante do Campo Grande aguarda o despacho do presidente do município lisboeta, com vista ao contrato a firmar e, posteriormente, á aprovação do respectivo projecto. Leonel Coelho, candidato a concessionário, ao rectificar a informação que publicámos e a que fora alheio, esclarece não estar ainda determinada a data do início das obras e consequentemente, a da inauguração do restaurante.

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER Largo do Chanceler, 7-A Telefs.: 866286/871559
Encerra às 2 horas.

REX Rua Nova da Trindade, 18 — Telefone 30114

TAVERNA IMPERIAL P. dos Restauradores, 16 — Telef. 368491

NICE Rua da Conceição da Glória, 9-A Telef 3 00 68

BAR Z Rua S. Pedro d'Alcântara, 57 — Telef. 3 07 60

CARIOCA Rua da Trindade, 32 — Telefone 32 65 65

VIENA Rua da Conceição da Glória, 5 — Telef. 321474

LORD Rua Victor Cordon, 14 - A — Telefone 323098

BELCANTO Largo de S. Carlos, 10—Telefs. 320607/8

SNOB Rua de «O Século» 178 — Telefone 3 37 23

AMERICANO Rua Bernardino Costa, 35 — Telef. 37 07 04

BRISTOL Rua Jardim do Regedor, 7 — Telef. 3 57 30

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE Rua Nova da Trindade, 22-A Telefs. 35007 - 323406
cantam: Arminda Vidal, Lídia Ribeiro, Américo Lima, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro; Os 3 de Portugal, António Chainho e José Maria Nóbrega, e corpo de baile dirigido por António Gonçalves. das 21 ás 23 horas — Jantar 220$00 — consumo mínimo 120$00 — taxas incluídas. Encerra ao domingo.

PARREIRINHA DE ALFAMA Beco do Espírito Santo, 1 — Telef. 868209
cantam: Maria da Fé, Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Natalino Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos. Consumo mínimo: 40$00.

LISBOA À NOITE Rua das Gáveas, 69 Telefs 868557-362608
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria, Tina Santos e Manuel de Almeida; tocam: Jaime Santos e Martinho da Assunção. Consumo mínimo: 90$00. Encerra ao domingo.

A TIPÓIA Rua do Norte, 102 — Telefone 33465
cantam: Adelina Ramos, Quinita Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e José António Carvalhinho. Consumo mínimo: 50$00.

VIELA Rua dos Taipas, 14 — Telefone 327256
cantam: Sérgio, Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Selma Fernandes. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Consumo mínimo: 50$00.

LAR PORTUGUÊS Rua da Barroca, 133 Telef. 369760
cantam: José Borges, Augusta Ermida, Cecília de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo: 50$00.

TIMPANAS Rua Gilberto Rola, 24 — Telfs: 676655 / 67431
cantam: Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvinda Cruz e Odete Mendes. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Consumo mínimo: 61$50. (Taxas incluídas).

MIL E UM Travessa da Espera, 38 — Tel. 35464
cantam: Moisés Campelos, Joaquim Cordeiro, Julieta Santos, Adriana Franco, Rosa de Jesus e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto. Consumo mínimo: 40$00.

A KAVERNA Travessa dos Fiéis de Deus, 37 Telef. 35593
cantam: Beatriz da Conceição, Glória Maria, Tristão da Silva e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armandino Maia e José Maria. Consumo mínimo: 90$00.

O ARABITA DE ALFAMA Rua da Adiça, 19 — Telef. 863451
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Júlio Vieitas. Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Rami. Consumo mínimo: 40$00.

JANSEN Rua 1. de Maio, 2 — Telefone 640613
cantam: Manuela Silva e José Batalha (como convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal». Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves. Consumo mínimo: 30$00.

FRAGATA REAL Trav. de S. Miguel, 22 Alfama—Telef 868552
cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam João Alberto e Manuel Martins. Consumo mínimo: 50$00. Encerra ao domingo.

O FORCADO Rua da Rosa, 219 — Telef. 368579
cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Consumo mínimo: 40$00

A SEVERA Rua das Gáveas 57 — Telefs. 34006
cantam: Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Consumo mínimo: 50$00. Encerra à quinta-feira.

ADEGA MACHADO Rua do Norte, 91 Tel 30095 - 328718
cantam: Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Queirós, José Vilela e o «Trio Melodia» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinto) Danças pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva. Consumo mínimo: 60$00. Encerra à segunda-feira.

TAVERNA DO EMBUÇADO Beco dos Cortumes, 10 — Telef. 860816
cantam: Teresa Silva Carvalho e Ana Rosmaninho, Vicente da Camara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal. Consumo mínimo: 90$00.

O FAIA Rua da Barroca, 48 Telefs. 369387 - 321923
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Ilídio dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo.

MARCIA CONDESSA P. da Alegria, 58 Telef. 367093
cantam: Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado). Tocam: António Pessoa e Albertino Vilar. Consumo mínimo: 40$00. Encerra à segunda-feira.

SOLAR DO MINHO Rua do Vigário 60 — Alfama Telef. 866811
cantam: Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses. Consumo mínimo: 50$00.

SOLAR DA HERMÍNIA Largo Trindade Coelho, 10 — Telef. 320164
cantam: Hermínia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Júnior e Fernando Rios. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte. Consumo mínimo: 50$00. Encerra ao domingo.

SOLAR DA MADRAGOA Rua das Trinas, 67 — Telef. 669857
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Laurinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Consumo mínimo: 30$00 (taxas incluídas). Encerra ao domingo.

ENCERRAM AS 3,30 DA MADRUGADA

«BOITES» E «DANCINGS»

TOSCO Rua Conde Redondo, 53 - A — Telef 531562
Conj. Thó Bandeira e os Steemaers

ADAGGIO Rua Carlos Reis, 51 - A Telefone 775695
Discos recebidos directamente de Inglaterra.

RITZ CLUBE Rua da Glória, 57 — Telef. 325140

AD LIB Rua Barata Salgueiro, 28-7.º — Telef. 561717
Discos recebidos directamente de Inglaterra.

EL CID Rua Bernardo Lima 18 - A — Telef. 56053
TAMILA Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117
Morão e s/ Conjunto

BICO DOURADO R. da Misericórdia, 12 Telef. 362649
Conj. Fernando Sequeira c/ Alex

FONTÓRIA Praça da Alegria, 66-r/c. Telef. 35431
GALO Travessa do Salitre, 27 — Telefone 366017
Conj. Eugénio Pepe

D. QUIXOTE Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109
Conj. Alírio de Sousa.

TEXAS Rua de S. Paulo, 21 — Telefone 33683
CACO Rua Camilo Castelo Branco, 23 - A Telef. 530892
ARIZONA Rua Nova do Carvalho, 36 — Telef. 325140
GALERIA 48 Avenida da Liberdade, 248-B Telef. 48433
Conjunto Helder Reis

107 Rua da Madalena, 107 — Telef. 387049
conj. Sequência 4, «ballet» de Mário Valejo, parelha espanhola Gloria Reys e Alfonso Liñares e Mari Barroso. Consumo mínimo: 50$00.

ESTRIBO CLUBE Casa St.ª Isabel — Estrada de Birre—Cascais — Telef 289273
GINGÃO Travessa da Boa Hora, 11 — Telef. 3 40 62

NINA Rua Paiva de Andrada, 7-13 — Telef. 34059
Conj. Rocha Oliveira

COMODORO Praça D. João da Câmara, 20 Telef 34996
Tobé e s/ conjunto

TERRAÇO DAS ESTRELAS — HOTEL EMBAIXADOR Avenida Duque de Loulé, 70 Telef. 530171
Conj. Manuel Viegas

PORÃO DA NAU R. Pinheiro Chagas, 1-B Telef. 510501
Conj. «The Beatnicks»
Encerra ao domingo.

TÁGIDE Largo da Biblioteca, 18-2.º — Telef. 35328 - 362128
Conjuntos José Pedro e «Os Duques». Consumo mínimo: 100$00. Encerra ao domingo.

MAXIME Praça da Alegria, 58 — Telefone 55966
Conjunto 6.º Reacção e Maximiliano — «Show» turístico e variedades internacionais.

A CAVE Av. António Augusto Aguiar, 88 — Telef. 534433
Conj. Costa Pinto

POP CLUBE Av. Estados Unidos da America 129 - A — Telef 760903
Discos

ESTONES Rua do Olival, 1 — Telefone 665651
Discos

A LAREIRA Praça das Águas Livres, 8 - 1 Telef. 589627
Discos

LUA NOVA Travessa da Queimada, 4 — Tel. 35792

CLUBE DOS ARTISTAS Parque Mayer Telef. 367469
Tero-Trio — Antero, Sérgio e Olímpio. Consumo mínimo: 20$00.

POP-FADO Rua Ferreira Lapa, 38-D Telef. 561949
conj. Hélder Martins.

ENCERRAM AS 5 DA MADRUGADA

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (Junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«A lenda do meias de coiro»

A primeira rubrica na segunda parte da emissão de hoje, é oferecida aos jovens espectadores apreciadores de aventuras, com a exibição de um episódio filmado da série gaulesa «A Lenda do Meias de Coiro».

«Nos velhos tempos de Daniel Broon e Davy Crocket, tudo podia acontecer a quem se aventurasse pelas, então, densas florestas povoadas de índios selvagens e ciosos dos seus territórios.» É neste ambiente que decorre «A Lenda do Meias de Coiro», no ar, pelas 19 e 45.

Meias de Coiro prepara-se para atacar os intrusos que penetraram no seu território...

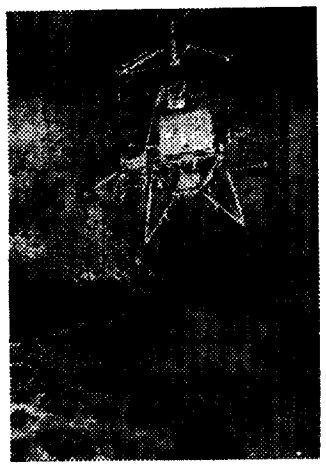
CURTO-CIRCUITO

Toda a emissão do 2.º Programa é preenchida pela repetição do «Curto-Circuito» que esteve «no ar», em estreia, no dia 16 do mês passado.

«CONQUISTA DO ESPAÇO»

O Mundo prepara-se para assistir a mais um gigantesco passo na já longa luta do homem pela conquista do Espaço. Dentro de dias, a nave espacial Apolo-13 partirá da sua rampa de lançamento ao longínquo solo lunar. Será mais um voo do homem pelo espaço, mas para o tornar possível ficaram para trás milhares e milhares de horas de labor, de estudo, de pesquisa, de treino e de sacrifício de largas centenas de homens e de mulheres envolvidos por um sonho de séculos.

A propósito deste novo feito a R.T.P. vai apresentar uma série de três programas coordenados por Alberto da Cunha e Sá. O primeiro é transmitido pelas 20 e 25 com o título genérico da série «Conquista do Espaço».



A Lua continua a ser alvo do esforço e triunfos do homem na conquista do espaço

«O JOGO DA VIDA»: «RINGUE DE BRONZE»

Uma das mais bem realizadas e urdidas séries da R. T. P. é, sem duvida, a intitulada «O Jogo da Vida», que conta com grandes nomes do cinema americano, como Anthony Franciosa, Robert Stack e Gene Barry a encabeçar o elenco. No episódio de hoje, a transmitir cerca das 22 horas, com o título «Ringue de Bronze» o protagonista é Robert Stack no papel de Dan Farrell, o repórter da Revista «Crime» que investiga apaixonadamente «as misérias e as alegrias do mundo do boxe».

Entre os intérpretes do episódio desta noite, contam-se ainda nomes bem conhecidos do cinema de Hollywood, como Van Johnson, Tires O'Conor e Celeste Holm. Realização de Barry Shear.

NO MUNDO DA TV — ITÁLIA - R. A. I.: A Vida de Leonardo da Vinci

Uma das razões da actual crise cinematográfica italiana é, ao que se diz, a actual boa programação da R. A. I. (Radiotelevisão Italiana) que parece renovar-se diàriamente com os telefilmes de acção, momentos de teatro em que se apresentam comédias bem humoradas e excelentemente realizadas e interpretadas, além de documentários profundamente didácticos e de grande mérito cinematográfico. Sem estabelecer comparações, pode dizer-se que a R. A. I. vive o seu momento mais alto e a sua realização é uma das mais importantes dentro da Europa.

Leonardo da Vinci, na interpretação do actor francês Philippe Leroy, numa superprodução da R. A. I.

Agora, lançou-se na realização em quatro capítulos, da biografia do grande Leonardo da Vinci. Esta produção ocupou uma grande equipa de guionistas (departamento que existe em quase todas as estações de TV europeias) e biógrafos assim como o realizador da série, o consagrado director de cinema Renato Castellani, que durante vários meses se dedicaram á figura fascinante de Leonardo da Vinci.

A série, segundo afirmou Castellani, é um profundo estudo psicológico da personalidade do grande artista latino.

PHILIPPE LEROY: o francês que triunfou na Itália

Ainda que nascido em França, a carreira artística de Phillippe Leroy começou em Itália onde se radicou definitivamente. Leroy actor de forte personalidade, descoberto por casualidade quando figurino de profissão, estreou-se com êxito no cinema e se bem que tenha uma curta carreira tem no entanto mais de trinta películas em que interveio como actor principal pelo que goza de um reconhecido prestígio entre os seus companheiros de trabalho em Itália.

Na TV. tem já actuado com êxito, principalmente encarnando grandes personagens da literatura universal e em «Noite de Teatro».

Quanto ao cinema Philippe interpretou todo o tipo de personagens através de comédias, filmes de aventuras psicológicas e de acção bélica. Tem sido aliás intérprete preferido de muitos filmes Bolognini. Um dos seus melhores papeis criou o no filme de Paolo Cavara (o magnífico director de fotografia de «Mundo Cão») intitulado «O Olho Selvagem», onde interpretou a figura de um cruel repórter, capaz de tudo para conseguir uma grande reportagem, indo ao ponto de deixar sem água, em pleno deserto, os componentes de uma excursão para ver reflectidos nos seus rostos o desespero absoluto e registar com o «olho selvagem» da sua camara, as reacções daqueles na sua «situação limite».

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 15 e 15: Orquestras ligeiras; 15 e 30: Rádio escolar — Canto coral; 16 e 05: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «Flor de Nazaré»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera «Luisa» (Charpentier); 17 e 50: Quatro peças para órgão (Couperin). Órgão, Michel Chapius; 18: Música do século XX; 18 e 48: O coro masculino «Brassus», dirigido por André Charet; 19: Um poeta e a sua voz; 19 e 10: Folclore português — Música regional da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Os estudos sinfónicos de Schumann, pelo pianista Yuri Boukoff; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Kamarinskaia (Glinka). Orquestra Sinfónica de Pittsburgh, dirigida por William Steinberg — Dança do Sabre (Kachaturian), Orquestra da Rádio de Hamburgo, dirigida por Wilhelm Schüchter; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 21: O Conjunto de Câmara Barroco de Hamburg; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital de guitarra clássica, por Maria Lívia São Marcos; 22 e 18: Solo de música do século XVI para órgão; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecha.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Festival da Holanda de 1969 (em gravações cedidas pelo Rádio Nederlan); 0 e 20: Quarteto em ré menor, D. 810 «A morte e o donzela» (Schubert) — Quarteto de cordas húngaro; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 15: Programa especial do XX aniversário de R. U.; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TIAP; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Rádio «placard»; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 00 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso probrama; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 00 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1086 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz da América Latina; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema, 18; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canto Lucília do Carmo; 21 e 45: Ritmos em contraste; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 25.ª hora; 00: Tempo Zip; 3: Estamos consigo na madrugada e fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: Conquista do Espaço; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Curto-Circuito; 23 e 50: Fecho.

ESTORIL SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartar TV; 20 e 30: Angola 70; 21: «Casa com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: Bi-centenário do Nascimento de Beethoven; 22 e 30: Dr. Marcus Welby; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 30: Fecha.

TUDOR
pilhas para força motriz

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ
PRORROGADA ATÉ 15 DE ABRIL

canal da crítica

POR CAUSA DOS FILHOS, SOFREM OS PAIS. E VICE-VERSA. QUEM PAGA? O TELESPECTADOR

MC — Toda a arte é didáctica. Porque toda a arte transmite uma experiência ou comunica uma visão dos homens ou das suas relações. A arte sabe o homem, ensina a procurá-lo. Nenhum processo artístico se basta a si próprio, se tem fundamento em si próprio, pois não possui fundamento em si próprio nada que o homem cria. *(Pausa)* Então, não dizes nada?

Eu — Para quê? Estavas tão entretido ao jogar ao belindre das palavras...

MC — Raciocinava em voz alta, a propósito da «Noite de Teatro» de ontem.

Eu — A propósito de quê?

MC — Do Teatro..

Eu — Quem?

MC — Da peça, homem de Deus, da peça «*O filho sózinho*», da autoria de Francisco Ventura. Peça que eu já conhecia há muito tempo através de uma edição do S. N. I.

Eu — Estavas então tu a pretender dizer que «O filho sózinho» era uma peça didáctica...

MC — Pretendia ser uma peça moralizadora e boacostumeira. Pretendia ser uma lição aos pais que tão mal educam os seus filhos.

Eu — Então na arte didá...

MC — Homem, pára! Quem falou em arte?

Eu — Mas tu disseste que queria ensinar...

MC — Pois queria. Mas não ensinava nada.

Eu — Ora essa! Porquê?

MC — Porque não era arte. Ora, como toda a arte é didáctica, quando alguma coisa quer ser didáctica temos logo a tendência para a considerarmos arte.

Eu — Temos, vírgula.

MC — Desculpa. A função didáctica da arte deriva de um acabado entendimento do real em toda a sua complexidade. Contar histórias, não é tudo. Um boneco de serradura não é gente. É apenas um boneco de serradura.

Eu — Ontem então estivemos a olhar para o boneco...

MC — Não há duvida que os erros de educação podem ocasionar situações gravíssimas.

Eu — Como as do «filho sózinho»...

MC — Exacto. Mas não por causa obrigatória de o filho ser unico.

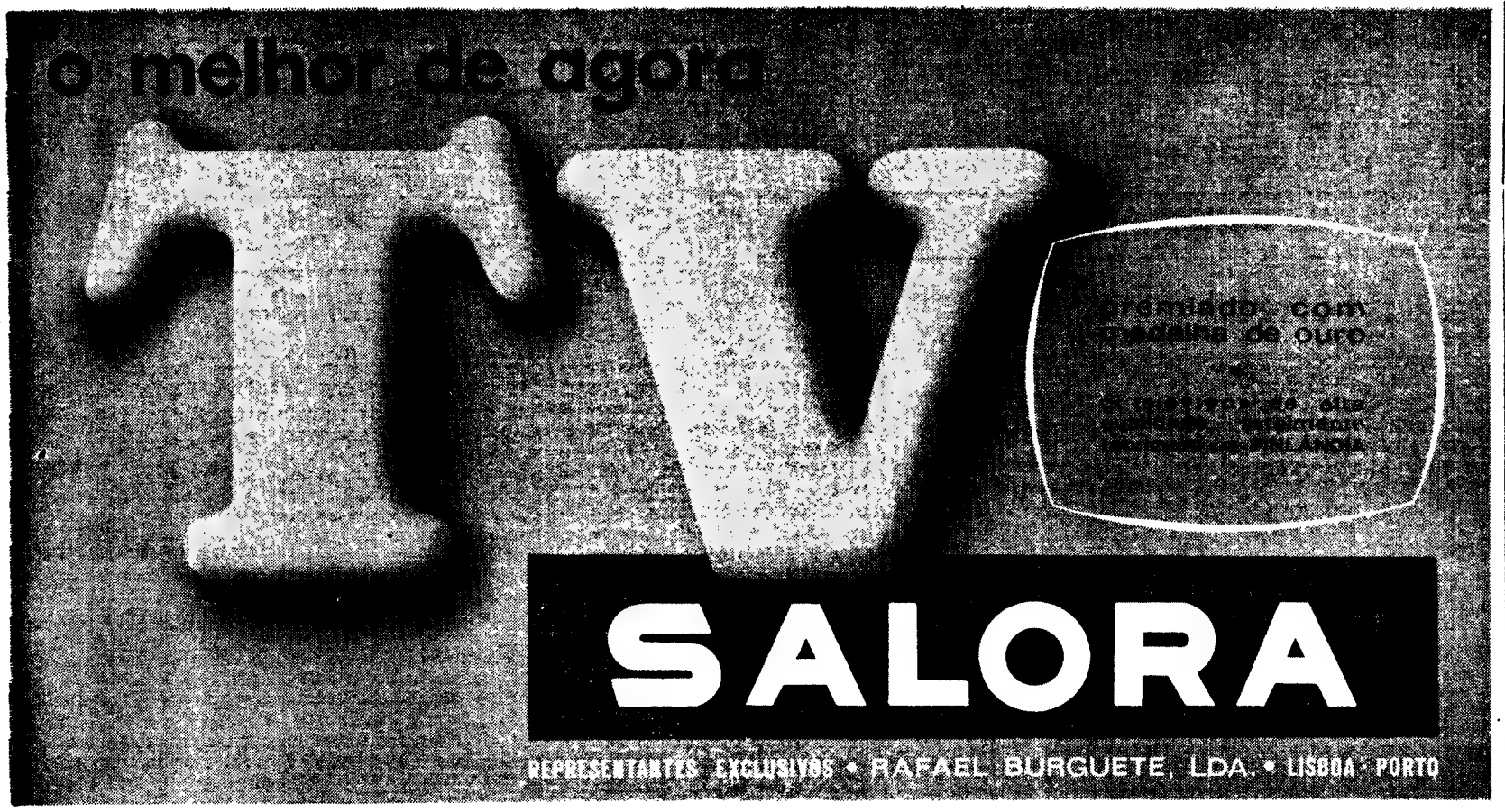
Eu — As razões são outras.

MC — Muito outras.

Eu — Ali, porém, as razões eram aquelas. Um casamento sem o fruto tão desejado... o desespero... os vizinhos que murmurám... E depois o nascimento do Zé...

MC — E o resto? O resto que a peça não diz? A ignorancia da mãe, a inconsciên-

(Continua na página seguinte)



canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ota ambiente, a pobreza, a ausência de um sentido para a vida, o cerco, o chapinhar na solidão, todas as portas abertas para a alienação, etc., etc., tudo isso que há quando se tem um, três ou quinze filhos...

Eu — Os pais, ontem, confessaram-se culpados...

MC — A culpa está noutro lado. Os pais também são vítimas. Tudo estaria certo se a compreensão do autor fosse mais decentemente repartida.

Eu — Isto é...

MC — Isto é: se ele a tivesse também pelos telespectadores. Obrigar-nos a assistir a uma fancaria de gestos e palavras levada a tal extremo, é coisa que não se faz. Aqueles pais, cujo futuro está bonte a falar como doutores; as situações caricatas pela falta de naturalidade [illegible] mais de mentar construção das personagens...

Eu — *(Instigador)* — E não só isso!

MC — Muito mais! A violência inconvincente daquele filho que rouba, que mata — e que teme as pancadas do pai velho...

Eu — O futuro dele estava assegurado em Espanha, «matador» como era...

MC — Vamos esquecer o assunto. Já falámos demasiado. Não falemos mesmo do trabalho dos actores. Não vale a pena. Pedro Lemos, Beatriz de Almeida, Octávio Borges (avisem o rapaz! Ele ainda é novo, mude de vida enquanto é tempo!) estiveram perfeitamente á altura da peça. Os actores do Grúpio Dramático dos Bumbeiros Boluntarios de Salsaparrilha (G. D. B. V S.) não fariam melhor. Aquele monólogo de Pedro Lemos, quando diz «os filhos são como as plantas...» merece ir para uma intologia da arte de bem representar toda a sola.

Eu — Quanto á realização...

MC — Vítor Manuel fez trabalho que Noé, antes de entrar na arca, se recusaria a assinar. Ainda vamos ali, meu Deus!, ainda se faz daquilo!

Eu — Não me digas que não apreciaste aquele matraquear do coração a solicitar os dadores de sangue...

MC — Sem pinta de sangue fiquei eu. Livra!

Eu — Pois sim. Rala-te. Tu é que estás desactualizado, meu velho. Tu é que andas fora do mundo, da realidade, das situações! Tens de rifar a balança que tão mal avalia as produções nacionais da Televisão. Estás para aí a arranhar-te todo com a pretensa falta de qualidade desta «noite de Teatro», e afinal...

MC — Pretensa?

Eu — Claro. Vais ver Dentro de poucos dias, e a pedido de várias famílias, vais gramá-la outra vez que te consolas...

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

«Tate & Lyle Enterprises, Agrícola, Limitada»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 de Março corrente, lavrada de fls. 40 v.º a 42 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º E-66, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi constituída uma sociedade comercial por quotas que ficou a reger-se pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «TATE & LYLE ENTERPRISES AGRÍCOLA, LIMITADA», tem a sua sede na herdade «Fonte Ferreira», freguesia e concelho de Avis, e durará por tempo indeterminado contando-se o seu início a partir de hoje.

SEGUNDO — O objecto social consiste na exploração agro-pecuária e, em geral, em qualquer outro ramo de actividade legalmente permitida.

TERCEIRO — O capital social, já integralmente realizado em dinheiro, é de mil contos, dividido em duas quotas, uma de novecentos e noventa e cinco contos pertencente á sócia «Tate & Lyle Enterprises Limited» e outra de cinco contos pertencente ao sócio Colin Buchanan Rowan.

PARÁGRAFO ÚNICO — São exigíveis prestações suplementares de capital.

QUARTO — Ambos os sócios são gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

QUINTO — A sociedade obriga-se mediante a assinatura de qualquer dos seus gerentes.

SEXTO — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO ÚNICO — Também a sócia Tate & Lyle Enterprises Limited poderá delegar em quem quiser, no todo ou em parte, os seus poderes de gerência.

SÉTIMO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral são convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

OITAVO — Além dos sócios, fica ainda nomeado gerente o Sr. Christopher Peter Van Zeller, casado, natural de Putney, Londres, e residente na herdade de Fonte Ferreira, freguesia e concelho de Avis.

Está conforme. Lisboa, trinta de Março de mil novecentos e setenta.

O 3.º Ajudante,
Teodora de Jesus da Costa Rodrigues Gomes Segurado

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSARIADO DO DESEMPREGO

1.ª Repartição

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE MATÉRIAS-PRIMAS, DESTINADAS AOS CENTROS OFICINAIS DE TRABALHO

GRUPO I — TECIDOS E LÃS — GRUPO II — SOLA VERDE PARA RASTOS, SOLA PARA AVIAMENTO, CALFE, CAPICUA, CARNEIRA, ATACADORES, ILHÓS E SALTOS DE BORRACHA.

Na Repartição Central do Comissariado de Desemprego, sita na Rua Almirante Barroso, n.º 15-3.º, podem ser consultadas, as condições de praça para fornecimento em epígrafe, em qualquer dia útil, das 9 ás 11.30 e das 14 ás 17, e, aos sábados, das 9 ás 12 horas.

Os actos do concurso terão lugar na sede do Comissariado, no dia 23 do corrente mês, pelas 15 horas, perante a Comissão para esse fim nomeada.

O depósito de 3 000$00 para cada grupo, deve ser efectuado na Tesouraria do Comissariado, mediante guia a passar pela Repartição Central, até ás 16 horas da véspera do dia do concurso, sendo depois elevado para 5% do valor da adjudicação.

COMISSARIADO DO DESEMPREGO, em 1 de Abril de 1970.

O COMISSÁRIO
CARLOS MARIA DO CARMO
Coronel

SNRS. AUTOMOBILISTAS:

O seu automóvel constitui para si um valor que deve manter e valorizar
Assim não o entregue a uma oficina qualquer, sem especialização.
Procure sempre uma OFICINA ESPECIALIZADA. COTAL prestar-lhe-á um serviço de 1.ª só executado por oficiais. Todo o género de reparações ou correcções de defeitos.
Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, PINTURA, ESTOFADOR e de ÓRGÃOS AUTOMÁTICOS.
ORÇAMENTOS PRÉVIOS
O mais rápido serviço em automóveis
Especializados nas marcas da
GENERAL MOTORS — MERCEDES e JAGUAR
Serviço Independente
COTAL A RUA DE ARTILHARIA UM, 105 A Telefone 86 31 31
COTAL B RUA DOS LUSÍADAS, 113-A Telef. 631057/8 — LISBOA

DINHEIRO
SOBRE
AUTOMÓVEIS E
PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44802 · 536569

SENSACIONAL CONCURSO
Vapedrone
Para assinalar a próxima inauguração da melhor e mais moderna loja de electrodomésticos de Lisboa — A "Vapedrone 3"
Peça um boletim numa das 2 Lojas Vapedrone, na Rua da Vitória, 54 ou Rua dos Fanqueiros, 17. Escreva uma quadra utilizando as 2 palavras que estão expostas na montra da Av. Almirante Reis, 82-A, e envie-a para uma das 3 Lojas Vapedrone, até sábado 4 de Abril.
As três melhores quadras serão premiadas respectivamente com:
1 — GRAVADOR
1 — RÁDIO
1 — MISTURADOR
PRÉMIOS NATIONAL

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

A cor da morte — EDEN

Como casar a nossa filha? — ROMA

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

ESTREIA Às 21.30

Uma história divertida

COMO CASAR A NOSSA FILHA?

Alberto Sordi, Anita Ekberg, Bibi Anderson, Silvana Mangano e Giulieta Massina

TECHNISCOPE-COLOR

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

— 70 mm —

BEN (Lee Marvin) e PARDNER (Clint Eastwood)

OS MARIDOS DE ELIZABETH

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Finalmente em Lisboa a obra-prima de **Michelangelo Antonioni**

A AVENTURA

com **Monica Vitti, Gabriela Ferzetti e Lea Massari**

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Dois grandes artistas num filme de acção, realizado por JEAN HERMAN

Alain Delon e Mireille Darc

em

JEFF

ESTÚDIO 444

Tel. 779095

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Autorizado superiormente M/6 ANOS

À tarde e á noite

Um grande espectáculo de riso

O CIRCO

com **CHARLIE CHAPLIN**

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

Um movimentado filme de espionagem

OPERAÇÃO ROSAS VERMELHAS

Peter Van Eyck

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas

CHAPÉUS DE SOL ADULTÉRIO À ITALIANA

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 21.45

ESTREIA

Tom Tryon e Carolyn Jones

A COR DA MORTE

Às 18.30 (M/ 12 anos)

JOANA D'ARC

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (p. r.) e 9,30 da noite

Anouk Aimée, Dirk Bogarde e Robert Forster

Na famosa versão do romance de Durrele

JUSTINE

SÃO JORGE

Às 15, 18.15 e 21.30

(M. 17 anos)

2.ª SEMANA

Anthony Quinn, Anna Magnani, Virna Lisi, Renato Rascel, Sérgio Franchi

O SEGREDO DE SANTA VITÓRIA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15 e ás 21 h.

3.ª SEMANA

O FILME MAIS PREMIADO DO MUNDO

BEN-HUR

Sensacional reposição

com **Charlton Heston e Jack Hawkins**

QUINZENA HUMPHREY BOGART

Amanhã — (Adultos) — 19 h.

A RELÍQUIA MACABRA

de **John Huston**, com **Humphrey Bogart, Peter Lorre e Jack Astor**

Dia 6: «**O Prisioneiro do Passado**» (Adultos)

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 horas

O CASO DE «LADY» CHAPLIN CARTOUCHE

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593

Às 21.30

no «écran»-gigante — 70 mm um fabuloso filme de acção e aventura!

O OURO DE MACKENNA

com **Gregory Peck e Omar Sharif**

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172

Às 15.15 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Jean Gabin e Louis de Funes pela primeira vez reunidos na comédia das gargalhadas sem fim ..

COM A FORTUNA AS COSTAS

ALVALADE

(M 12 anos) Tel. 763889

Às 15.45 e 21.45

2.ª SEMANA

Jean Gabin e Louis de Funes pela primeira vez reunidos na comédia das gargalhadas sem fim ..

COM A FORTUNA AS COSTAS

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

Paul Newman, Joanne Woodward e Robert Wagner num dos mais românticos e empolgantes filmes da temporada!

A GRANDE COMPETIÇÃO

(Panavision — Technicolor)

O grande cartaz da Páscoa de 1970!

METRO: **Estação Picoas**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30

2.º MÊS DE SENSAÇÃO

8.ª SEMANA DE ENCHENTES COM O FILME PORTUGUÊS

O DESTINO MARCA A HORA

com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner**

CONDES

(M. 17 anos) T. 522523 - 326710

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

12.ª SEMANA

O filme-choque da temporada

A LIÇÃO PARTICULAR

com **Nathalie Delon e Renaud Verley**

COLORIDO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas

CERIMÓNIA SECRETA O LENÇO FATAL

POLITEAMA

Maiores 12 anos Tel. 326305

HOJE, À NOITE, ÀS 21.30

EM 2.ª SEMANA

Em vibrante êxito a nova e grandiosa versão do famoso romance de ALEXANDRE DUMAS

MONTE CRISTO 70

com PAUL BARGE, PIERRE BRASSEUS, MICHEL AUCLAIR e ANNY DUPERIN

EASTMANCOLOR

HOJE, às 18.30—Maiores 17 anos

SESSÃO CLÁSSICA

VOX

(Adultos) Tel. 720808

Às 18.30 e 21.45

9.ª SEMANA de um dos mais sugestivos filmes da temporada com **Rod Steiger, Claire Bloom e Judy Geeson**

A RAPARIGA DO AUTO-STOP

—★—

Junto á Av. de Roma

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

3.ª SEMANA

Uma mulher selvàticamente ultrajada!

ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA

PANAVISION-COLOR

c/ Rosanna Schiaffino John Richardson

CASINO ESTORIL

Às 21.30 (M. 12 anos)

BOLA DE FOGO 500

c/ **Frankie Avalon e Annette Tunicello**

Cie. Gle. Transatlantique

French Line

para:

LOS ANGELES — SAN FRANCISCO

VANCOUVER E SEATTLE

n.m. «Magellan» em 13 do crte.

Aceita passageiros e carga em porão normal e frigorífico

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL

OREY, ANTUNES & CIA LDA.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 322271 | 32288 | 361207

LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

SEMESTRE A CONTAR DA DATA DA ABERTURA

Produtos químicos p/ os Serviços Farmacêuticos — Conc. Público n.º 47/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 31 de Março de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Manuel Brioso Pina de Jesus

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «O prato do dia» (17 anos)

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Fanja» (17 anos).

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A Celestina» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Pega de caras» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «A furia de Jonny Vidal» (17 anos).

CINEARTE — Às 21: «Escândalo ao Sol» (17 anos).

ROYAL — Às 21: «Os comediantes» (17 anos).

COLISEU — Às 21 e 30: «Capitão Singrid» (12 anos).

SALÃO LISBOA — Às 19: «Rancho Bravo» (12 anos)

MOSCAVIDE — Às 21: «O grande pistoleiro» (17 anos).

ORIENTE — Às 21: «4 brutos no Oeste» (12 anos).

S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «Um fato para Jamaica» (12 anos).

UNIVERSAL — Às 21: «Os ossos do ofício» (17 anos).

VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O longo dia do ódio» (17 anos).

ENCARNAÇÃO — Às 21: «Flint, perigo supremo» (17 anos)

CAMPOLIDE — Às 21: «A marca do vingador» (17 anos).

PARIS — Às 21: «Divórcio á italiana» (17 anos).

LUMIAR — Às 21: «Os longos dias da vingança» (17 anos).

JARDIM — Às 21: «Os punhais do vingador» (12 anos).

ARCO ÍRIS — Às 21: «Operação poker» (12 anos).

IDEAL — Às 21: «Um dólar furado» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A mão armada» (17 anos).

BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Operação rosas vermelhas» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Espectáculo de variedades Beng Beng».

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Chove no meu coração» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Bola de fogo 500» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Uma viuva de ouro» (17 anos)

Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Furor de matar» e «Os 7 invencíveis» (12 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Manituru» (17 anos)

MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — Às 21 e 30: «Vida solitária» (17 anos)

A REGÊNCIA DO ORFEÃO DE VISEU

VISEU, 2 — Em resultado de aturados esforços da direcção, continua á frente do prestigioso Orfeão de Viseu, que muito tem contribuído para a propaganda e o bom nome das Beiras, o rev.º Joaquim Coelho que já esteve no mesmo lugar há alguns anos.

Agora é o regente efectivo do importante agrupamento artístico.

popfado

BOÎTE (3 estrelas) M/ 17

RESTAURANTE

Preços normais até às 22 h.

BAR — 17 às 21 h.

Rua Ferreira Lapa, 38-D

Encerrados aos domingos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno E

ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (631635)

ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)

ALVALADE — Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358) ✲ Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-A (722368)

ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (404711).

AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ✲ João XXI, Av. João XXI, 6-A (726462) ✲ Nova Lisboa, R. Guilhermino Suggia, 12 (727721)

AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 7 (46858)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ Avenidas, Av. da República, 27-A (533688) ✲ Império, Ld.ª, R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) ✲ Ducal, Av. Duque de Loulé, 21 (48946) ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25-3.º (47088).

BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Ângela Pinto, 32 (49756).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).

BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5).

BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ Sousa, Estrada de Benfica, 429 - 431 (780027).

CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✲ Véritas, R. da Misericórdia, 183 (324554-327563/4).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).

CAMPOLIDE — Lab., Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua dos Amoreiras) (680627).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).

ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Oscar Monteiro Torres, 38 - A (774920).

ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438).

ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453).

GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Reis & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ St.º António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (852333).

JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).

LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704)

MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (661275)

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311287) ✲ Nova dos Olivais — R. E 1, Lote 469 (Olivais Sul (316402).

PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98 - A (764196-764629).

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A — (728395-720703)

REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Hospital Santa Maria) (778953).

S. AMARO — Sepal, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958) ✲ Teles, R. João de Barros, 2 (638249)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 65 (387185) ✲ Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (2518518)

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (Tel. 212048)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (T. 24300581)

PAREDE — Macau, R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel 2471785)

ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL — Costa — Av. Sabóia, 29-B (Tel 260085).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 280141); Cascais — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel. 282407).

Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ✲ Carmela, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel 933308) ✲ Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933618) ✲ S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleiro (Tel. 938708).

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).

QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084)

MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100121)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980198).

SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)

VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 9 (Tel 933920).

COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telefone 234137).

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)

ALMADA — Cristo-Rei — Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel 224 41)

BARREIRO — Soares, Av. da República, 7 (Tel 2273023)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (Tel 270121)

MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel 289025)

MONTIJO — Moderna — R. Buinão Pato, 60 (Tel 230156).

SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel 2294?1)

SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage (Tel 22484); Nova — R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho 38 (Tel 2218560).

SERVIÇOS URGENTES

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36135 ✲ Companhias Reunidas 53701 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidal Idem e feriados, 382069.

SAUDE — Cruz Vermelha, 86534 ✲ Enfermagem permanente 76616 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ✲ Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo, 767777, 761176 e 763450.

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.

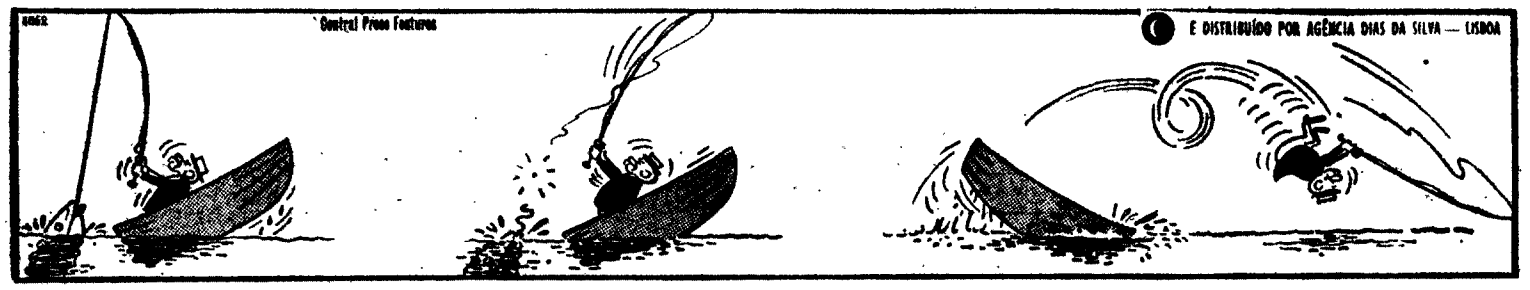
TRANSPORTES — Aeroporto, 72031 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOMBEIROS — Sapadores, 32222, Voluntários, 538524.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



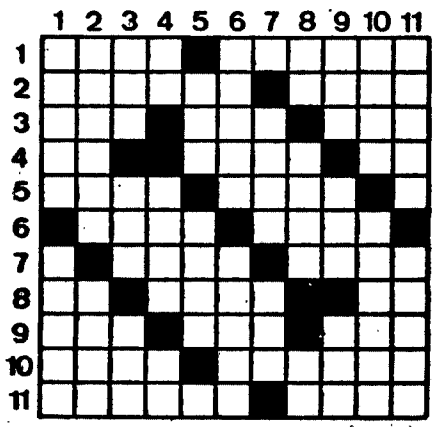
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5493

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Se eu tiver vontade de. 2 — Cidade do Estado de Goiás, Brasil. Caixa de madeira revestida de couro ou lona. 3 — Estava. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Conjunção. 4 — Batnáquio. Terreno fechado, destinado a torneios. Seguia. 5 — Metal precioso de cor amarela. Nome de mulher. 6 — Nome de várias espécies de crustáceos decápodes. Diplomata e humanista francês que na sua época foi um dos melhores. O O seu tratado DE Re Navali foi considerado muito tempo como autoridade no assunto. 7 — Homem de baixa estatura. Empregam. 8 — Artigo definido. Vagueia. Troça. 9 — Conjunção. Nome de mulher. Página (abrév.). 10 — Repetições de som. Poisou no mar (o avião). 11 — Ramalhetes. Moleste.

VERTICAIS: 1 — Desejo. Defraudar 2 — Dois unros. Tiro. 3 — Cidade da Alemanha (inv.º). Estéreo. Ruído. 4 — Ruim. Adorne. Apelido. 5 — Óxido de cálcio. Palmeira da Amazónia. 6 — Pronome relativo. Enfeitas. 7 — Rei de Israel marido de Jezabel. Medida de líquido na Suíça. 8 — Prefixo de negação. O mesmo que aira. O mais. 9 — Figura que simboliza o povo americano. Suspiros. O vencimento diário de um soldado. 10 — Prendei com elos. Títulos dos antigos soberanos do Egipto. 11 — Roçar. Esfarele.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5493

HORIZONTAIS: 1 — Cassa. Maura. 2 — Arse. AMOR. 3 — Mês. COM. Ase. 4 — Al. Toais. Ta. 5 — Samarreiros. 6 — Él. Au. 7 — Desamparada. 8 — Or. Miana. Al. 9 — Tas. Age. Ida. 10 — Atum. AMOR. 11 — Rolem. Prosa.

VERTICAIS: 1 — Camas. Datar. 2 — Areia. Énato. 3 — SSS. Mês. Sul. 4 — SE. Talam. Me. 5 — Car. Mia. 6 — Coar. PAGA. 7 — Mie. Are. 8 — Aia. Siana Ar. 9 — Umo. Rua. Imo. 10 — Rosto. Dados. 11 — Áreas. Aliana.

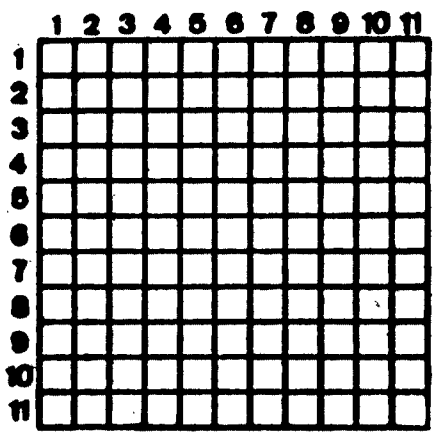
Provérbio: AMOR, COM AMOR SE PAGA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9335

HORIZONTAIS: 1 — Hifota. Serra de Portugal. 2 — Bolor. Portuguesa. 3 — Nome de homem. Rema para trás. Mil cento e um em romano. 4 — Oferece. Cidade da Itália. Sufixo que designa estado. 5 — Praia. Além. 6 — Rã (pop.). Coiro curtido. 7 — Átomo (abrev.). Batnáquio. 8 — Pertences. Matizar. Aqui. 9 — Rio de França e do Alemanha. Tramas. 10 — Levam á sirga. Maquinais. 11 — Cântico de louvar a Deus. Fundador do Islamismo.

VERTICAIS: 1 — Aguardente de medronho. Móveis sobre os quais se come. 2 — Recuara. Diabo. 3 — Monarca. Estova. Lista. 4 — Prefixo de negação. Quebraram. 5 — Abertura num fruto para ver se está maduro. Movo os remos. 6 — Cento e quatro em romano. Pronome pessoal. 7 — Camoreiras. Peixe do Algarve. 8 — Artigo definido (ant.). Acudira. 9 — Álcool de melaço. Olé. Passado. 10 — Método. Irmão de Abel. 11 — Fora para fora. Licença.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9334

HORIZONTAIS: 1 — Cinco. Omega. 2 — Aros. Alas. 3 — Lia. Obi. Asa. 4 — Dá. Traça. Ti. 5 — Ostia. Almas. 6 — Ano. Rei. 7 — Sapo Maço. 8 — Ato. Ato. Mói. 9 — Au. Ocoso. Ir. 10 — Lasca. Opero. 11 — Áreo. Aros.

VERTICAIS — 1 — Calido Saafe. 2 — Inicia. Atuar. 3 — Noa. Tapo. Se. 4 — Cs. Tino. Oco. 5 — Orão. Aca. 6 — Abo. Dia. 7 — Içar. Oso. 8 — Má. Além. Opa. 9 — Elo. Miam. Er. 10 — Gosta. Colca. 11 — Asais. Giros.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Abril de 1940 publicava:

«**ROMA, 2 — Reuniu-se o Conselho de Ministros sob a presidência de Mussolini. Entre várias decisões sobre política interna, o Governo resolveu proceder ao recenseamento e demolição dos gradeamentos de ferro, com excepção dos das igrejas ou dos que tenham interesse, quer histórico quer artístico, ou ainda dos que pertençam á Santa Sé ou á diplomatas estrangeiros.**

«**O Conselho de Ministros decidiu também rever as leis em vigor sobre a organização e mobilização do país, para a guerra, no sentido de sujeitar á mobilização civil as administrações publicas e os cidadãos isentos de obrigações militares, incluindo mulheres e crianças, com mais de 13 anos.**»

MINISTERIO DA SAÚDE E ASSISTENCIA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Concurso para a EXECUÇÃO DE TRABALHOS DE REPARAÇÕES, FORNECIMENTO E MONTAGEM DE 2 EXTRACTORES INDUSTRIAIS NA COZINHA.

Até ás 15.30 horas do dia 16 do mês de Abril, recebem-se propostas feitas em papel selado, dentro de sobrescrito fechado e lacrado, para a execução dos trabalhos em referência.

Condições patentes no Serviço de Abastecimentos, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17,30 horas.

O ADMINISTRADOR

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

PIANOS E DE CAUDA VERTICAIS
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em BEJA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo & Álvaro, Praça dos Duques.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«LEIXÕES» *	20 de Abril	directo a: Lobito, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«P. PERFEITO»	24 de Abril	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, L. Marques e Beira.
«MOÇAMEDES»	24 de Abril	Leixões, Cabinda, St.º António Zaire, (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e (se necessário) Porto Alexandre e Cuio.
«ANGOLA» *	26 de Abril	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala por Leixões.

Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021.
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

DELFIM E SERAFIM

por Natália Nunes

AQUANDO DA PUBLICAÇÃO de «O Delfim», de José Cardoso Pires, várias vozes, em público e em particular, puseram em dúvida a originalidade da técnica moderna desse autor. «...a substituição do estilo sobretudo linear de narração pela adesão a modernos processos de corte, retrocesso, saltos no tempo e no espaço». (1) S. Ferreira a quem peço desculpa de mais uma vez contraditar, pois o faço por bem e não por mal, em crítica publicada no «Jornal de Notícias», do Porto, disse: «O Delfim resulta, afinal, como eco de outras vozes de verdadeiros criadores literários... [Laclos, Stendhal, Hemingway, Faulkner e, principalmente, Roger Vailland] Sinal de inovação estética na ficção de Cardoso Pires, ou antes «pastiche» de outras vozes e de outros passos, disfarçados numa couraça de extracção nacional, portuguesa, pseudo-erudita?»

Partindo de tal definição interessaria realmente discutir se se pode dizer que C. P. «disfarçou» a sua composição romanesca numa «couraça de extracção nacional» ou se foi antes um discípulo inteligente e hábil, o realizador de uma assimilação arguta, á qual imprimiu as notas da sua própria personalidade, bem como a do seu habitat nacional, conseguindo uma síntese válida e feliz e, como tal, original. Outros que estudem o caso. Pessoalmente quero encarar apenas a «couraça de extracção nacional».

Se essa couraça implica uma referência ao ambiente nacional, é evidente que o romance se passa no nosso País. Mas o que os críticos não puseram evidência, aquando da saída do romance, aquilo a que nem sequer aludiram, que eu saiba, foi às *influências literárias nacionais que se me afiguram notórias neste romance, em primeiríssimo lugar a de Aquilino Ribeiro.*

A obra de Aquilino que provàvelmente mais teria influenciado Cardoso Pires, que teria sido para este como que uma *ordinatrix*, julgo ser «A Casa Grande de Romarigães».

Desconfio até que o abade Agostinho Saraiva, autor da «Monografia do termo Gafeira», pode corresponder a uma transposição da pessoa de escritor do próprio Aquilino Ribeiro, que este seria, na visão crítica de Cardoso Pires, o «zelador de antiquitates lusitanae, instalado na sua prosa cuidada». (2).

Em «A Casa Grande de Romarigães» traça-se a genealogia de um senhor, meio fidalgo, meio patriarca, fundador da Casa Grande; todos os seus descendentes são morgados, senhores rurais. Ora, parece-me que os onze Palma Bravos, de Cardoso Pires, todos eles a formarem uma linhagem de couteiros-mores, todos eles femeeiros e marialvos, correspondem á série aquiliana dos Cunhas de Antas, feudais e «fornicários», no dizer do próprio Aquilino.

Tomás Manuel, o cavalgador de jaguares, era um estróina que andava constantemente atrás de salas, um frequentador de bares e amador de toiradas; será, pela certa, primo consanguíneo daquele Luís de Azevedo da Cunha de Antas que, «com picadores e cómicas, ora em Lisboa ora em Sevilha e por toda a parte onde lhe acenava o draldil da estúrdia, ganhava fama de pródigo...», (3) esse Luís de Azevedo, «o sobrinho mariola», o «sobrinho cachorro» (4), «rapaz estouvado e cheio de sangue na guelra» (5).

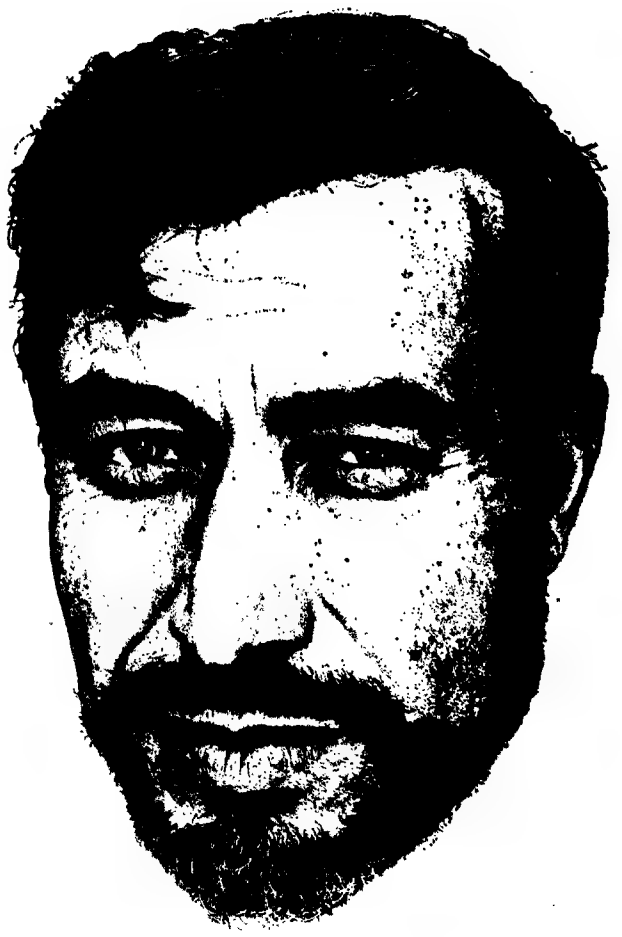
O antepassado do engenheiro, seu homónimo, mas por alcunha «O Gago», que vem a ser mais um dos garanhões do «friso de cavaleiros-lavradores» (6), do termo da Gafeira e da Casa da Lagoa, não teria tido, no seu tempo, um rival em Telmo de Montenegro Antas de Mendonça e Meneses, «homem luxurioso, que se havia de gozar de quantas servas e criadas pisavam a Casa Grande (7), e cuja norma de conduta era a mesma do galaróz: «franga que entra no poleiro, passa por debaixo dos esporões?». (8)

A crónica da Casa Grande de Romarigães conta os dias fastos e nefastos do vínculo da Quinta da Senhora do Amparo que, tal como a Casa da Lagoa, acabou em ruína; embora dentro de restrita medida, os pavões que Dom Telmo, da Casa Grande, solta na sua mata — bichos que «acabam por pintar o arco-da-velha» (9), terão correspondência nos dois mastins *racés*, pertencentes a Tomás Manuel da Palma Bravo, que não se cansam de rosnar, ameaçadores, e se mostram inquietantes desde o começo até o fim da acção.

Acontece ainda que, em «O Delfim», o velho cauteleiro que pára pelo Café da terra, a dar à lingua maldizente e agoirenta, odeia ferozmente os dois lobos-da-alsácia do Engenheiro e chega a torturá-los na praça publica; em «A Casa Grande...», os dois pavões contam também um inimigo, o Pimpolim, «sapateiro-remendão, mais visto a achado nas tavernas a puxar a bisca que no sótão os liços das gáspeas e melas solas». (10)

Um dos Cunhas d'Antas, o já referido Dom Telmo, encomenda os retratos dos seus antepassados e diz para o pintor: «Quando chegar à actualidade, atenção, quero o meu neto, que terá ocasião de pintar quando vier a férias e é o herdeiro do vínculo, belo como um serafim». (11) Em «O Delfim», se bem me lembro, surge também algures uma alusão a retratos de antepassados a pintar; de qualquer modo, de *serafim* para *delfim*, e de «sobrinho-cachorro» para os cães, de tão forte presença e simbolismo no romance de Cardoso Pires, não pode-

(Cont. na pág. 6)



Cardoso Pires: n'O Delfim, influência de Aquilino?

António Pedro, pintor: «Rapto na Paisagem Povoada» (1946)

A propósito da exposição de ANTÓNIO PEDRO

Folhetim artístico de José-Augusto França

ESTÁ na «Galeria Buchholz» uma notável exposição: pinturas de António Pedro.

Anunciei há meses aqui esta exposição, ao anunciar um curso de dez conferências que então começava a fazer na S. N. B. A. Recorda-se assim António Pedro, analisando a sua obra, expondo-a e também sobre ela escrevendo, que em breve sairá, n.º 18 da Colecção de Arte Contemporânea das edições Artis, um pequeno estudo sobre o artista desaparecido em 1966.

Melhor que tudo quanto se diga ou escreva (e na «Galeria Buchholz» prepara-se também um colóquio sobre a sua obra literária, artística e teatral, no decurso da exposição) é o ver a sua obra que interessa.

Uma obra histórica já. Não, decerto, uma grande obra de pintura-pintura, que o amadorismo, voluntário e fatal também, de António Pedro lhe não imprimiu necessárias qualidades picturais — mas uma obra grandiosa, no plano do imaginário.

QUE este plano não seja habitualmente servido pelos pintores portugueses é um facto constante — que ao nível da «segunda geração» do modernismo nacional se avantajava entre paisagens quanto muito evoluídas de Barbizon para um pós-cezannismo prudente, naturezas-mortas que tais, e figuras assim-assim, de retrato ou não. Eram os 30 anos, a partir do Salão dos Independentes, que o próprio António Pedro animou, tendo por meio a acção, aliás notável, de António Ferro, de estética cosmopolita e folclórica, e, ao fim, a Exposição do Mundo Português, faz agora trinta anos — ponto de chegada do jeito decorativo em que a geração gostosa e propositadamente se definia. Após o que ela se desvaneceu; como se disse mais tarde em saborosa versalhada: «quem pelo ferro forjado / de ferrugem morrendo»...

A exposição de António Pedro (com António Dacosta) no fim de 1940, semanas depois do encerramento da magna

(Continua na pág. 6)

SUPLEMENTO LITERÁRIO

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO
2 • ABRIL • 1970
N.º 606

Uma obra inovadora

«A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)», por Victor de Sá

ESTA OBRA verdadeiramente inovadora, na qual o rigor científico se alia a uma ampla investigação documental, vem abrir perspectivas originais sobre a transição da sociedade portuguesa do Antigo Regime para a sociedade moderna burguesa e capitalista. Abarca, pois um longo período de agitação política, económica, social, militar e diplomática que marcou, de modo indelével, os três decénios da história portuguesa desde o efémero triunfo do liberalismo em 1820. E ao longo dele assiste-se à forte pressão exercida pelas camadas populares contra as oligarquias que dominam plutocràticamente o Estado. Ao mesmo tempo,

Victor de Sá

porém, Victor de Sá destrói velhos mitos ao analisar a composição das forças sociais, políticas e económicas, os centros, os agentes e os meios de pressão, os diversos tipos de comportamento individual e colectivo e, enfim as contradições das classes e dos grupos de interesses.

Como consequência deste novo tipo de investigação pôde o Autor definir as reacções da burguesia portuguesa à «questão social», numa época em que, ao triunfar entre nós o liberalismo, as suas congéneres europeias se viam a braços com as contradições económico-sociais resultantes da revolução industrial.

Em tal contexto elucida pormenorizadamente o papel que no nosso País teve o socialismo (utópico e pequeno-burguês) e a sua influência na burgusia liberal mais esclarecida.

Trouxe-lhe ele, com efeito por um lado, sugestões acerca da organização da nova sociedade capitalista; e, por outro, encorajou-a na tentativa de dissociar os trabalhadores portugueses do movimento operário, em progresso crescente nos países onde a indústria se desenvolvera. Tal dissociação assume a forma de um pequeno-aburguesamento do proletariado e dos trabalhadores em geral, transformando-os ilusòriamente em miniproprietários.

Entre os primeiros teóricos voltados para os problemas sociais estuda Victor de Sá a obra de Solano Constâncio, António Pedro Lopes de Mendonça, Silvestre Pinheiro Ferreira, Custódio José Vieira, Marcelino de Matos, Sousa Brandão, José Maria do Casal Ribeiro — entre os socialistas — e Herculano, Castilho, Oliveira Marreca, Henriques Nogueira; e, no seguimento de um seu ensaio anterior «Perspectivas do Século XIX» debruça-se particularmente sobre a incipiente imprensa socialista utópica portuguesa.

«A Crise do Liberalismo e as Primeiras Manifestações das Ideias Socialistas em Portugal (1820-1852)», tese de doutoramento na Sorbona, que ao Autor valeu uma das mais altas classificações atribuídas a estrangeiros naquela Universidade, vem rasgar novos caminhos à historiografia portuguesa.

Instituto Alemão: Abril cultural

É SEM DÚVIDA aliciante o programa de realizações culturais do Instituto Alemão para o corrente mês de Abril. Amanhã, dia 3, o dr. Georg Rudolf Lind, da Universidade de Ruhr em Bochum, profere, em português, uma conferência subordinada ao título «A génese do poema em Fernando Pessoa». Dia 6, será apresentado o filme «Fausto», de Peter Gorski, antecedendo o encerramento do Seminário sobre Fausto I (orientado, como já aqui se noticiou, pelo prof. dr. Theodor Rosenthal) e cuja última sessão decorrerá na próxima 4.ª feira, dia 8. Em continuação do ciclo «Novas Tendências do Cinema», o fundador do «New American Cinema», Peter Kubelka, de Viena proferirá, dia 17, uma conferência que será ilustrada com curtas metragens e diapositivos de sua autoria. Finalmente, na 5.ª feira, dia 23, pelas 21.30 horas, será exibido o filme «O Hábito Faz o Monge», de Helmut Kaütner, segundo a novela de Gottfried Keller.

In memoriam

(continuação)

ESCREVERA; depois apenas dissera, vendo-a viva atravessar as lajes *para um convento ou um bordel*, uma vez que a palavra tem os dois significados (em inglês isabelino). Pensava então ofélia: sempre uma escolha ou uma entrega envolverá os dois extremos, eis a pureza, a depravação. Assim lia: *não descrevo o ser, escrevo o decurso* (mutação), ou, afinal, eu (montaigne) não escrevo, calo-me, perante o deflagrar das canhoneiras, a cidade em chamas, a queda dos cometas (de que falavam os pregadores), a guerra, esta miserável criatura (montaigne) humana, estes reis nus (da sabedoria popular), todos os desmandos. Disse bacon: não dizer *este não é o tempo para o amor* (shakespeare) porque *a terra circum-navega-se; este enorme edifício que é o mundo;* este universo há séculos; *esta miserável; este; esta.* Também às vozes ásperas dos pregadores respondiam: *que o cometa por mostrar a demasiada secura do ar seja significador de males* naturalmente; (que) *bem pode vir outra constelação em contrário que como dizem os filósofos pode o contrário acontecer por razão de nova constelação de mais forte actividade do que foi a primeira com que tempera o ar e tira os significados do cometa.* De novo sob tais céus naturalmente claros (o que lhes vem da natureza dos cometas) vêem-se as bocas de artilharia. A fulguração é a do matiz do bronze; a liga de aço,

nejam as armas no ar seco As minas de água não vertem, nem na cidade nem no acampamento; porém avista-se o rápido manancial, acumulado nos invernos flamengos, percorrer, seguindo o sulco da goiva, fundos de paisagem. Uma mulher com a cota de bronze, o vasilhame enxuto (assim o traz de bocal para baixo e sem gotejar) aproxima-se entre muros e excrementos de ratos. Figura-se a guerra.

Fiama Hasse Pais Brandão

O CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JCM	JVP	LA	MML	SS	VST
No País das Maravilhas (R. Gavioli) ...	—	—	—	2	—	—	2	—	—	—
Encruzilhada para uma Freira (J. Buchs)	—	0	—	0	0	—	0	0	0	—
Com a Fortuna às Costas (D. de la Patellière)	—	0	—	0	—	—	0	0	0	—
O Segredo de Santa Vitória (S. Kramer)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
O Muro de Jerusalém (M. Lucidi)	—	—	—	0	0	—	0	—	—	—
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
Ben-Hur (W. Wyler)	—	0	—	0	0	—	0	0	0	0
Jeff (Jean Herman)	—	—	—	—	—	3	2	1	—	—
A Grande Competição (James Goldstone)	—	—	—	3	—	3	3	—	—	—
A Lição Particular (Michel Boisrond) ...	0	0	—	1	0	1	1	1	—	—
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall) ...	2	—	2	2	2	—	3	2	2	—
O Circo (Charles Chaplin)	5	5	5	5	5	—	5	5	5	5
Dia de Cólera (Carl Th. Dreyer)	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4
Justine (George Cukor)	—	0	—	—	0	0	—	—	—	—
Os Maridos de Elisabeth (Joshua Logan)	3	—	—	2	—	3	3	—	—	—
Crónica de Anna Madalena Bach (Straub) (1)	—	5	—	5	5	—	4	—	5	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (**Adelino Cardoso,** Rádio e Televisão); APV (**António Pedro Vasconcelos,** Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes,** ABC Cine Clube de Lisboa); BG (**Eduardo Geada,** A Capital e Vértice; JCM (**João César Monteiro,** O Tempo e o Modo e D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (**Lauro António,** D. L. e programa «PBX); MML (**Manuel Machado da Luz,** Seara Nova e D. L.; SS (**Seixas Santos,** Diário Popular) e VST (**Vitor Silva Tavares,** D. L.).

(1) Visto no 2.º canal da R. T. P.

O TEATRO DE 0 a 5

	AB	CP	FM	JB	JSM	MM	MA	MHDN	ON	UTR
A Celestina (Fernando Rojas)	2	—	2	—	—	—	3	3	1	3
TEATRO CAPITÓLIO										
Quando ela se despiu (M. Mithois) ...	1	0	—	—	—	1	—	0	0	0
TEATRO VARIEDADES										
Pombo Mariola (Chagas Roquete)	—	0	0	—	—	0	—	1	—	—
TEATRO ESTUFA FRIA										

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AB (**Alexandre Babo,** Jornal de Notícias); CP (**Carlos Porto,** Diário de Lisboa e Notícias); FM (**Fernando Midões,** Rádio & Televisão); JB (**Joaquim Benite,** Impacto); JSM (**Jorge da Silva Melo,** Jornal de Letras e Artes); MM (**Manuel Magro,** Diário Popular); MA (**Manuela de Azevedo,** Diário de Notícias); MHDM (**Maria Helena Dá Mesquita,** A Capital); ON (**Orlando Neves,** Republico e Sul-Expresso); UTR (**Urbano Tavares Rodrigues,** O Século e Seara Nova)

Armorial Lusitano

Num único e maravilhoso volume, verdadeiro tratado de genealogia e heráldica que é ao mesmo tempo um extraordinário álbum de consulta

Pela primeira vez e com todo o luxo se reproduzem em estampas belíssimas a 7, 8 e 9 cores, os brasões existentes no tecto da célebre Sala dos Brasões do Palácio de Sintra

UMA LUXUOSA EDIÇÃO DA
Editorial Enciclopédia, Lda.
Rua António Maria Cardoso, 33
TELEF. 32 64 52 - 3 33 30
LISBOA-2

Queiram remeter-me sem compromisso da minha parte, as condições de venda do **Armorial Lusitano**, por pagamentos suaves: (DL)

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

Na Interior e na Quadrante

por Rocha de Sousa

MARIA VELEZ
Galeria Interior

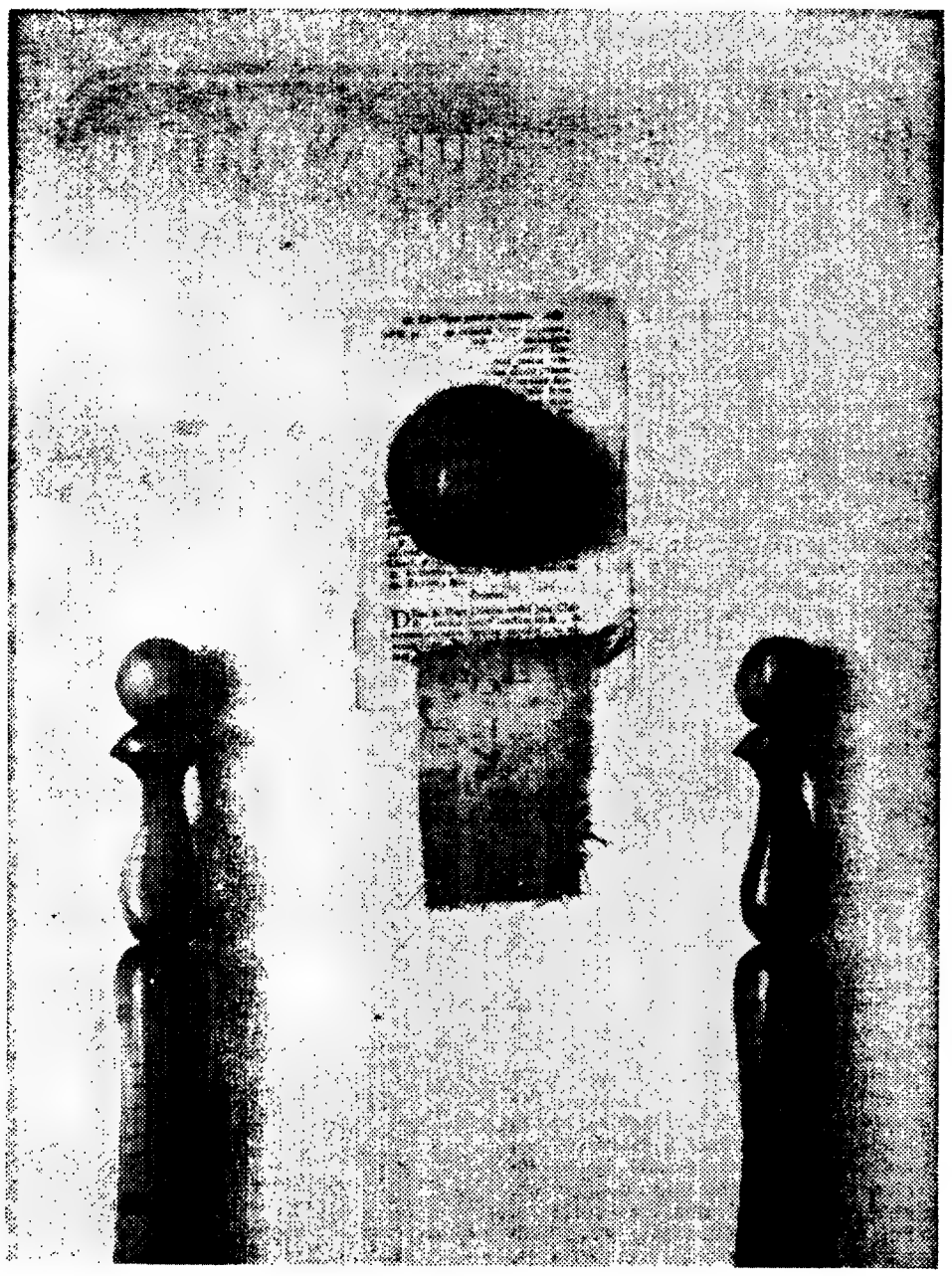
FIEL a uma problemática que se desenvolve no domínio da figuração, Maria Velez encontra para a sua obra uma inegável coerência e uma mobilidade expressiva que de facto a fixam num plano de muito interesse. Recorrendo quase sistemàticamente à colagem ou à sua imitação, em confronto com matérias que simulam a acção do tempo ou determinam um contraponto dramático, a autora furta-se sempre à diversão que o processo em referência permite, jogando, pelo contrário, um jogo constante de metáforas, de significações acentuadas ou suspensas, de alusões a um passado de memórias e à representação das circunstâncias em que a actualidade se resolve. O processo não é muito novo, e a própria pintura de Maria Velez o faz envelhecer, mas aparece aqui desenvolvido em termos de invenção que conferem às imagens, aos objectos ou aos destroços utilizados o poder de um impacto surpreendente e uma significativa contundência.

Diz-se com frequência que a pintura é um fenómeno autónomo, que a sua autenticidade se consolida através dos seus meios específicos. Diz-se com frequência e afinal com razão, mas isso nunca significou que ela tivesse irremediàvelmente de se dissociar do real. Um caminho de descoberta e de purificação tem os seus espinhos e os seus equívocos, sobretudo quando as pessoas o tomam demasiado à letra e de desmistificação em desmistificação se aproximam perigosamente do vazio. Há formas de resolução em que o vazio exprime o absurdo dos seres e por isso se corresponde com uma atitude filosófica que confere à obra um significado interventor, um apelo à consciência e porventura à lucidez. Mas há outras formas que se esvaziaram arbitràriamente de sentido, recusando o seu confronto com a vida, a sua inserção na vida, perdendo a oportunidade revolucionária de refazer a visão do mundo de uma maneira mais incisiva. Um sistema levado ao excesso pode comprometer irremediàvelmente a mobilidade criadora. Partindo de um exemplo muito simples, não é o facto de a pintura (em princípio) se resolver no plano que a deve impedir sistemàticamente de simular as três dimensões. Esse é um problema que diz respeito ao que se pretende exprimir e ao como de uma escolha ou de um caminho de afirmação. Não se podem fechar à criação as suas múltiplas saídas. Dizer o contrário é negar o próprio espírito da arte.

Maria Velez não se furta aos imperativos da época e às linhas fundamentais da visão que lhe corresponde. Dividida entre o passado e o presente, a sua obra refere com frequência a nostalgia das coisas mortas, as imagens e as coisas que pertencem à memória e que correspondem a uma formação plausível, à consciência do efémero, à percepção do perecível, à duração do sonho. O compromisso dessa obra em relação ao presente desdobra-se com violência e reveste-se de um inegável poder acusatório. As referências à actualidade comportam um raivoso dramatismo que explode dicotòmicamente através das tintas torturadas e das colagens precisas, fotográficas, um pouco absorvidas pela força avassaladora da pintura, como se a dor se pudesse apagar nessa espécie de redenção ritualista. Mas o testemunho, ainda que nem sempre expresso pela evidência ou pela deliberação, corresponde a uma espécie de segunda pele do artista, faz parte da sua respiração, é uma forma de ver.

Em relação ao passado, ou àquilo que com ele se assemelha, a atitude é quase sempre evocativa, lírica, nostálgica, mas também acusatória na medida em que esse outro tempo se suspende no sonho e na contemplação. Maria Velez não hesita em corporizar a memória, trazendo-a a uma dramática identificação com o presente, conferindo às imagens a presença física que a simulação das três dimensões em boa verdade implica. Outras vezes vai mais longe e justapõe à pintura o próprio objecto evocado, numa espécie de evocação feiticista que màgicamente nos envolve. O tempo presente é assim contestado, as suas raízes desenterradas, esclarecida a sua di-

(Cont. na pág. 6)



Pintura de Maria Velez: Coerência e mobilidade expressiva

AUTORES de HOJE

Maria Velez

DIPLOMADA em pintura pela Escola Superior de Belas-Artes em Lisboa. Frequentou em Zurich a Kuntsgewebeschule, em 1957. Trabalhou como professora no Ensino Técnico Profissional até 1965.

Participou nas seguintes exposições colectivas: 1958: exposição dos alunos da E. S. B. A. L. 1960: Salão da Primavera, na S. N. B. A.; obteve o primeiro prémio na Exposição do Dia do Estudante e participou em exposições de gravura, técnica a que entretanto se dedicou, na Cooperativa de Gravadores. Participou igualmente no III Salão de Arte Moderna, na S. N. B. A. 1961: II Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian; exposição na Faculdade de Ciências; I Exposição Colectiva de Verão na Galeria «Diário de Notícias»; IV Salão de Arte Moderna, na S. N. B. A.; Salão da Primavera naquele mesmo organismo. 1962: 15 Pintores de Lisboa, «Club Urbis», em Madrid; II Exposição colectiva de Verão na Galeria «Diário de Notícias»; Salão da Primavera. 1963: Salão de Arte Moderna, na S. N. B. A. 1965: foi representada na Bienal de Tóquio; Exposição de Verão na S. N. B. A.; Exposição de Tapeçaria Moderna, na Galeria Interior; Tapeçaria, no Rio de Janeiro; Exposição de Maio, na S. N. B. A. 1968: Salão GM, na S. N. B. A.; Salão de Verão, na S. N. B. A.; 1969: seis artistas na Longra; colectiva na Galeria Interior; retrospectiva das galerias na S. N. B. A.

Realizou as seguintes exposições individuais: 1961: guachos na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. 1964: colagens e pintura na Galeria 111. 1967: colagem e pintura, na Galeria Arte Moderna, S. N. B. A. 1970: colagem e pintura, na Galeria Interior.

A pintura de Maria Velez tem-se desenvolvido lentamente, na coerência dos meios, dividida pelo seu corpo e pela memória, ligada à vida e empenhada na revelação do visível. Realiza-se sobretudo pela colagem e pelo contraponto de matérias ao mesmo tempo barrocas e líricas. Simultâneamente testemunho e representação, ela confere ao objecto uma atenção especial, conferindo-lhe o carácter feiticista de relíquia quando ele emerge de um passado nostálgico ou revestindo-o de força acusatória, quando refere uma actualidade explosiva e contundente.

REALIDADES DO ENSINO

A EXPOSIÇÃO recentemente apresentada na Sociedade Nacional de Belas-Artes pela Escola de Artes Decorativas António Arroio corresponde, de forma ampla, a uma visão dinâmica do ensino e põe com pertinência o problema da integração da actividade pedagógica no contexto social, num íntimo acordo com as transformações económicas, técnicas e culturais al registadas. O esforço empreendido naquela Escola desde há anos, sobretudo pela acção aberta e lúcida do pintor Lino António, agora paralelamente homenageado com a exposição em referência, decorreu sempre de princípios bem definidos na relação indispensável ensino-sociedade e encontra hoje novas solicitações que pluralmente enquadram diversas actividades em desenvolvimento. A exposição da António Arroio não se limita a documentar o seu próprio conjunto de actividades no plano de estudos em curso desde há dezassete anos: faz também a apresentação indutiva dos problemas da actividade criadora gráfica e estético-industrial, que definem o seu futuro na linha de uma reforma em vias de concretização. Nessa medida, sublinha-se no catálogo que «a criação, quer seja de artes gráficas, objecto utilitário ou maquinaria, é produto de uma complexa integração de múltiplas actividades, com a convergência de elementos técnicos, económicos e estéticos.» E acrescenta-se que é preciso fazer «um programa para uma escola onde se informem e comuniquem essencialmente os problemas de hoje, e não os do passado, e onde se investiguem os do futuro.» Esta anotação corresponde efectivamente ao espírito da exposição, registo de um esforço e prospecção das coordenadas para um trabalho no presente e no futuro. Aí se prevê correctamente a necessidade de uma produção o menos possível aleatória, integrando os problemas do meio e fornecendo à escola os elementos de uma acção vitalizante capaz de a redefinir técnica e sociològicamente. Não se trata de uma ambição vanguardista, nem da reforma pela reforma, mas de uma verificação indispensável ao progresso da comunidade, à actualização das estruturas e à justa reconversão das actividades no sentido da eficácia e da permanência dos valores.

Este projecto, que a exposição aponta, dá-nos agudamente notícia da urgência com que se colocam os problemas do ensino como meio de resposta às solicitações da sociedade e como plataforma de criação de novas formas e de novos conteúdos para a existência dos homens. Não é possível desligar a escola do tempo em que funciona e a que se destina, pois que lhe compete servir superiormente os que nela participam e que são indivíduos de um momento histórico determinado. A qualidade de uma escola viva reconhece-se na forma como realiza a integração do aluno nos fenómenos e potencialidades do mundo actual, fornecendo-lhe, com a informação adequada, a rota certa que medeia entre ele e o futuro.

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Beckett (×2) na Dom Quixote

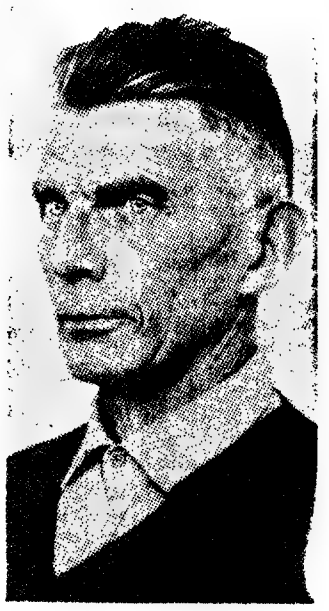
Depois de Asturias, depois de Kawabata, as Publicações Dom Quixote voltam a interessar-se pelo Nobel. Agora é o irlandês Samuel Beckett, de quem traduziram uma selecção de poemas e os «Textes pour rien».

O lançamento Dom Quixote de Março foi na passada segunda-feira, um tanto atrasado em relação aos planos. Para já os dois Beckett: «Poemas escolhidos», com tradução de Armando da Silva Carvalho (do francês) e Jorge Rosa (do inglês), sobre uma selecção pré-existente, a do sueco Magnus Hedland; e «Textos para nada», acrescido de «Tête morte» (tradução de Liberto Cruz), o que deu para mais um volume da colecção Romances Exemplares. Só dos «Poemas» saíram 3200 exemplares, tiragem agora habitual nos seus Cadernos de Poesia.

Ao mesmo tempo começaram a ser distribuídos o n.º 23 dos Cadernos Dom Quixote — «Japão, outro gigante» (autores vários, entre eles Robert Guillain)—, logo com 8200 exemplares; mais dois volumes da colecção Universidade Moderna, «A economia dos Estados Unidos» e «A economia da U. R. S. S.», ambos por Pierre George; «Regressar para quê?», de Victor de Sá, na colecção Diálogo; e a 3.ª edição de «Por onde vai a economia portuguesa», de Francisco Pereira de Moura (total até agora: 13 200 exemplares).

Os poetas

Os poetas (portugueses) da semana são encabeçados por Fernando Namora com o seu «Marketing». Êxito espantoso de venda: um lançamento original de 3000 exemplares há quatro meses e pico, reedição agora com mais 2500 (Europa-América). Assinale-se também a estreia em volume de Luísa Ducla Soares («Contrato», Iniciativas Editoriais) e Fernando J. B. Martinho («Resposta a Roprschach», colecção Daimon), poetas já antologiados e relativamente conhecidos, duas vozes, afinal, dos anos sessenta. Em edição do autor saiu «Voz suspensa», de Torquato da Luz (26 anos, jornalista), que não publicava desde 1963 e res(surge) como um poeta a ler. Finalmente os cadernos de poesia Mar Alto propõem «Cafre», de José de Matos-Cruz, um longo poema dedicado ao «beat» Allen Ginsberg e com sugestões várias da leitura do seu «Howl».



Beckett: dois títulos

A montra

A montra da semana encheu-se ainda com «A vida quotidiana em Bizâncio no século dos Comnenos», de Gérard Walter (Livros do Brasil); «Os povos nómadas das estepes», de E. D. Phillips (Verbo, na Biblioteca das Civilizações Primitivas); «Escultura medieval», de Willibald Sanerländer (Verbo, colecção Ars Mundi); «Amor», de André Bay (Início); «António e Cleópatra», um Shakespeare (claro) traduzido (os críticos dirão se) por Nuno Valadas para a Presença; «A caçada real do sol», de Peter Shaffer (Início); «Os últimos soldados do Imperador», de Ito Masashi (Início); «A minha guerra com Israel», de Vick Vance e Pierre Laner (Início); «Povo de Deus no Mundo», de M.-D. Chenu (Moraes); «O arcanjo negro», de Aquilino Ribeiro, adaptado ao teatro por Luís de Oliveira Guimarães (Prelo); «A prima Eugénia», de Manuel Fragoso, também teatro (e também no prelo); «A foiz das palavras», de Cláudio Lima, «Um homem nu», de José Robalo, e «Canção sangrenta» (todos na Dilsar); «Fabricantes de infernos», de Agostinho Carmelo; e «Última lição», de Júlio Vaz.

Do prof. Vitorino Magalhães Godinho saiu nos Livros Horizonte a 3.ª edição (ampliada) de «O Socialismo e o futuro da Península», enquanto o prof. Orlando Ribeiro nos deu «Variações sobre temas de Ciência» (Sá da Costa). No capítulo tão pobre da literatura infantil um volume importante: «Giroflé-giroflá», de Alice Gomes (Ed. Afrodite).

Registamos igualmente o «Testamento poético» de Gualter Póvoas (depositário: Livraria Portugal); «O mundo é das mulheres», novela de Antero Muralha com um elogio ao M. N. F., porque «o trabalho dessas Senhoras foi altruísta e fidalgo na sua abnegação»; e dois livros versificados de Maria Manuela Vieira, «Frutos silvestres» e «Agonia de um gigante» (Livraria Fernando Machado).

Urbano e a solidão

Tal como anunciámos, a Bertrand vai publicar mais uma obra de Urbano Tavares Rodrigues, a 16.ª no seu catálogo: «Contos da Solidão». Porquê solidão? O autor explica: são contos «escritos num período de crise profunda (...). Daí o título, que se refere menos à temática das novelas (que visam à descoberta do eu e à análise das relações humanas numa sociedade híbrida — de antigo regime e de consumo) do que ao estado de espírito em que foram escritos, como terapêutica para a solidão». Uma experiência importante, um livro provàvelmente a anotar como marco diferente na ficção de Urbano. Lançamento previsto para Abril.

Os prelos

A Europa-América lançará brevemente «Os outros legítimos superiores», segundo romance de Maria Isabel Barreno, e «Na tua morte», terceiro volume do ciclo (iniciado com «Três semanas em Maio») de João Palma-Ferreira, além de «O romance do nosso meio século» (este em 6 vols.). Dos lados da Bertrand vem uma outra novidade que de tão falada já o não é: a versão portuguesa de «Papillon», de Henri Charrière. A Dom Quixote tem o seu programa de Abril definitivamente preenchido com «O fósforo na palha», de Egito Gonçalves (Cadernos de Poesia), «Maomé e Carlos Magno», de Henri Pirenne (idem), mais um Caderno Dom Quixote (o n.º 24), a reedição de «Gaivotas em terra», de David Mourão-Ferreira, e sobretudo a nova versão dos «Pequenos burgueses» de Carlos Oliveira. Para Maio sabe-se da 3.ª edição do «Suão» de Antunes da Silva, talvez de par com uma antologia poética de Andrei Voznessenski e um caderno sobre a Itália.

O Anfitrião d

por Carlos Porto

F

FESTIVAIS — Se os Festivais não estivessem tão desacreditados solicitaríamos a quem de direito que mandasse este espectáculo aos ditos. Para que se saiba que nós também somos capazes, etc.

FUZILADO — Eu. Ver letras B e P.

G

GUARDA-ROUPA — O mais simples e barato (camisolas e flanelas, p. e.) Cores neutras, como em quase todo o espectáculo. Preocupações: economia e eficácia. Totais.

GULBENKIAN, FUNDAÇÃO — Não subsidiou (não foi preciso).

GUTKIN, - ADOLFO — Grande encenador argentino actualmente em Portugal fazendo um curso (grotowskiano) para actores, um outro para encenadores, e orientando o grupo cénico de Direito.

H

HOJE — O Anfitrião é teatro de hoje.

I

IMAGINAÇÃO — O que falta ao nosso teatro profissional.

IMITAÇÃO — Com os cumprimentos da praxe para o Lauro António (ver PLANO 6).

IMPRENSA, PRÉMIOS DA — Prémios especiais para o Grupo Cénico de Direito com «Volpone» e «Grupo da Faculdade de Letras» com «Anfitrião». «Pela sua extraordinária qualidade e pelo exemplo de trabalho de equipa que ambos reflectem».

INQUISIÇÃO — Em 1726, quando estudava Direito em Coimbra, o Judeu é preso pela primeira vez. As torturas impedem-no de assinar os autos durante várias semanas. «Reconcilia-se» num auto-de-fé (o que volta a acontecer à mãe após mais três anos de prisão e tortura). Denunciado como judaizante por uma escrava é executado num auto-de-fé. «O não ser cabal praticante do rito hebraico valeu-lhe a «graça» de ser garrotado antes de acesa a fogueira.» Contam O. Lopes e Saraiva.

INTERPRETAÇÃO — Por algum desequilíbrio que patenteia, o ponto menos forte do espectáculo. Para esse desequilíbrio contribui fortemente (além da qualidade de algumas interpretações!) a necessidade de conseguir actores fisicamente semelhantes: Mercúrio como réplica de Saramago; Júpiter como réplica de Anfitrião. O trabalho de direcção de actores foi, possìvelmente, prejudicado pela multiplicidade de tarefas que couberam a L. M. Cintra.

INVENÇÃO — Como já foi dito, os elementos cénicos utilizados são duma qualidade imaginativa perfeitamente admirável. A definição do espaço através da simples deslocação de um banco; a utilização cómica da música. Exemplo dessa qualidade de invenção: cena do cão.

J

JÚDICE, JOSÉ MANUEL — Actor (Mercúrio) — Por se tratar de personagem de peso no todo, contribui poderosamente para o já referido desequilíbrio da interpretação. Merecia, creio, uma direcção mais firme.

L

LETRAS, GRUPO DE TEATRO DA FACULDADE DE — Constituído em 1964/65. Orientação até 66 de Claude Henri Frèches. Faz Correia Garção. Gil Vicente. André Dias (este com orientação do prof. Luís Lindley Cintra). Em 66/67, criação do grupo de poesia dirigido por Gastão Cruz. «Auto dos Físicos», de Gil Vicente, encenado por Heitor Gomes Teixeira. 67 a 69. Recitais de poesia. «O avejão», de Raul Brandão, «As troianas», de Eurípedes, encenados por Carmen Gonzalez. «Anfitrião», do Judeu, encenação de Luís Miguel Cintra.

LUZ — Crua, branca. Destruidora de sombras e mistérios. Verdadeira.

M

MAQUILHAGEM — A necessária de acordo com a encenação, ou seja, coerentemente exagerada. Patrícia Centeno.

MÁQUINAS — Eugénia Pinheiro, Helena Tavares Ferreira, João Galacho.

MARCAÇÃO — Elemento fundamental nesta encenação. Sempre certa, excepto em dois momentos: num deles a cena aparece-nos desequilibrada: no outro, dois actores cortam a cena que decorre na parte inferior do palco. Só se nota, pelo acerto do resto. Ou seja, a gesticulação o ritmo, a coerência.

MELO, JORGE DA SILVA — Júpiter. Um actor (íssimo). Um rosto de anjo malicioso num corpo de Ubu. Um deus com os ridículos dos homens; um homem tão ridículo como um deus. Vejam-no enfastiado (chateado) ou amorudo. De morrer. Por detrás: uma grande inteligência, claro. Nesta reposição, ainda mais certo, mais autênticamente criador.

MIRANDA, ANTÓNIO JOSÉ — Actor (Anfitrião). Ainda sem o domínio do estar em palco mas suficientemente integrado na ironia da personagem e do contexto.

MÚSICA — Elementar mas eficiente sobretudo como participação de humor.

N

NÃO — Teatro do Não? Sim, é claro. Como NÃO podia deixar de ser.

O

OPINIÃO — 1 — Tem bastante piada.

2 — ...

1 — Bem, mas apesar de ter gostado, até são rapazes habilidosos.

2 — ...

1 — Cá, por mim, vou mais pelo «Volpone».

Dois actores à altura do texto: Luís Miguel Cintra e Eduarda Dionísio

le A a Z

(conclusão)

2 — Tem uma qualidade estética que este não atinge. E, depois, a direcção de actores. Olalá...

1 — E que tem «isso» a ver com as calças? Vai apanhar mexilhões.

Eu — pela descoberta e recuperação do texto; pelo tom (fora de todos os misticismos); pela qualidade de algumas interpretações; pelos achados cénicos; pela exigência de economia (conseguida); porque tudo é português — sou pelo «Anfitrião». Se for necessário.

ORQUESTRA — Três elementos: um bombo e não sei que mais. Certinhos. Eugénia Pinheiro, Fátima Ferreira Leonor Gouveia.

P

PATEADA — «Um espectáculo que consideramos importante na história do Grupo. Porque podemos dizer isto. Também porque é uma visita do público aos bastidores que não são roupa suja mas pano cru. Lamento: mas não posso deixar de dar razão após revisitar este espectáculo.

Por isso, digo: «Viva Cintra. Abaixo o não-Cintra».

POPULAR — Não sei se este espectáculo é teatro popular. Sei que gostaria que o nosso Povo o visse.

PROGRAMA — Baratinho, coplografado. Textos de Cintra e J. S. Melo. Elementos necessários. Bibliografia. Funcional. 5$00 (pelo menos).

PROFISSIONAL, TEATRO — Num país como o nosso não se pode esperar que o teatro profissional possa cumprir o papel e os objectivos do teatro universitário. Nem os do teatro (hèlas!).

PÚBLICO — Jovem e bastante (casas cheias). Adesão entusiástica durante o espectáculo. No final, relativamente pouco entusiasmo, talvez pelo facto da 2.ª parte se prolongar um pouco, tendo o texto alguns momentos mortos. Eu não morri.

Q

QUÊ — Quai quê qual nada!

R

RAPOSO, EDUARDO PAIVA — Actor (Polidaz). Certo. Dentro do espectáculo.

RECEITAS —

REVELAÇÃO — Uma das grandes revelações da minha vida de espectador.

REVISTA — Tomo a liberdade de sugerir aos (consagrados e intocáveis) autores de revistas «à portuguesa» que leiam o Judeu. Se já leram, que o leiam de outra maneira. E viram o espectáculo?

S

SILVA, ANTÓNIO JOSÉ DA — O Judeu. — Nasceu no Rio de Janeiro em 1705. Vem para Lisboa com 8 anos. Já sabemos o que lhe aconteceu. Mesmo assim (ou por isso) foi um grande do nosso pequeno teatro. Teatro de bonifrates. Teatro do povo. «Gil Vicente ainda se lobriga no fundo dos complicados enredos e da prosa do Judeu». O. Lopes/Saraiva: «Incapaz da rígida perfeição de Molière, ei-lo com peças que existem pelo excessivo, pelo fortuito, pela febril alegria com que ele, com certeza, as escrevia». J. S. Melo.

SOROMENHO, MARGARIDA — Assistente de encenação.

SUBSÍDIOS — O «Anfitrião» dispensou-os.

T

TALCO, PÓ DE — Importante elemento deste espectáculo.

TEATRO — O «Anfitrião» pelo Grupo da Faculdade de Letras.

TEATRO PORTUGUÊS — O «Anfitrião» pelo Grupo da Faculdade de Letras.

(BOM) TEATRO (PORTUGUÊS) — O «Anfitrião» pelo Grupo da Faculdade de Letras.

TEATRO, FUNDO DE — Não houve.

TEODÓSIO, ANA MARIA — actriz (Juno). Integrada no conjunto, onde agora entrou. Uma certa inexperiência (visível) não a atrapalhou.

TEXTO — Na íntegra, como quis o encenador. Discutível mas coerente. Texto e subtexto — vivos.

U

UNIDADE — Colectivo. Coerência. Uma maneira de falar deste espectáculo.

UNIVERSITÁRIO, TEATRO — Num País como o nosso, o teatro universitário não poderá deixar de cumprir uma missão de «avant-garde», não poderá deixar de fazer aquilo que o profissional não faz (por não poder, por não saber, por se estar nas tintas).

V

VENTURA, JOSÉ — Actor (Tirésias). Mais fraco conseguimento da personagem.

X

X — O X do problema a meu ver é o talento. O que é que vocês pensam?

XENÓFOBO — Não sou.

Z

ZERO — O início. O teatro em Portugal (já) não precisa de começar do 0, pode começar deste espectáculo. O início. Se gostou — pode voltar à letra A. Se não gostou — boa noite.

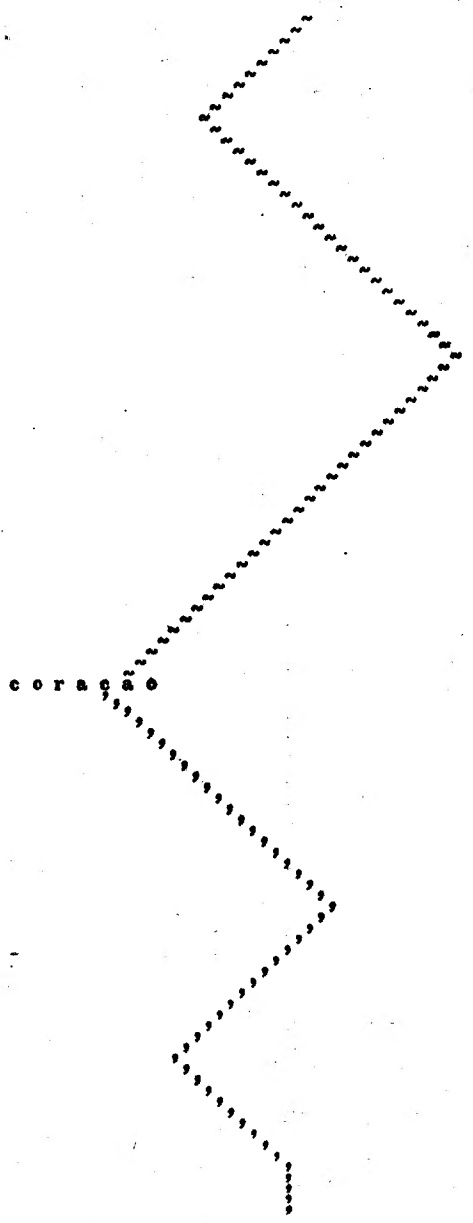
ZERO — Um bom sítio (dirão) para colocar o nome do autor. Ali fica.

Jorge S. Melo: um actor (issimo)

(Bom) Teatro Português: O «Anfitrião»

Coração

por Alexandre O'Neill



ULTIMOS LANÇAMENTOS PREIO

colecção
· «O HOMEM NO MUNDO» n.º 7 e 8

AS HISTÓRIAS DRAMÁTICAS DA EMIGRAÇÃO
por Waldemar Monteiro
Prefácio de Maria Lamas
45$00

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO POVO PORTUGUÊS, II
por Flausino Torres
45$00

PREIO EDITORA

NOVIDADES LITERÁRIAS

José Régio
A CHAGA DO LADO
Obras Completas de José Régio (3.ª ed.) — 40$00

José Gomes Ferreira
IMITAÇÃO DOS DIAS
Obras de José Gomes Ferreira (2.ª ed.) — 45$00

Oscar Wilde
O RETRATO DE DORIAN GRAY
Os Romances Universais (5.ª ed.) — 60$00

Pierre Teilhard de Chardin
ESCRITOS DO TEMPO DA GUERRA
Colecção Documentos Humanos — 70$00

Berthe Bernage
BRIGITTE MAMA
(Reedição) — 35$00

BRIGITTE NO CAMPO
(Reedição) — 30$00

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS
CONTOS DE ANDERSEN
(3.ª ed.) — 65$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

A propósito de António Pedro

(Continuação da pág. 1)

exposição de Belém, foi, para esta, uma antiexposição; e para a pintura nacional, uma libertação...

António Pedro tinha com a «segunda geração» apenas a coincidência da idade; no espírito, mais pertencia à «primeira», dos criadores de modernidade, como Almada e Amadeo — ou à «terceira», de criadores também, que ainda animou com a sua presença.

MAS, no quadro cronológico da pintura portuguesa, ao nível da geração junto da qual apareceu e com a qual expôs, de meados dos anos 30 a princípios dos anos 40, António Pedro

António Pedro: obra histórica, já

representou um papel de extrema importância. A sua viagem aventurosa para o imaginário não só contrabalançou as viagens costeiras do naturalismo estilizado da época como provou que era possível ultrapassar o plano caseiro deste, mesmo num país rebarbativo á cultura moderna, como Portugal.

E mais ainda, e sobretudo, se analisarmos a sua acção no correr do tempo, na evolução da pintura portuguesa modernizante. Desse ponto de vista, António Pedro surge-nos como o elo de ligação entre os projectos estéticos de duas gerações — e como a garantia (moral também) da permanência dos valores criativos da «primeira» que ele só poderá transmitir à «terceira», através duma definição surrealista.

A obra de António Pedro é diminuta — e ainda mais porque grande parte dela se perdeu no incêndio do seu atelier, ao Chiado, em 1945. Outra parte ficou pelo Brasil, onde expôs em 1940, com grande êxito, tendo sido apresentado por Ungaretti que sobre ele escreveu então um notável ensaio. O resto está espalhado por casa de amigos — já que não consta (homem rico que era, e vivendo num sítio onde então quase não se vendiam quadros — muito menos do género dos dele...) ter tido um só comprador.

Um quadro aqui, dois ou três acolá (na sua própria casa ficaram apenas três pinturas — uma das quais, soma propositada da sua obra, «*Rapto na Paisagem Povoada*» dos monstros e dos apetites que nela pariu, não pôde vir, dadas as dimensões, de Moledo do Minho) — foi preciso paciência para as reunir. É, de resto, a segunda exposição retrospectiva que se faz desta obra, a primeira em 1952, na «Galeria de Março» então existente. Mas bem fez a «Galeria Buchholz» em renovar a diligência, dezoito anos depois.

Dezoito anos é muito tempo e a memória das pessoas é curta. Muitos dos visitantes de agora não existiam em 1952 — e a própria arte de António Pedro é agora melhor entendível do que no princípio dos anos 50, quando se definia, incipiente ainda, o movimento abstracto. Ao cabo dos anos 60, que viram definir-se uma nova figuração e, sobretudo, um novo teor imagético, a proposta de António Pedro oferece outras possibilidades de leitura — actualíssima».

NÃO foi por acaso que há dois anos abri a exposição de «Imagem Não Imagem», que organizei na «Galeria Quadrante», com um quadro de Pedro: «Sabat, Dança de Roda», de 1936. O pintor está na raiz surrealizante e romântica duma imagística de hoje, «pop» como muitos fazem ou supõem fazer, ou neo-romântica como faz Noronha da Costa.

...Acrescente-se ainda que expor *António Pedro* depois de ter exposto *António Dacosta* em 1969, é uma notável e coerente acção cultural.

JOSÉ ANGUSTO-FRANÇA

Delfim e Serafim

(Cont. da pág. 1)

ria ter havido sugestão, através de uma subjacente cadeia mnésica de associações de ideias e de imagens?

Em outros artigos já publicados sobre este mesmo romance de C. P., afirmei que o simbolismo de *delfim* é polivalente: na sua provável acepção de *príncipe*, *delfim* representa o lado heróico e luminoso do autor-narrador; na sua acepção de *peixe* (aliás, de mamífero aquático pisciforme), o seu lado inferior e obscuro, em relação com os domínios do mal e da morte. Ora, *serafim*, além da semelhança fónica, encerra uma correspondência simbólica-mítica com *delfim:* vem a ser um anjo da mais elevada heirarquia celeste. Quando se pressupõem influências de autores sobre autores, não nos podemos limitar ao apontamento das similitudes superficiais da técnica, do estilo, da ambiência e da temática: haverá que aprofundar a investigação até à detecção dos mais ínfimos e subtis detonadores, aqueles que desencadeiam muitas vezes a explosão de todas as cargas que se encontram em estado de tensão no Inconsciente dos autores.

Do mesmo modo que Aquilino, ao compor a sua belíssima crónica-romanceada diz ter encontrado «um cartapácio em vários cadernos», um dos quais se intitula: «Livro que há-de servir ao assento das coisas notáveis que sucederam na Casa Grande de Romarigães...», igualmente em «O Delfim» o autor se serve do velho ardil técnico do «documento» ou «manuscrito» prenunciador, colocando ao alcance da mão do narrador certa «Monografia do termo da Gafeira, escrita pelo Abade Agostinho Saraiva, MDCCCI».

Aconteceu, no entanto, que o «lado crítico» do narrador de «O Delfim», que julga a prosa de Dom Abade (e também a de Aquilino?) como «um inventário de ruínas de coisas passadas», não se quis ficar sómente pela crónica de mais uma vergôntea das linhagens aparentadas dos Palmas Bravos e dos Cunhas de Antas pois reconhece que o Dom Abade, (Aquilino?) afinal, «nunca passou daquela parte que diz respeito aos ditos fidalgos de bom coração», que as suas personagens são «vaguíssimas», e que o dito Abade (Aquilino?) «sabia molhar a pena sem carregar muito nas tintas», e foi sempre «suficentemente cauteloso para não se chegar muito à lagoa. Ai, não, que não foi: até porque a lagoa queima, não é assim?» E pasma «com o gosto oficial» admirando «as minúcias que há nos sábios de livraria que se debruçam sobre o passado morto para fugirem às inquietações do presente».

Fico com a nítida impressão de que houve, da parte de C. P., uma assimilação da ambiência histórico-erudita criada por Aquilino («zelador de de antiquitates lusitanae»?), e ainda de que, tal como o seu Engenheiro, também ele, Cardoso Pires, e segundo ele próprio diz, acabou por pôr o pé no acelerador, «aproveitando», sem o saber, as regras dos grandes defuntos».

NATALIA NUNES

(1) Mário Dionísio, no jornal «A Capital».
(2) «O Delfim».
(3) «A Casa Grande de Romarigães».
(4) Idem.
(5) «O Delfim».
(6) «A Casa Grande de Romarigães».
(7) Idem.
(8) Idem.
(9) Idem.
(10) Idem.

Exposições

(Cont. da pág. 3)

mensão absurda. Aqui o homem se medita, para se conhecer.

HELENA ALMEIDA
Galeria Quadrante

Com uma exposição de desenhos explicados na sua sequência cronológica, Helena Almeida estabelece com indesmentível clareza e simplicidade o processo evolutivo da sua pintura. Através de um esquema caligráfico que se inicia tímida e liricamente no plano, a autora desenvolve toda uma escrita de sinais elementares que propõem à partida a essencial consciência da linha e do gesto. Trata-se de uma escrita lenta, subtilmente hesitante e muito limpa, que se suspende fora de qualquer adjectivação demasiada. Votada a uma investigação serial, assistimos ao seu desenvolvimento sobre o plano, evoluindo em diferentes direcções e encontrando as primeiras consequências na simulação de certas aparências. Com efeito, Helena Almeida começa por interromper o trajecto de uma linha por intermédio de duas outras linhas paralelas, o que imediatamente nos dá a ilusão de que o papel foi cortado em dois pontos e por esse corredor foi passado um «fio» segundo uma direcção deliberada. Este processo desenvolve-se e conjuga-se a diferentes níveis e, a breve trecho, põe em causa todo o mecanismo da percepção, objectivando-se numa última fase em que todo o traçado gráfico (ou apenas parte dele) se coisifica e se desprende do plano. Tècnicamente, esta coisificação é resolvida por um processo elementar, assaz eficaz, com fios autênticos de rigidez confirmada. Assim as linhas ganham realmente o espaço tridimensional para se recolherem ao plano, ou saiem deste para ficarem suspensas a uma certa distância. O efeito é naturalmente surpreendente e mostra-nos como a representação se confunde com a sua motivação no real, podendo funcionar nos dois sentidos. A escolha dos traçados, na sua exigente simplicidade, é notòriamente feliz e exemplarmente didáctica, sem nunca perder o tom de um lirismo de base, já reconhecível na primeira fase dos desenhos expostos.

ROCHA DE SOUSA

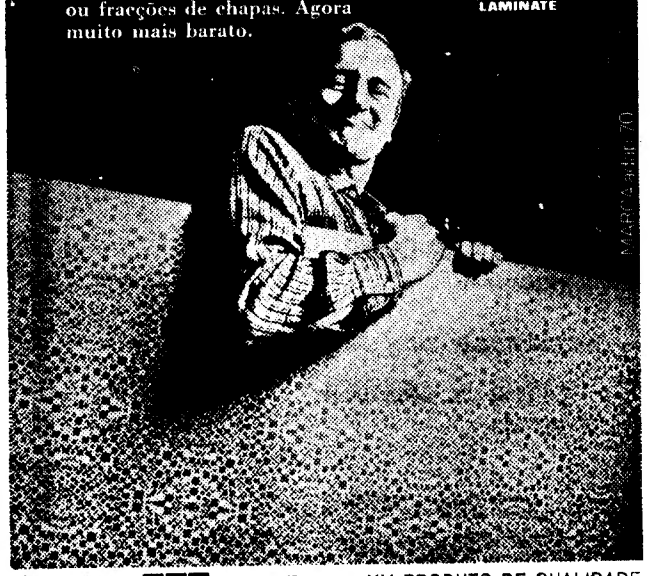
WARERITE
preto e branco também é cor

Há pessoas que se esquecem das duas cores mais importantes. Olhe para os nossos laminados decorativos a preto e branco. É para todos os tons de cinzento.

Há muitos padrões por onde escolher, mas quer a preto e branco, quer a cores, todos os laminados WARERITE são decorativos e têm a mesma superfície extra-dura, polida e fácil de limpar.

O termolaminado que em Portugal possui stocks sempre bem fornecidos e é adquirível em chapas inteiras ou fracções de chapas. Agora muito mais barato.

WARERITE W DECORATIVE LAMINATE



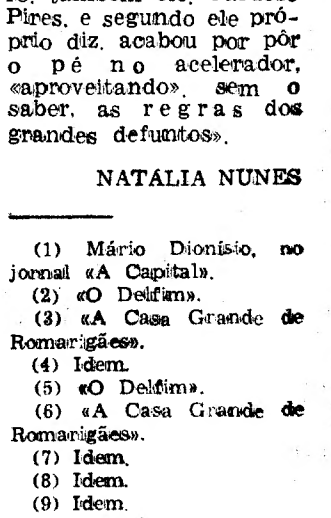
UM PRODUTO BNL LONDRES UM PRODUTO DE QUALIDADE

Representantes exclusivos: SANTOS MENDONÇA, LDA.
Lisboa - Vendas e Oficinas: R. da Beneficência (ao Rego), 130-A - Telf. 766829
Porto - Vendas e Escritórios: Rua Sá da Bandeira, 605-2.º - Telf. 24008

VENÇA NA VIDA
POR SI PRÓPRIO

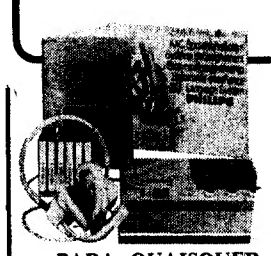
DESPENDENDO APENAS MENSALMENTE 163$30

SEM FIADOR
ENTRADA INICIAL



A Philips, sempre na vanguarda do Progresso, proporciona-lhe a aprendizagem de uma nova língua, em novos moldes.
Em sua casa, nas horas vagas, pode aprender ou aperfeiçoar, com um mínimo de esforço, a língua que deseje pelo moderno

MÉTODO AUDIO ACTIVO COMPARATIVO
DOS CURSOS DE LÍNGUAS
PHILIPS E VISAPHONE



■ Cursos individuais com características de laboratório de línguas — o aluno conversa com o professor e corrige a pronúncia.
■ Seis línguas à sua escolha — Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.
■ Gravador LCH 1000 que, além de servir para o curso, pode ser utilizado como qualquer outro.

PHILIPS

PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS, DIRIJA-SE A UMA DAS DUAS LOJAS

VAPEDRONE

54 — Rua da Vitória — 56 Tel. — 35613
17 — R. dos Fanqueiros — 19 Tel. — 35614
e brevemente
Av. Almirante Reis — 82 - A
LISBOA

A poesia de Helder Macedo

(Cont. da pág. 8).

berei o que fazer/ o amor que me podes dar/ tem o tamanho só do gesto/ de te dares,/ vazio ritual/ aonde ocultas/ o segredo de ti que desconheces» (75).

Aliás, o próprio poeta proclama o fracasso total das relações face a face nos versos finais do volume: «Nem ódio nem amor/ nem esperança nem remorso/ é o que sobra depois/ de me haver encontrado face a face» (104). O amor não pode ser solução, pelo menos enquanto for vivido *em seriedade*, como relação em que tentamos aproximarmo-nos do sagrado. Como veremos, o único amor possível é *aquele que se basear na des-sacralização*.

ADUALISMO: MÃE E FILHO

Estamos perto do essencial. Demasiado perto para dele podermos falar sem uma certa hesitação. Mas tentemos.

Se em Helder Macedo domina o dualismo asfixiante, como várias vezes o dissemos já, falta explicar *a origem dessa asfixia*, o «porquê» desse «asfixiante». Será então preferível dizer que se não trata dum dualismo, ou que o dualismo é apenas aparente, mas que se trata dum *adualismo* (expressão usada pelos psicólogos para definir a relação primeira entre a mãe e o filho). Se o dualismo, o face a face, o amor, não têm qualquer possibilidade de se realizarem em plenitude, é porque pesa sobre eles peso que asfixia, a presença do Outro na figura da Mãe irrecuperável — fantasma da *totalidade perdida*. Podemos recolher os vários indícios desta situação. Leiam-se para isso os versos reunidos na secção «Nunca mais rosas».

Temos desde logo a expressão da *irreversibilidade*. nascer é o «nunca mais» porque «um parto é sem regresso» (68) ou «já me aventurei onde não sobram garantias de regresso» (83). Assim: «Nunca mais rosas mancharão teu ventre/ que eu desvendei para poder partir./ *Ganhei a vida quando te perdi*» *(31)*.

Mas continuemos: «Teu corpo abriste-me e ele abre-me o destino» (32). Ou então: «Sentido à minha vida me desnudas/ tão sem esperança me devolves meiga/ o espanto absorto de também amares» (32). E na página 36: «E sei agora, que me desconheço,/ que só inteiro poderei voltar/ ao fértil todo amorfo donde vim» (36).

Mas se este «livro» nos dá indicações claras, ele ilumina retrospectivamente algumas expressões do anterior, quando neste se falava de «um ventre largo onde *abrigar* meu sono» (21) e de uma «*manta carnal*» (27).

Sabemos agora que a Mãe é o fantasma da Totalidade, o *abrigo* que aparecia em versos anteriormente citados, o Outro inacessível que torna intransitiva a relação dual. O amor está comprometido: «na manta carnal onde me *escudo*/ aceio as dobras *dum só frustre cio*» (27). A Totalidade obcecante revela-se a cada momento irrecuperável: o parto é o rasgar de intransponíveis limites. Mas o fantasma da Totalidade permanece. Se o amor não resulta é porque ele é apenas *a justaposição de dois seres limitados:* «Na vida que tu és/ começa a minha morte,/ tua vida é um limite/ do meu corpo» (75). E ainda: «sangue de pedra sequestrado dentro/ *dos ventres que se colam e revelam/ a solidão inteira que os divide*» (34).

Nascer é entrar no reino da divisão, da separação, do limite, tanto para o filho como para a mãe, que nos diz: «Meu ventre bifurcado lembra ainda/ a forma inacabada do teu crâneo». De tudo apenas fica a memória duma unidade perdida. A vida é um corte terrível: e o poeta põe a hipótese que o seu desejo exige: «nascer de novo/ se possível/ inteiro» (53-54). O traumatismo do nascimento (a expressão é de Otto Rank) transforma a existência numa *longa* castração

ONDE SE FALA DAQUILO DE QUE SE NÃO FALA: CASTRAÇÃO CONCEITO (DO) IMPOSSÍVEL

Não forcei a palavra a entrar em cena. Na página 56, o poeta fala da «lenta castração». Mas logo no primeiro poema de *Nunca mais rosas* a indicação estava feita: «Ganhei a vida quando te perdi./ Colhemos juntos a cair da noite/ escorriam dedos pelo teu cabelo./ Nunca mais rosas meu amor perdido/ *Alfange branco decepando o abismo*» (31).

Daí a importância do poema *Os trabalhos de Maria e o lamento de José*. Nele se condensa o que temos dito do essencial, mas aqui quase sempre *do ponto de vista da mãe*. Leiam-se, por exemplo, estes versos: «recusaste encontrar-te/ face a face/ com o segredo de ti/ ou cegaste/ quando o viste/ e guardaste só nos olhos/ a visão/ que projectaste no vazio /.../ e morreste antes de seres/ e não deste o teu nome/ à tua vida» (66-67). Está aqui tudo: o horror da castração (o abismo, o impensável), a relação visual e a denegação («O processus é este: a criança recusa-se a tomar conhecimento da realidade da sua percepção», Freud, *La vie sexuelle*, PUF, 1969, p. 134), a génese do fantasma («guardaste só nos olhos/ a visão/ que projectaste na vazio»), a recusa da situação edipiana pela negação do Pai portador da Lei e do Nome («E não deste o teu nome/ à tua vida»). E depois de vermos como a *identificação* tem a sua raiz na castração, a ausência a preencher por uma imagem hipervalorizada podemos ler estes versos: «E agora/ por mim própria violada/ *me castrei*./ O amor que existe começa e acaba em mim./ Como negar-me/ se eu fui *quem me devora*?» (68) Por conseguinte a identificação à mãe conduz à castração: circularidade em que se encurva toda a dualidade possível («o amor que existe começa e acaba em mim»). Círculo que se define como um todo absorvente tendendo para a apropriação do outro, para *a devoração* (predominância da oralidade na relação com a mãe).

Assim na página 23: «Pois bem sei, meu amor, amante amor./ que ao nos amarmos nós queremos ser/ de nós *o que em vão ser nos destruísse*» E ainda: «Amor,/ *desgosto só de me não seres*/ que eu guardo e quero e peço/ neste vão abraçar-te solitário/ pra sem mim ir *sugando* a tua carne/ pra sem ti ir fingindo a minha vida» (23). Está lá o verbo, o leitor que o leia: «*sugando* a tua carne».

A CESURA NA POESIA DE HELDER MACEDO (HIPÓTESE NÃO-FORMALISTA)

Dissemos que o livro tinha uma direcção, um movimento próprio. Que havia um tom próprio dos primeiros versos, e que esse tom se alterava em dado momento. Assim acontece com a secção *O Sete*. Aqui a poesia de Macedo perdeu a sua solenidade inicial. Não foi o abandono do formalismo, mas sim da gravidade que rodeava os «livros» mais antigos. Agora, o verso é livre, desfia-se descontroladamente, e tem mesmo súbitos acessos de delírio, que são apenas sintomas de *uma incontida necessidade de profanação* (o crítico idealista pensa ingènuamente que são momentos de mau-gosto no «combate ao formalismo»). Porque a dessacralização é indispensável. *O poeta sabe agora que não há abrigo, sabe agora que a Totalidade é impossível* e que a sua existência só se realizará *no momento em que se libertar do peso do sagrado que dominava pela asfixia os seus versos e os seus gestos.*

Veja-se na página 97: «e levou-me algum tempo a descobrir/ a minha solidão/ mas descobri com ela a liberdade/ e o amor/ e percebi então que tinha usado amor/ para não amar/ e que tinha querido aprisionar/ que só mutável/ pode ser/ querendo companhia no que para ser é solitário/ *e a quem me queria amar/ eu queria surdamente devorar* /.../ porque não sabia a inocência/ sem pudor/ de dois estranhos desnudados face a face/ cada um forçando o outro a revelar-se/ o seu próprio mistério intransmissível» (97-98).

É este o rosto da *profanação*: «nem mais amor existe/ do que este/ de nos aventurarmos *sem abrigo*/ companheiros solitários». A pessoa amada é agora uma desconhecida que se cruza episòdicamente connosco. O único amor é o desta desolada exploração. A relação erótica comercializa-se, banaliza-se, profana-se, liberta-se da tela que a asfixiava, mas para dar lugar à solidão. A solidão reconhece o corte, a separação, a ferida irreparável. Reconhecimento feito de amargura: nada o justifica. A liberdade obtida aparece apenas como «um sarcasmo, um passatempo e um culto» (28). A liberdade serve apenas para o poeta cuidadosamente se destruir: quebrar a sua falsa identidade («vivo onde não sei quem estou a ser» (74), esse nome absurdo que o designa, e lançar-se pelo canto na *impessoal identidade* duma ausência que o canto dissimula: interminável morte do sujeito e da palavra numa palavra ou canto em que a morte se suspende. Ser o todo (sabe agora o poeta) é ser o vazio de si: «porque ausente/ terei sido/ inteiro» (74). O poema é o percurso de um vazio, a castração negada e assumida, oculta-revelada no equilíbrio duma voz. O canto no seu «impossível excesso», é como o nome que nos dizem nosso. «o nome com que amamos e nos amam / sùbitamente tem letras a mais/ e fica só em volta do centro que não somos» (51). O que a letra do poema e a inscrição do nome desesperadamente dissimulam e apontam é o vazio, a morte a castração, para os quais não há palavras que não sejam escassas (escassez possível, impossível excesso): «pois como dar um nome/ ao que é a negação de todo o nome/ do nosso nome/ que havemos de perder/ ao perdermos o que somos/ como somos/ e só podemos ser» (84).

O que procurámos demonstrar foi que o movimento que define o livro de Helder Macedo não é apenas uma passagem do «formalismo» ao «humano», como o supõe *a crítica idealista e formalista*. Trata-se, sim, de um livro que tem num primeiro momento, *um modelo centrípeto*, procurando encontrar no equilíbrio, na harmonia da forma, na concentração dos processos, no apuro final, a imagem da totalidade que o domina e que o engravida, o torna grave. E, num segundo momento, liberto das exigências devoradoras, da presença asfixiante do Outro irrecuperável e do fantasma do corpo total aceita os limites, a separação, o vazio, a distância, e é uma poesia que escolhe *um modelo centrífugo*, numa transgressão deliberada numa fúria incontrolada porque a aceitação é ainda fuga, horror, desespero, revolta, crueldade, profanação. Mas no livro esboça-se na sua última parte, um movimento de síntese um gesto pacificador aceitação da vida com tudo o que ela contém de morte («mas quem ama a vida como eu ao a vida/ acabará por entender que ela é a morte/ na sua única forma conhecível» (84), afirmação dum canto erguido sem razão nem regra, reconhecimento dum corpo liberto dos princípios teológicos da unidade («porque é mais fácil conceber um deus/ do que explicar o teu corpo (90). Entramos agora numa poesia de sobrevivência, onde o poeta sobrevive à sua própria morte e se situa para além do vazio e do limite. «Conheço-me as fronteiras/ Quero o resto.» (103), na medida em que já nos não basta apenas dar um nome à morte que nos cabe enquanto vivos, porque «morrer é ter perdido a morte para sempre» (103).

EDUARDO PRADO COELHO

TELEVISORES

APROVEITE A CAMPANHA DE TROCAS

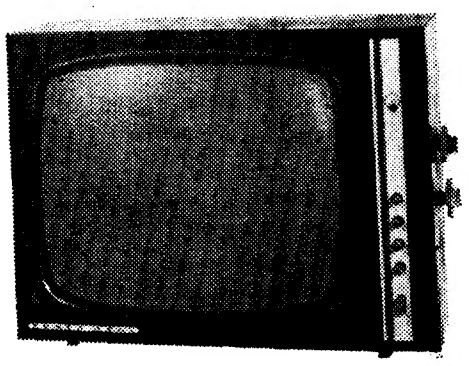
O SEU TELEVISOR USADO VALE DE

1.500$00 A 5.000$00 (MESMO AVARIADO)

SE O TROCAR NA JOVICA TEM 2 ANOS DE GARANTIA

OFERTA DA ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS DESDE 99$00 MENSAIS —

SEM | ENTRADA
FIADOR



JOVICA

Sede: Av. 5 de Outubro, 53-C.—LISBOA—Tels. 47769-535010
Filiais: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

A POESIA DE HELDER MACEDO

Helder Macedo: um dualismo asfixiante

por Eduardo Prado Coelho

A PUBLICAÇÃO recente de *Poesia* de Helder Macedo, reunindo produção em grande parte inédita, e escrita entre 1957 e 1968, constitui acontecimento assinalável para a literatura portuguesa. Uma análise desta obra poética, escassa mas significativa impõe-se plenamente. Tanto mais que o movimento que a define torna possíveis leituras várias que constituem valiosos testemunhos sobre as ideologias da crítica actual.

Para a crítica idealista, o sentido é simples; poeta inicialmente preocupado com um certo formalismo sábio e perfeito e com requintados problemas estéticos, Helder Macedo soube evitar a armadilha em que se enleou a poesia contemporânea, e, rompendo com esse passado esteticista, aproximou-se do real, da vida e do humano, descobrindo qualquer coisa transbordando das palavras, através duma libertação que nos aparece como *um quebrar de fronteiras*. Assim, o poeta, reconhecendo as suas fronteiras, quis o resto: o humano que o apuramento formal lhe ocultava.

A interpretação de Jorge de Sena, no texto inteligente e brilhante, mas visìvelmente apressado, com que prefacia o livro, não é propriamente esta mas torna-a possível. A análise de Sena visa provar que um poema de 57 possui todo um equilíbrio e uma intencionalidade formais que irão desaparecer nos poemas mais recentes, onde se torna predominante, não a «elegante beleza», mas a verdade de uma profunda e real complexidade.

Tudo muito bem, todos de acordo, nada a opor. Apenas um pormenor a merecer referência. É que esta leitura — que tão fàcilmente permite uma ofensiva «antiformalista», com todo aquele alegre cortejo de disparates que lhe é habitual — constitui, em última instância, *uma leitura formalista*. Creio que ela é sintoma de qualquer coisa que só noutra ocasião se poderá pôr à prova: a de que se queremos utilizar em crítica literária o rigor das análises estilísticas e o vigor das interpretações de sentido, e se não queremos cair numa justaposição arbitrária dum «cientismo formalista» descarnado e inócuo e dum subjectivismo igualmente «formalista» inócuo e descarado (justificando-se o subjectivismo pela ciência, e reciprocamente) — então torna-se necessário dar mais um passo, e procurar o ponto de encontro entre a letra e o corpo, entre a literalidade e o inconsciente, visando a *ordem simbólica* de que a psicanálise obliquamente (é a única maneira) se acerca.

Quer dizer, portanto, que ao movimento aparente do livro de Helder Macedo deverá corresponder um movimento profundo (não como relação causa-efeito, mas como articulação).

A IMPESSOAL IDENTIDADE: VAZIO, MORTE E PALAVRA

O primeiro «livro» do volume agora lançado é *Vesperal* com data de 57. Lemos no primeiro poema: «A própria *identidade* se suspende/ e tomba, informe,/ no impossível excesso do canto que a revela.» E ainda: «E *impessoal* sibile/ o frio surto que define e oculta/ sabida, a treva, a só real,/ já falsa.» (17).

Ora o último poema desta primeira parte diz-nos: «O meu destino pleno que me exuma/ atento forjarei (...)/ (...) pra que assuma,/ conscrito ao humano todo, dele escorço/ a *minha impessoal identidade*» (28).

Encontramos aqui já claramente indicados alguns dos elementos centrais desta poesia. Assim, existe um vazio inicial, uma treva primitiva, onde reina a inidentidade, a fusão. Sucede-lhe essa falsificação da identidade que é o nome. O canto, ao erguer-se («levanto a voz para invadir a treva»—17), suspende a identidade aparente, mas apenas revela o vazio absoluto da identidade real. É à impessoalidade que o canto conduz, horizonte terrível do frio e da morte. Mas a morte como ausência é a liberdade como invenção: «já não me basta apenas dar um nome/ à morte que me cabe enquanto vivo/ porque morrer é ter perdido a morte/ para sempre» (103). Impessoalidade, ausência, vazio, liberdade, invenção: a poesia é invenção de nomes, nomear o que na morte é a impossível palavra que a detém.

Simplesmente, temos de ir mais devagar: notemos que o canto abre diferenças, afirma a separação. Sabemos agora que há uma treva primeira e uma treva última, sabemos que há um antes e um depois. Sabemos também que o antes e o depois apenas circunscrevem um vazio, uma interminável ferida. Contudo, o canto assume o vazio que nele se revela. Ele é um excesso, mas excesso impossível, porque excesso em relação a um nada que é tudo. O que é integralmente afirmado pelo último poema do volume: «Não há luz antes das sombras/ nem vida antes da morte/ há um óvulo vazio/ fecundado/ pelo corpo que o meu canto construir». (E a propósito: não está aqui enunciado o título do último livro de Ramos Rosa?).

UM DUALISMO ASFIXIANTE

O que pretendemos dizer é que em Helder Macedo predomina um *dualismo asfixiante*. Podemos entrevê-lo em afirmações de equivalência entre a origem e o fim. Por exemplo, na página 49: «Sobre as manchas da noite caminhei/ *entre a foz e a fonte sem destino*». Ou na página 39: «Lúcida noite sem o falso abrigo/ *da morte/ ou nascimento alheio ao ser*». Ou na página 51: «Mas afinal/ que se tenha nascido e que se vá morrer/ até está certo (...) quando o único lugar possível de habitar/ é o topo vazio da amplidão informe/ a que somos alheios». Ou ainda na página 54 «que se tenha nascido para morrer/ até está certo/ o assunto todo afinal é mesmo esse/ já que por mais que doa/ nos não somos/ nem antes/ nem depois/ mas só durante/ e embora grávidos de espanto/ *sem origem sem meta e sem abrigo*».

Que podemos sublinhar nestas várias citações (pondo de lado as «interpretações» dos que têm, por intuição, uma «ideia» global do livro, e depois «deduzem» essa «ideia» de um só poema a citar — menos estruturalmente possível, é claro)? Podemos ver a referência repetida a *noite* (a vida é uma longa noite que se deve assumir lùcidamente). Podemos ver o termo *informe*, que nos remenvia ao poema inicial do volume, já citado. E devemos observar a dupla indicação de que *não há abrigo* — cuja importância acentuaremos mais adiante.

Se o *dualismo asfixiante* é o do nascimento e da morte, limites equivalentes a circunscrever um vazio poderiamos encontrá-lo ainda noutros lugares: na relação homem-mulher, na face a face, no jogo dos espelhos. É interessante notar até que ponto em Helder Macedo os elementos obsidiantes são os limites e os espelhos. Ora os espelhos são limites, porque definem um espaço, uma clausura. São também a negação dos limites, porque, remetendo-se recíproca e ilimitadamente, instituem o infinito e a desmesura. E, contudo, como não-limites, eles são ainda limites, porque *neles o infinito é sempre a infinitude do mesmo, na sua ilimitada repetição.* — mas barrando radicalmente o conhecimento do Outro: dualismo, e asfixiante. Assim podemos ler: «As sombras pré-existem os destinos/ como a morte pré-existe a vida/ mas a luz que as sombras libertaram/ projectadas/ *somos nós aprisionados livres/ nos espelhos paralelos/* duma sombra e sua ausência» (79). Ou então: «*Porque nasci entre espelhos/* existo para além da minha imagem/ que será minha/ quando me encerrar/ no espelho final da minha vida» (73).

A RELAÇÃO FACE A FACE

Se os espelhos paralelos definem uma primeira clausura, versão do dualismo asfixiante, eles sugerem pela imagem da dualidade o valor do «face a face»: um primeiro romper dos limites, como veremos, ilusório: «Quebrado o espelho/ estamos face a face» (41). A relação face a face vai-nos permitir determinar a função do amor na poesia de Helder Macedo. Pelo menos numa primeira modalidade, ela será sempre uma forma desesperada de frustração. Primeira definição na página 20: «Amor, rito de raivas e de espuma/ caminho cego no sacral mistério/ do pleno sacrifício irreversível». A relação caracteriza-se pela «secreta angústia do desejo» (22). Amar é um modo de destruição. É ainda uma forma de viajar «dentro da morte» (44). E, diz-nos o poeta, «porque nasci entre espelhos» /.../ ao amor que tu me deres/ não posso devolver/ nada mais que a minha vida passageira/ meu espelho paralelo/ meu amor que só sem mim me podes possuir» (73). Em Helder Macedo, o amor aparecerá sempre expresso na sua poesia como satisfação solitária a dois, e revelação dolorosa no prazer do ilimitado mistério que o constitui como prazer. Numa primeira fase, esta frustração é penosa e desesperada. Num segundo momento ela simplificar-se-á. Só no poema «Sete» (pp. 92-93) encontramos outra saída possível como terceira hipótese: o valor de se haver tentado como exemplo transmitir aos filhos dizendo-lhes que «amar era bom como sabíamos». Contudo, nunca o amor ultrapassou este limite de ser experiência solitária e desolada: «Não me ofereças teu amor/ que dele não sa-

(Cont. na pág. 7)

COMPANHEIROS DE ARMAS

por konstantin SIMONOV

o grande repórter das guerras do nosso tempo

OS SENTIMENTOS DE CÓLERA, DE CORAGEM OU DE DESÂNIMO, EXPRIMEM-SE NESTE ROMANCE COM AQUELA RECONHECIDA ESPÉCIE DE GÉNIO TÃO CARACTERÍSTICA DA LITERATURA RUSSA

Uma edição Arcádia

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ RÉGIO

ACABA DE SAIR A 2.ª EDIÇÃO DE

A CHAGA DO LADO

sátiras e epigramas

JOSÉ RÉGIO

OUTROS VOLUMES PUBLICADOS:

POESIA: Poemas de Deus e do Diabo (7.ª ed., Ilust. pelo Autor) • Biografia (5.ª ed., Ilustr. por Júlio) • As Encruzilhadas de Deus (6.ª ed.) • Fado (3.ª ed., Ilust. por Stuart) • Cântico Suspenso • Mas Deus é Grande (3.ª ed.) • Filho do Homem (2.ª ed.)

ROMANCE, CONTO E NOVELA: Jogo da Cabra Cega (2.ª ed.) • Histórias de Mulheres (3.ª ed., incluindo Davam Grandes Passeios aos Domingos...)

TEATRO: Jacob e o Anjo (3.ª ed.) • A Salvação do Mundo (2.ª ed.) • Três Peças em Um Acto — «Três Máscaras», «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — o Outro» (2.ª ed.)

CRÍTICA E ENSAIO: Ensaios de Interpretação Crítica — Camões, Camilo, Florbela Sá-Carneiro • Três Ensaios sôbre Arte — «Em torno da Expressão Artística», «A Expressão e o Expresso», «Vistas sobre o Teatro»

NO PRELO:

Os Avisos do Destino (III vol. de A Velha Casa — 2.ª ed.) • As Monstruosidades Vulgares (IV vol. de A Velha Casa — 2. ed.) • Vidas São Vidas (V vol. de A Velha Casa — 2.ª ed.) • Benilde ou a Virgem-Mãe (drama em três actos — 2.ª edição)

PORTUGÁLIA EDITORA